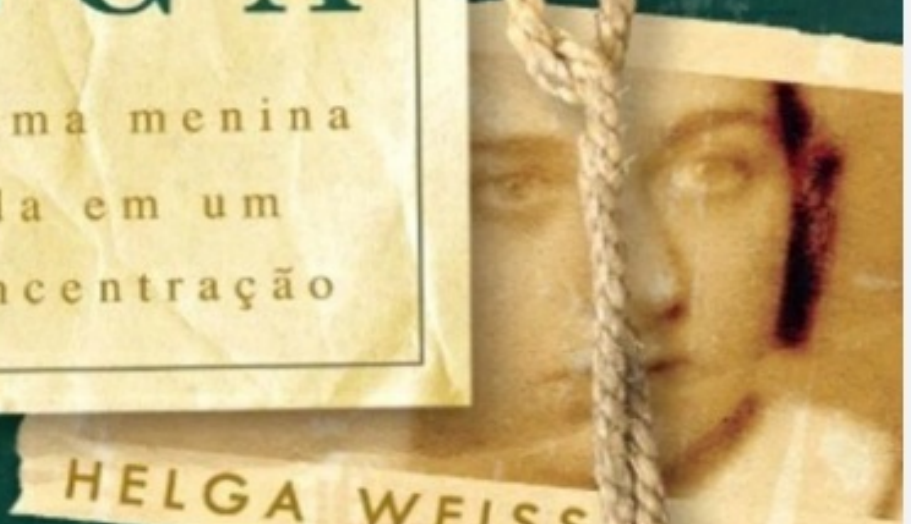
O DIÁRIO DE HELGA

O relato de uma menina sobre a vida em um campo de concentração



HELGA WEISS

intrínseca

O DIÁRIO DE HELGA

O relato de uma menina sobre a vida em um campo de concentração



HELGA WEISS

intrínseca

C

alcula-se que das 15.000 crianças que passaram pelo campo de i nternamento de Terezín, na antiga Tchecoslováquia, apenas 100

c hegaram com vida ao fim da Segunda Guerra Mundial. A respeitada

a rtista plástica Helga Weiss é autora de um dos mais comoventes t estemunhos do Holocausto. Aos 83 anos, ela vive em Praga, no mesmo apartamento em que morou com os pais antes da deportação.

E

m 1938, por ocasião da ocupação nazista em seu país, a menina de 8

a nos, filha de um bancário e uma costureira, começou a escrever e a d

esenhar suas impressões sobre tudo que aconteceu com sua família.

E

m um caderno, Helga narra a segregação dos judeus ainda em P

raga, a desumana rotina de privações e doenças de Terezín e sua p

eregrinação ao lado da mãe por campos de extermínio como

Auschwitz, onde escapou por pouco da câmara de gás.

Nota do organizador

Os manuscritos remanescentes de Helga consistem em dois cadernos grampeados e um maço de papéis soltos, que ela usou quando os cadernos terminaram. Com o correr dos anos, ela voltou a trabalhar neles várias vezes, reescrevendo e enxertando os textos originais, com diversas versões revistas, sendo uma delas uma transcrição antiga que também sobreviveu.

Embora a presente edição apresente as anotações de Helga na forma de um diário cotidiano, conforme a sua vontade, a composição original da obra é mais diversificada.

Os ca dern os

Os cadernos relatam a época em que Helga viveu em Praga e, mais tarde, no campo de concentração em Terezín. A evidência textual mostra que ela não mantinha registros diários; em vez disso, pegava o caderno a grandes intervalos de tempo e então fazia longas anotações cobrindo vários meses de uma só vez. Isso explica, em parte, o que seria uma consciência misteriosa do significado dos fatos, bem como contribui para dar conta de algum ocasional obstáculo cronológico, quando dois acontecimentos próximos no tempo têm sua ordem alterada.

O primeiro caderno começa com reminiscências da "infância" de Helga (lembremos que na época em que começou a escrever era apenas uma criança, com certeza com menos de quatorze anos) e prossegue relatando cenas e fatos do início da guerra, documentados numa mistura de narrativa passada e presente. O estilo narrativo é, com exceção das primeiras poucas páginas, notavelmente consistente, com Helga contando histórias como se as estivesse revivendo apenas alguns momentos depois de acontecerem.

A presente edição segue uma versão do texto que Helga montou após a guerra, reescrevendo as passagens sobre 1938 e o início de 1939, retirando parte de sua prosa infantil e elaborando-a na forma das seções sequentes, além de acrescentar datas ao longo de toda a obra. Portanto, apesar de agora parecer que se trata de anotações cotidianas num diário, originalmente não era assim. Isso explica a maturidade do estilo (o uso da narrativa em "presente histórico"), muito improvável para uma criança de oito ou nove anos.

Helga editou o texto dos cadernos após a guerra ao fazer sua versão datilografada. Nesse trabalho, removeu alguns dos comentários e episódios que talvez parecessem críticas exageradas a pessoas (que possivelmente ainda estavam vivas naquele momento) e cortou alguns dos episódios discursivos e repetitivos que considerou ser de pouco interesse. O processo de edição foi mantido sob vontade expressa de Helga, de modo que aquilo que os leitores têm diante de si é a versão pós-guerra, e não o texto original. Aproximadamente um quarto dos escritos dos cadernos foi excluído, e outro quarto passou por algum processo de edição estilística. Em alguns trechos, Helga introduziu observações adicionais depois da guerra, assinaladas nas notas no final do livro.

O segundo caderno de Helga termina com uma anotação referente à chegada da

família em Terezín, em 1941, e sua separação. Foi escrito aparentemente em 1943, pois no texto Helga diz que

se lembra da cena “mesmo agora, dois anos depois”.

Os escritos em folha s solta s

O que sobrevive em forma manuscrita a partir dessa data são folhas de papel soltas, algumas possivelmente redigidas quando ela estava no campo e muitas outras depois da guerra. Nesse ponto, podemos apenas fazer suposições quanto à data de origem de cada uma, com base no papel em si e na caligrafia. Aqui, mais do que nos cadernos, é visível um substancial processo de edição diretamente nas páginas manuscritas. Como não foram numeradas ou datadas, na medida em que foram embaralhadas e arquivadas sem qualquer ordem ao longo dos anos, a sequência original se perdeu. Ademais, quando Helga escreveu e editou seu trabalho após a guerra, obras de referência sobre o Holocausto eram poucas e espaçadas, de modo que, em vez de trabalhar segundo uma cronologia estrita, muitas vezes ela redigiu e agrupou as anotações por tema. Por exemplo, onde havia mencionado um evento cultural, ela incluiu os nomes de um ou dois outros aos quais também assistiu.

Assim, foi necessário um pouco de pesquisa e interpretação para pôr essa seção numa ordem que fizesse sentido, sem trair o que estava nas páginas originais. Ao traduzi-la, utilizei o texto de Helga editado, autorizado e, na medida do possível, segui sua sequência. No entanto, em alguns pontos, coloquei as anotações numa ordem diferente daquela sugerida por Helga, pois assim pude respeitar a composição dos manuscritos originais. Algumas discrepâncias ainda permanecem, devido à forma temática na qual as entradas foram compostas, mas as notas direcionarão os leitores a quaisquer questões remanescentes com referência à linha temporal dos acontecimentos.

O texto fin a l

A última seção do diário é escrita de modo semelhante, em formato de diário, mas foi composta necessariamente, conforme Helga explica no Prefácio, no seu retorno a Praga após a guerra, em 1945 e 1946. Seus originais não sobreviveram, de modo que ele se baseia totalmente na transcrição pós-guerra. Sua composição ainda é em forma de diário, prosseguindo no mesmo estilo que Helga utilizara no seu relato em tempos de guerra. Na nossa entrevista (acesse aqui), Helga explica

por que escreveu essa terceira seção em formato de diário.

Tra duçã o e forma to

Na minha tradução para o inglês, procurei respeitar a visão de Helga de um texto legível para as sensibilidades modernas, ao mesmo tempo que me mantive fiel à sua versão autorizada. Minhas próprias alterações foram, portanto, mínimas. Para começar, lá estão as lacunas, os saltos e repetições, e nossa tarefa como leitores modernos é tentar construir uma ponte entre o nosso mundo e aquele da infância de Helga, mergulhando nele.

Por esse motivo, os leitores encontrarão notas no final que explicam algumas das referências que



para Helga eram subentendidas. Em locais muitos ocasionais, inseri no texto principal uma ou duas notas adicionais para deixar claro um ponto de referência, mas a maioria delas é explicada nas notas.

Os parágrafos originais de Helga são frequentemente muito longos, então em alguns momentos tomei a liberdade de quebrá-los em dois para proporcionar aos leitores uma pausa entre pensamentos.

Helga escreveu seu diário ainda adolescente e, o que é compreensível para uma criança vivendo em tempos dramáticos, mencionava datas apenas de vez em quando. Datas como títulos para anotações são esporádicas no início, assim como inserções posteriores nas páginas soltas, e não são encontradas consistentemente até o texto datilografado pós-guerra; portanto, foram inseridas em momento posterior, da maneira que Helga melhor pôde se lembrar ou imaginar depois da guerra.

Deixamos as datas reconstituídas de Helga como auxílio para os leitores, mas em vez de tentar adicionar mais datas ao longo do texto, o que seria praticamente impossível, procuramos evitar confundir os leitores, uma vez que Helga troca de assunto e de tempos verbais, com dois tipos de quebra dentro do texto. Um intervalo maior com o arabesco

indica o início de um novo

episódio no diário, a introdução de um novo tema ou preocupação, muitas vezes,

mas não necessariamente, precedido de uma passagem de tempo maior, ou pelo menos definida. Um intervalo menor com asterisco (*) indica simplesmente que se passou algum tempo entre os parágrafos, talvez apenas algumas horas, ou então poucos dias, mas o assunto permanece o mesmo e a narrativa é essencialmente contínua. Essas quebras não correspondem a interrupções no original e não devem ser vistas como indicação de que Helga guardou o diário e o retomou mais tarde.

De forma semelhante, o diário é aqui apresentado em três partes — a primeira cobre as experiências em Praga, a segunda, a época de Terezín e a terceira, suas experiências posteriores —

mas os leitores devem saber que essas divisões não se encontram no texto original.

Acompanhei Helga ao mencionar os nomes de lugares em tcheco, a menos que exista uma versão consagrada, como Praga, ou a menos que o nome alemão seja mais familiar. Às vezes, como no caso de Brüx-Most, ela usa ambos os termos, sendo que me ative ao nome tcheco moderno do lugar para não confundir os leitores.

O diário de Helga contém algumas palavras em alemão que descrevem lugares e atividades nos campos. Como ela escreveu em tcheco, sua língua materna, preservei muitas dessas inserções para dar um sabor do original. Leitores tchecos de hoje se debateriam com essas palavras de forma idêntica aos leitores do inglês, e de outros idiomas. Alguns poderão achar estranho uma palavra alemã estar misturada com uma terminação inglesa (*Krankenträgers*, significando “carregadores de macas”). Isso se reflete novamente no texto original, onde Helga vai incorporando mais e mais a língua oficial do campo — o alemão — em sua própria linguagem, adaptando-as às exigências de flexão de seu tcheco nativo. Em muitos lugares, porém, forneci uma tradução ou explicação para não atrapalhar demais os leitores. Um breve glossário de palavras alemãs pode ser encontrado no final do texto, contendo muitos dos termos mais frequentes empregados por Helga. (Ela e eu discutimos algumas dessas palavras em maior detalhe na sua entrevista.)*

Muitos dos lugares mencionados no livro ainda existem, obviamente, até hoje e podem ser

visitados. Terezín, designado pelos alemães como campo de trânsito para judeus a serem deportados para campos de trabalho e extermínio em alguma outra parte do Reich, e mais tarde apresentado à comunidade internacional para alegar que os judeus tinham os direitos humanos respeitados, é um patrimônio nacional tcheco. O Palácio do Comércio (Veletržní palác), uma edificação de 1920

localizada em Holešovice, bairro na parte norte de Praga, é atualmente um centro de exposição pertencente à Galeria Nacional (embora o vizinho Palácio do Rádio, onde ocorria efetivamente a internação dos judeus, tenha sido derrubado; uma placa, desenhada por Helga, marca sua localização). E outros campos onde Helga esteve aprisionada, tais como Auschwitz-Birkenau e Mauthausen, estão igualmente abertos ao público.

Helga, aliás, ainda vive no apartamento onde nasceu e onde transcorreram os acontecimentos iniciais de seu diário.

Ag ra decimen tos

Ao preparar esta tradução recorri a muitas fontes, inclusive os sites oficiais do Monumento Nacional de Terezín, o portal educacional holocaust.cz, o projeto Vedem, o Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, a enciclopédia *YIVO*, o Museu Judaico de Praga, a cidade de Terezín, a Galeria Nacional Tcheca, o Serviço de Informação de Praga, o Mauthausen Memorial, a Rádio Tcheca e o Instituto de Iniciativa de Terezín. Os sites ghetto-theresienstadt.info, fronta.cz, jewishgen.org e vysocina-news.cz foram fontes importantes. Outras entrevistas na web com sobreviventes do Holocausto propiciaram um contexto importante e corroboraram informações, tais

como hermanova.de,

holocaustresearchproject.org,

historycz.edublogs.org

e

holocaustcenterbuff.com.

Entre os livros que consultei estavam *Theresienstadt: das Antlitz einer Zwangsgemeinschaft*, de Hans Günther Adler, *Theresienstadt: Hitler's Gift to the*

Jews, de Norbert Troller, *The Terezín Diary of Gonda Redlich* (editado por Saul Friedman e traduzido por Laurence Kutler), *Music in Terezín, 1941-45*, de Jože Karas, *In the Shadows of the Holocaust and Communism: Czech and Slovak Jews since 1945*, de Alena Heitlinger, e *Pokoj č. 127*, memórias de seis sobreviventes de Terezín, Tom Luke, Mordechaj Livni, Chava Livni, Petr Herrmann, Eva Ročková e Jan Roček.

Sou grato também ao tradutor Edgar de Bruin, por sua valiosa colaboração na reconstrução da cronologia do diário; a Luděk Knittl, pela sua assistência linguística; a Andrew Swartz, pelo apoio moral; e ao editor do Reino Unido, Will Hammond, pela orientação paciente e segura para o projeto, do começo ao fim.

Neil Bermel

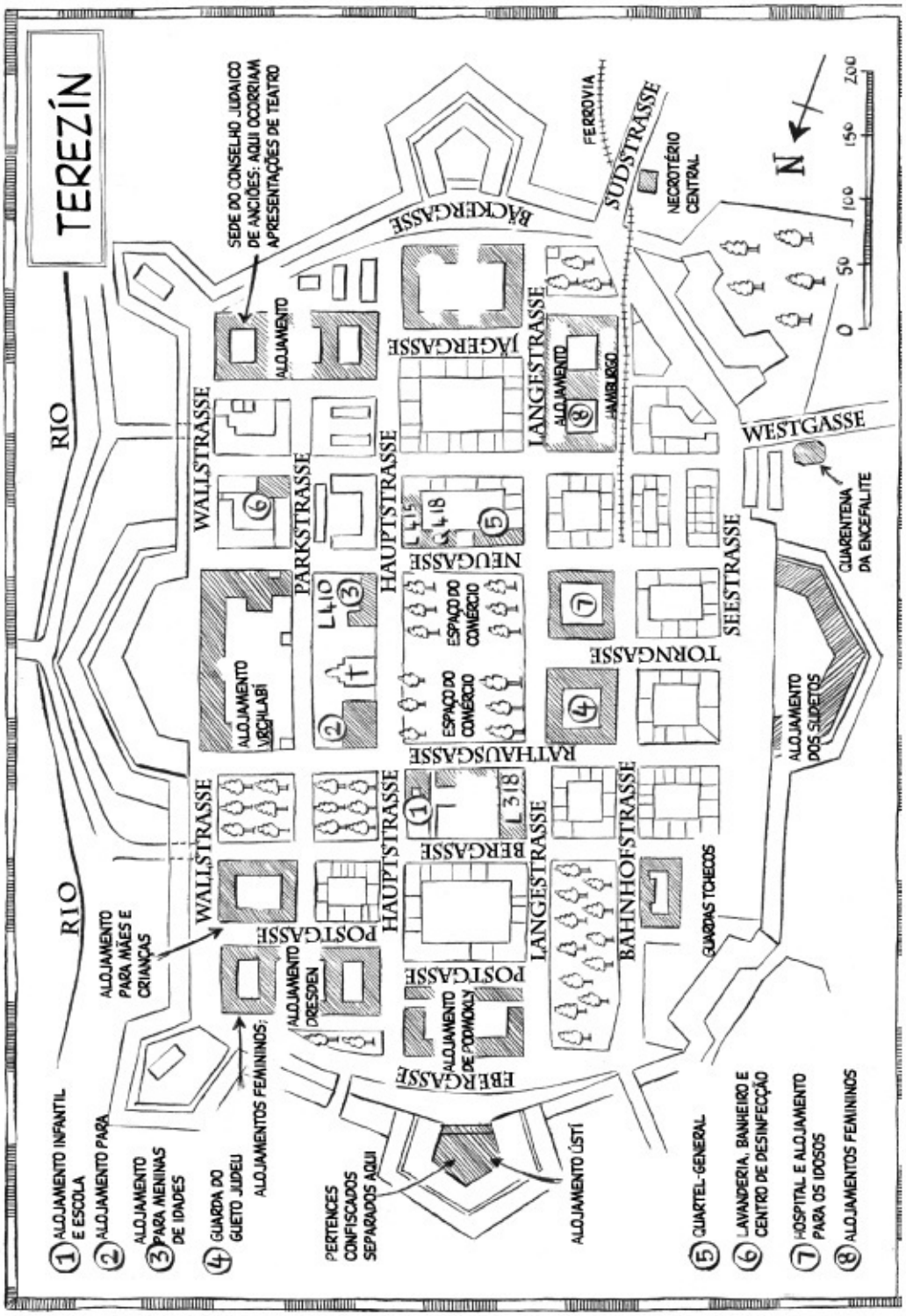
Universidade de Sheffield, 2012

* Para o português, procurei manter o mesmo espírito do tradutor para a língua inglesa, porém optei por evitar ao máximo as terminações em inglês. Nestes casos, busquei me manter fiel ao termo original em alemão. (N. do T.)

Mapas

Na visualização das imagens a seguir em tablets, recomendamos aos leitores que travem a rotação automática de seus aparelhos.


JORNADA DE HELGA
BERLIM
VARSÓVIA
O REICH ALEMÃO
GOVERNO GERAL da POLÔNIA
(OCUPADA PELO REICH ALEMÃO)
LEIPZIG
BAUTZEN
DRESDEN
GÖRLITZ
BRESLÁVIA
FREIBERG
CHEMNITZ
KÖNIGSTEIN
TEREZÍN
TRAVČICE
TRIEBSCHITZ
MOST
ŘÍP
KATOWICE
CHOMUTOV
CERHENICE
CRACÓVIA
KŘIVOKLÁT
BIRKENAU
PRAGA
ÚVALY
HORNÍ BŘÍZA
AUSCHWITZ
FLOSSENBÜRG
PLENZ
PROTETORADO DA BOÊMIA E MORÁVIA
OSTRAVA
DOMAŽLICE
HORAZDOVICE
KLATOVY
LÍPA
BRNO
RIO DANÚBIO
ESLOVÁQUIA
0 50 100
QUILÔMETROS
ROTA PROVÁVEL
ROTA POSSÍVEL
MAUTHAUSEN
VIENA
LINZ
HUNGRIA



Prefácio

Com a idade, a pessoa retorna cada vez mais ao passado. Para minha surpresa, descubro agora que jamais o deixei. Após alguns anos voltei a ler meu diário —

com cuidado, do começo ao fim —

com um pouquinho de nostalgia, admito, e em muitas partes com imensa emoção.

Não sei como começar a escrever um prefácio para meu diário, ou por que deveria fazer isso. O

essencial foi registrado há mais de sessenta anos. Anotei minhas experiências e pensamentos, primeiro em cadernos escolares, depois em folhas soltas de papel. A redação é infantil e o estilo, prolixo, ingênuo. Ainda assim, é um retrato fiel do tempo em que a minha geração viveu, cresceu e morreu. Muito já está escrito, muitas coisas foram esquecidas, por vezes algumas questões foram deliberadamente suprimidas e distorcidas. Eu gosto de arrumação e não quero deixar uma bagunça atrás de mim. Já é hora de pôr as minhas coisas em ordem.

No decorrer dos anos, um grande número de documentos se acumulou. Não gosto de ficar percorrendo a papelada, de modo que a minha é um pouco caótica. Foi assim que me deparei com meu diário, posto de lado muitos anos atrás e quase esquecido no fundo da gaveta. É um maço de papéis amarelados, escritos a lápis, em alguns pontos impossíveis de ler. Eu acompanho os tempos; aprendi a usar o computador e, página por página, digitei e imprimi.

Me peguei apagando coisas, abreviando sentenças longas, omitindo trechos, escolhendo palavras e expressões mais apropriadas. Alguns poderiam discordar, dizendo que é necessária uma edição profissional. No entanto, minhas experiências nesse sentido não são muito boas. Muitos artigos, programas de rádio e relatos já foram escritos sobre as minhas aventuras. É comum que intervenções editoriais mudem completamente o sentido, distorcendo ou falseando fatos reais.

Receio que, com as mudanças, a autenticidade e a força da narrativa se percam. Que os leitores tratem este diário de forma tolerante e o aceitem pelo que ele é.

Meu diário começa em Praga, em 1938; descreve a ocupação da Tchecoslováquia e as condições ali — basicamente as diretivas antijudaicas no Protetorado e a vida no gueto de Terezín. Antes da nossa deportação de Terezín para Auschwitz (setembro de 1944), dei o diário ao meu tio Josef Polák, que o pegou junto com meus desenhos e os guardou dentro de uma parede de tijolos num prédio, preservando-os. Logo após a guerra (1945-1946), terminei meu

diário de Terezín e anotei tudo o que havia vivenciado em outros campos de concentração (Auschwitz, Freiberg e Mauthausen), onde não houve oportunidade de escrever.

Registrei esses acontecimentos conforme ocorriam nas minhas lembranças, redigindo espontaneamente, rapidamente, sob a pressão das experiências que me inundavam. Escrevi em folhas de papel soltas, sem sequer numerar as páginas. Não me ocorreu conferir as datas — em muitos casos eu nem mesmo as anotei — e, em todo caso, naquela época os historiadores estavam apenas começando seus estudos. Publicações acadêmicas só apareceram muito mais tarde, depois de eu ter terminado as anotações.

Ao preparar meu diário para publicação em forma de livro, não foi fácil colocar os acontecimentos em ordem cronológica. Se não fui bem-sucedida, que meus leitores sejam

tolerantes. Não sou historiadora e esta não é uma obra acadêmica. Minha prioridade, o mais fundamental para mim, eram os fatos e as experiências, e disso eu me recordo com bastante precisão até hoje.

Fatos confiáveis podem ser encontrados na literatura especializada. Pelos livros de história, os estudantes descobrem que durante a Segunda Guerra Mundial pereceram seis milhões de judeus. Os números exatos foram calculados e preservados em bancos de dados. Tudo o que se precisa fazer é clicar no computador; as datas e os números surgirão.

Cada número, porém, contém um destino humano, uma história. Meu diário é apenas uma delas.

Encerrei minhas anotações com nosso retorno a Praga em 1945 e as palavras “finalmente em casa”. No entanto, não havia casa à qual retornar. Minha mãe e eu não tínhamos para onde ir; meu pai jamais voltou e nosso antigo apartamento fora ocupado. Eu tinha quinze anos e meio, e, acima de tudo, precisava recuperar anos de estudo perdidos. Começamos uma vida nova.

Helga Weiss

Praga, 2012

1. Praga

O que querem dizer com “mobilização?”1 Todos os jovens precisam se apresentar. Por quê? Há pouco tempo tudo girava em torno da Áustria2 e, agora, outra vez a mobilização. As pessoas não conseguem falar sobre outra coisa. Mas o que é? Por que meus pais não estão em casa hoje? Em vez de me contarem sobre o que se trata essa mobilização, eles saíram para escutar o rádio. De qualquer maneira, é uma desculpa, já que poderiam ouvir o rádio em casa. Devem ter ido à casa de amigos para falar sobre a mobilização. O que eles pensam de mim? Que ainda sou uma menininha com quem não podem conversar? Já sou crescida; logo completarei nove anos.3 Meu Deus, que horas os sinos estão batendo? Preciso ir à escola amanhã e ainda não estou dormindo. Essa mobilização boba me fez esquecer completamente a escola.

Que ataque aéreo? Para o porão — agora, à noite? Por que você está me acordando, mamãe? O

que aconteceu? O que está fazendo? Não pode vestir minhas roupas por cima do pijama...

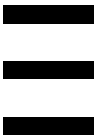
O gongo soou no pátio de entrada, chamando-nos para o abrigo. Meu pai andava impaciente pelo vestíbulo, e minha mãe mal tinha enfiado as calças de ginástica em mim antes de corrermos para o porão. O porteiro abriu a velha despensa, que supostamente serviria como abrigo. Não havia muito espaço; estávamos amontoados, mas ao menos coubemos todos. No começo ninguém falou, mas os olhos assustados perguntavam: “O que vai acontecer? O que isso significa?” No entanto, pouco tempo depois, os ânimos melhoraram. Os homens tentaram acalmar as mulheres, embora estivessem igualmente preocupados. Tinham mais autocontrole e faziam piadas. Mais ou menos trinta minutos depois, o toque das sirenes anunciou o fim do ataque aéreo. Todos voltaram aos apartamentos. Os pais de minha amiga nos convidaram a passar a noite em sua casa. Eles mandaram que Eva e eu dormíssemos; nossos pais ficaram no outro quarto, onde escutaram o rádio. Dormir estava fora de questão. Por que nós, crianças, precisávamos dormir se todos estavam acordados? E, quando enfim fechamos os olhos, a sirene soou novamente. Aconteceu mais três vezes naquela noite e, a cada vez, fomos para o abrigo.

Não dormimos. Nós, as crianças, mal podíamos esperar pela manhã. Tínhamos tanta coisa para contar na escola! Talvez nem houvesse aula; seria uma maravilha. Os adultos tinham outras coisas com que se preocupar, então não ficaram tão felizes quando a sirene disparou. Mas felizmente tudo acabou bem.

Eram apenas alarmes falsos e não houve ataque aéreo.

*

De manhã, fui à escola. As aulas não serviram para muita coisa. Todos estavam nervosos e cansados por causa da noite anterior. Contamos nossas aventuras noturnas uns aos outros. Tínhamos assunto para o dia todo. Depois do almoço (que não foi muito bom, ninguém tinha muita disposição para cozinhar), todo o prédio se reencontrou no abrigo. Desta vez, não foi por causa de um ataque aéreo, mas para limpá-lo caso precisássemos passar outra noite ali. Jogamos fora todo o lixo; as mulheres puseram-se a varrer e a esfregar enquanto os homens montavam estojos de primeiros socorros e abriam uma saída secreta. As mães prepararam camas improvisadas, usando os armários



onde antes se guardavam alimentos. Finalmente, todos trouxeram uma mala com suprimentos para o abrigo. Conversamos por um tempinho e, então, todos foram para casa e esperaram ansiosamente o que a noite nos traria. Contra todas as expectativas, não tivemos problemas. Ainda assim, meu pai e o pai de Eva decidiram que era perigoso demais permanecer em Praga. Naquela tarde, saíram em busca de um apartamento apropriado fora da cidade, onde a gente poderia ficar enquanto houvesse perigo. Eles alugaram dois quartos numa pequena casa afastada, no vilarejo de Úvaly.4 Enquanto isso, nossas mães fizeram as malas e partimos no dia seguinte.

Quando vimos que não havia perigo ameaçando Praga, voltamos para casa. Nesse período, nosso presidente, Eduard Beneš, renunciou e Emil Hácha assumiu seu lugar. Isso foi chamado Segunda República.5 Houve paz por algum tempo, mas não muito. Um dia, o novo presidente foi chamado a Berlim, onde haveria discussões sobre o futuro da Tchecoslováquia. Houve muita agitação em todo o país. As pessoas sentiam que nada de bom sairia dali. E não se enganaram.

15 de março de 1939

De manhã, quando acordei, meus pais estavam sentados junto ao rádio, com as cabeças baixas. No começo, não soube o que havia acontecido, mas logo

entendi. Uma voz trêmula soava pelo rádio:

“Hoje de manhã, às seis e meia, o exército alemão atravessou a fronteira com a Tchecoslováquia.”

Não entendi exatamente o significado dessas palavras, mas senti que havia algo terrível nelas. O

locutor repetiu diversas vezes: “Permaneçam calmos e tranquilos!” Continuei na cama por algum tempo. Meu pai chegou e sentou-se ao meu lado. Ele estava sério e muito preocupado. Não disse uma palavra. Peguei sua mão; estava tremendo. Ficamos em silêncio, quebrado apenas pelo débil tique-taque do relógio. Havia algo pesado no ar. Ninguém queria interromper aquele silêncio estranho. Permanecemos assim por vários minutos. Então me vesti e fui à escola. Minha mãe me acompanhou. Ao longo do caminho, encontramos rostos familiares e desconhecidos. Podia-se ler a mesma coisa em todos os olhares: medo, tristeza e a pergunta: “O que vai acontecer agora?”

Na escola, o clima era de tristeza. Os papos alegres e os risos despreocupados das crianças se transformaram em sussurros assustados. Grupos de meninas mergulhadas em conversas podiam ser vistos nos corredores e nas salas de aula. Quando o sinal tocou, a gente foi para as salas. Não houve muita aula. Estávamos distraídos e ficamos aliviados quando o sinal tocou mais uma vez. Depois da aula, vários pais esperavam os filhos. Minha mãe foi me buscar. A caminho de casa, vimos montes de carros e de tanques alemães. O dia estava gelado; chovia, nevava, o vento uivava. Era como se a natureza protestasse.



Desta maneira, fomos colocados sob a “proteção” do Reich alemão, sem saber como ou contra o que estávamos sendo protegidos. Ganhamos também um novo nome. Em vez de Tchecoslováquia, fomos chamados de Protetorado da Boêmia e Morávia.

Desde 15 de março não se passou um dia calmo. Houve ordens, uma depois da outra, que nos reprimem e ferem mais e mais. Não se passa um dia sem uma nova turbulência. O pior recaiu sobre nós, os judeus. Eles jogam tudo em nossas costas. Somos a causa de uma coisa depois da outra e tudo é culpa nossa, mesmo que não tenhamos feito algo errado. Não podemos evitar ser judeus nem qualquer dessas coisas. Ninguém pergunta; eles simplesmente sentem que precisam despejar sua raiva em alguém; e quem melhor do que — é claro — os judeus? O antissemitismo está crescendo; os jornais estão cheios de artigos contra os judeus.

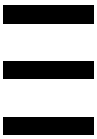
*

Ordens antijudaicas estão em ascensão. A notícia de que judeus não poderiam ser empregados em cargos governamentais causou agitação entre as famílias. Depois, nenhum ariano6 (antes uma palavra desconhecida) poderia dar emprego

a um judeu não ariano. Agora, elas continuam vindo, repetidamente, ordem após ordem. Mal se sabe o que se pode ou não fazer. É proibido ir a cafeterias, cinemas, teatros, parques... É tanta coisa que nem consigo lembrar. Entre outras, houve uma ordem que realmente me deixou chateada: a expulsão das crianças judias de escolas públicas.

Quando descobri, fiquei triste. Depois das férias, eu passaria para o quinto ano. Gosto da escola, e a ideia de nunca mais me sentar numa carteira escolar com outros alunos me faz chorar. Mas eu preciso aguentar; outras coisas esperam por mim e muitas delas, sem dúvida, serão piores.

Placas em alemão e tcheco em um parque infantil em Praga, 1939. Na mais alta está escrito: "Judeus não são permitidos".



1o de setembro de 1939

A guerra estourou. Ninguém se surpreendeu. Do jeito como as coisas se passavam, a gente contava com isso. Por mais horrível que fosse a perspectiva de chegarmos a uma guerra mundial, é a única esperança — não só para nós, mas para todos os povos escravizados — de ter um amanhã mais feliz.

*

Antes do fim das férias, meu pai me inscreveu num grupo para que eu pudesse continuar os estudos.

Não é como a escola, mas estou me acostumando e começando a gostar dessa nova maneira de aprender. Nosso grupo é composto por cinco meninas judias. Nossas professoras são duas jovens estudantes que abandonaram a escola pela mesma razão que nós. As reuniões se revezam entre os apartamentos de cada uma de nós. Em vez de um prédio escolar, como estávamos acostumadas, um apartamento comum; em vez de uma sala de aula, um quarto de criança. As carteiras são substituídas por cadeiras simples e por uma mesa; o grande quadro-negro, por uma pequena lousa infantil.

28 de outubro de 1939

Outra ordem perturbadora. Desta vez, para variar, não se refere aos judeus, mas aos universitários.

Todas as universidades serão fechadas porque alguns estudantes tentaram fazer um protesto. Um deles foi morto. No funeral, repetiu-se o protesto. Mas nada foi conseguido exceto uma porção de jovens sendo arrastados para campos de concentração.

As prisões nunca param. A polícia alemã “Gestapo”7 esbraveja por Praga e prende qualquer um que lhe convenha, como dizem. A cidade está cheia desses homens da Gestapo, em uniformes e à paisana. Eles espalham terror aonde vão e todos têm muito cuidado para não cair em suas garras.

Embora as pessoas façam o máximo para se manter a distância, muitos azarados são vítimas de ciladas ardilosas. O perigo espreita a cada passo. Quando saímos de casa, não sabemos se voltaremos.

A esta altura, poucas famílias não têm alguém próximo e querido num campo de concentração.

Graças a Deus fomos poupados até agora.

Outono de 19408

Lentamente, nós nos acostumamos ao novo regime. Ficamos entorpecidos. Mesmo os decretos mais rígidos não nos desesperam. E são muitos.

Todos os negócios precisam ser germano-tchecos. (Alguns dos mais entusiasmados levam a coisa

[redacted]

muito a sério e só utilizam o nome alemão nas fachadas de suas lojas.) Foi adicionado um aviso aos cardápios de todos os restaurantes, impresso em letras grandes para ninguém deixar de ver: “Judeus não são permitidos — *Juden nicht zugänglich*.” O mesmo aviso apareceu na entrada de todos os estabelecimentos de diversão, lojas de doces e barbearias. O contato com judeus está sendo limitado.

Ainda assim, minhas amigas arianas não deixaram de me visitar. Elas trazem suas anotações escolares, que meu pai usa como guia, pois desde o Natal é ele

mesmo quem me dá aulas.

Assim passei um ano inteiro. Fui aprovada na prova da escola judaica e recebi meu boletim.9 Só notas máximas. Por que não me sinto satisfeita como antes? As notas ainda me alegram, mas me enche de tristeza saber que passarei as próximas férias em Praga.

No ano passado, mesmo sem ter sido tão bom quanto no ano anterior, ao menos viajamos para o campo. Para uma cidadezinha — era mais como uma aldeia — chamada Cerhenice. Meu pai trabalhou lá, numa fazenda. Ele foi voluntariamente, como tantos, para não ser convocado para outro trabalho manual. Com certeza não foi ideal, mas, como não havia muitos apartamentos de verão que os judeus pudessem alugar, fiquei bastante feliz. Era longe do bosque. Só nadei duas vezes, no início, antes da ordem — "Judeus estão proibidos de nadar no rio" — apenas para evitar, Deus nos livre, que poluam o rio antes que os arianos possam se banhar. Mas os parentes que nos receberam tinham um grande jardim e uma piscina — pequena, mas ainda assim uma piscina.

Quatro de minhas primas distantes viviam na aldeia e outros parentes nossos tinham duas filhas.

Então, éramos sete, o suficiente para brincarmos felizes.

Foi um verão divertido e, mesmo assim, não fiquei satisfeita. Não como nas outras férias. O que eu não daria hoje para ir até lá! Mas é impossível. Judeus não têm permissão para se afastar mais de trinta quilômetros de suas residências. Praga no verão, ruas cheias de poeira, ui! Serão minhas primeiras férias na cidade.

Esses pensamentos giram em minha cabeça; por isso meu boletim não me trouxe alegria. Mas e daí? Há crianças que nunca foram ao campo. Por que não posso experimentar uma vez? Afinal, é só uma vez. No próximo ano, as férias serão melhores. É claro que serão; afinal, isso não vai durar para sempre.

Verão de 194110

E as férias chegaram. Todas as crianças arianas viajaram. A única amiga que ficou foi Eva — mas não a Eva que mora em nosso prédio, ela não é minha amiga há um bom tempo. Desde que Hitler surgiu, ela me olha com desprezo; provavelmente pensa que é melhor do que eu. Se isso a faz feliz, não vou

estragar sua alegria.

Então, só Eva ficou. Passamos os dias juntas. O prédio dela tem um jardim pequeno, onde a gente brinca. As áreas de sombra funcionam como uma floresta; o tanque cheio de água representa um rio. Brincamos por dias a fio e somos ótimas amigas. Nossos pais também se tornaram próximos. Nos domingos, quando o tempo está bom, fazemos viagens curtas. Quando o tempo está ruim, nós nos visitamos. Chegamos depois do almoço e ficamos juntos à noite. Quero dizer, até



quinze para as oito, porque não podemos estar na rua depois das oito horas. Nunca queremos ir embora e sempre ficamos ansiosos pelo dia seguinte, quando voltaremos a nos ver. Então se passa dia após dia; as tardes ficam mais curtas, o ar se torna mais frio. As férias estão chegando ao fim.

Passou tão depressa! Não foi tão ruim em Praga; eu tinha imaginado algo muito pior. As crianças estão voltando das férias; as aulas começarão em breve. Mal posso esperar. Voltarei ao grupo. Estou curiosa sobre nossa nova professora, os estudos e minhas colegas. Por que o tempo se arrasta tanto?

Estou contando os dias para o início do ano letivo.

31 de agosto de 1941

Finalmente: as aulas começam amanhã. Por um bom tempo não consigo dormir, pensando. Vou gostar do grupo? As aulas serão difíceis? Como serão minhas colegas? Haverá meninos? Muitas perguntas e nenhuma resposta. Rolo na cama, sem sono. Ouço o relógio bater onze horas. Ainda não consigo dormir. Agora temo não estar descansada pela manhã. Tento me forçar a cochilar.

Conto até cem, mas não adianta. Mais uma vez, e outra, estou adormecendo...

Meu sono é inquieto; rolo, me viro e tenho sonhos estranhos. De manhã, sou a primeira a levantar; tenho medo de me atrasar e não consigo ficar na cama. Ainda falta bastante para ir e já estou pronta. Apresso meu pai, que deveria me acompanhar. Por que ele está tão lento? Faz tudo sem pressa, e eu vou chegar atrasada!

Finalmente ele está pronto e saímos. Pegamos o bonde. Não é longe; são apenas três paradas.

Meu Deus, tudo hoje está se arrastando. O bonde segue devagar; queria já estar na escola. Hora de saltar! Pulo do bonde pela parte de trás — é claro que não seria pela frente, não é? Aquela parte é só para arianos.

Entramos no prédio cujo número recebemos e paramos na porta do segundo andar. Meu coração bate rapidamente quando a mão do meu pai toca a campainha. Sinto-me como uma garotinha que vai à escola pela primeira vez. A porta se abre devagar e há uma jovem parada ali, minha futura professora. Examino-a de cima a baixo. Depois de uma breve conversa, meu pai vai embora, deixando-me sozinha. A professora me leva para sua sala, nossa sala de aula. Há uma mesa comprida e dez cadeiras. Então seremos dez alunos, suponho. Pensei que seria a primeira, mas já há um menino ali, meu futuro colega.

Sento-me numa das cadeiras e olho ao redor. O tempo se arrasta de novo. Troco vários olhares com o garoto, mas ainda não nos falamos. A porta se abre mais uma vez e entram três meninos. E

aí mais um e mais dois. Minha nossa, serão apenas meninos? Todos se conhecem; todos estudaram aqui no ano passado. Eles têm muito a conversar e mal notam minha presença.

Olho pra eles com curiosidade. Não conheço nenhum. Ou será que conheço? Este aqui, se não me engano, é Honza. Nós nos conhecemos anos atrás, quando estávamos no primeiro ano, e aquele

[redacted]

ali deve ser Jirka. Fizemos prova juntos. Um pouquinho depois, chega uma menina. Relaxo, meus medos eram infundados. Rapidamente puxo uma conversa com ela. Mais um garoto entra. São nove horas e a aula começa.

Durante o recreio, nós nos apresentamos. Já me sinto em casa. Sei o nome de cada um; preciso repeti-los para não esquecer. Ao meu lado está Petr, depois Jirka, e aquele ali — como ele se chama mesmo? Ahá, aquele é Pavel; depois outro Jirka e então Honza. Em seguida, um segundo Pavel e, ao lado dele, Luki e seu vizinho, o menino pequeno com um nome estranho: Aristides. Nós o chamamos de Ari. Depois vem Rutka e eu. Esse é o grupo inteiro. Vou precisar

repetir algumas vezes — talvez isso me ajude a lembrar.

Após o recreio, tivemos mais uma aula e nos separamos com um caloroso “Até amanhã”. Corri para casa, onde minha mãe me esperava; ela estava curiosa para saber se eu havia gostado do grupo.

Depois do almoço, irei à casa de Eva — hoje ela também esteve com seu grupo pela primeira vez, então teremos muito a conversar. Às três da tarde — o horário em que os judeus podem fazer compras —, compraremos algum material escolar. Estou ansiosa pelo dia de amanhã.

5 de outubro de 1941

Um mês se passou.11 Estou completamente à vontade em meu grupo. Além disso, nada mudou.

Vou à escola pela manhã e volto ao meio-dia, mesmo que a aula termine às onze. É porque todo o grupo vai ao parquinho — o parquinho judeu, é claro. Enquanto isso, meu pai está em casa, cozinhando. Pode parecer um pouco estranho, mas quase todos os judeus fazem o mesmo. O que mais poderiam fazer o dia todo? Afinal, faz três anos desde que perderam os empregos. É

maravilhoso o progresso que se pode fazer em três anos. Antes, meu pai não sabia preparar um chá e, agora, ele assa sobremesas e prepara almoços inteiros sozinho. Ele e o pai de Eva competem para ver quem limpa a cozinha mais depressa e se visitam para ver que chão brilha mais e quem tem os pratos e os fornos mais reluzentes.

Depois do almoço, quando termino o dever de casa, passeio com Eva. Geralmente no parquinho judeu. Estamos aprendendo inglês com meu pai. Estou me saindo bem e gosto de cada palavra que aprendo. Parece que poderíamos sobreviver mais alguns anos nesta vida. Infelizmente, os alemães pensam que estamos bem demais e concebem mais coisas para espezinhar nossa vida tranquila.

Desta vez, tiveram uma grande ideia que orgulharia até a Idade Média. Marcar os judeus de uma forma bem visível. Estrelas! Amarelo intenso, com a palavra *JUDE*.

São quase quinze para as nove. Vestir o casaco depressa, uma olhada rápida no

espelho para ver como a nova estrela amarela se destaca e é hora de ir para a escola. Meu pai está esperando; quem sabe como os arianos se comportarão quando nos virem marcados assim? É por isso que, excepcionalmente hoje, ele vai comigo. A primeira pessoa que encontramos é o zelador do prédio.

Por que ele está nos encarando? É claro: ele precisa ver como estão nossos novos distintivos.

Na rua, encontramos diversos tipos de olhares. Uma pessoa passa sem notar a estrela, pelo menos aparentemente (ninguém resiste a uma espiadela); outra sorri de maneira solidária ou encorajadora;



uma terceira ri, com zombaria e desdém cruzando-lhe a boca. Às vezes precisamos aguentar comentários, mas já estamos habituados. Entramos no bonde, no último vagão. Aqui as coisas parecem um pouco diferentes: uma estrela depois da outra. E à medida que nos aproximamos do centro da cidade, ele transborda de estrelas. Chegamos à nossa parada. Tranquilizo meu pai e digo que ele não precisa me buscar. Não tenho medo de voltar para casa sozinha; sei que nada vai acontecer. A reação não foi tão intensa quanto os alemães imaginavam.

Na escola, comparamos qual estrela está mais bem costurada. Mesmo não sendo agradável usá-la, fazemos brincadeiras. Nós nos acostumamos a outras coisas; vamos nos acostumar com isso também.

Realmente nada aconteceu e cheguei em casa a salvo.

Durante a tarde, saio para um passeio com Eva. Não para o parquinho — a gente ficou de propósito nas ruas movimentadas. É divertido encontrar outros judeus. Eles sempre sorriem, como se dissessem: “Fica bem em nós, não fica?” Contamos quantas estrelas encontramos e competimos sobre quem acha mais. Falamos com alegria e rimos alto. Que os alemães vejam que não estamos incomodados. Deliberadamente, mantemos rostos alegres e nos forçamos a rir. Deliberadamente, para irritá-los.

*

Estudantes judeus com a estrela amarela em Praga.

Mais um mês se passou.12 As estrelas se tornaram parte do cotidiano, como se sempre as houvéssemos usado. Mas outra coisa vem perturbar as famílias judias. É horrível, nunca houve algo parecido. Ninguém sabe ao certo, as pessoas simplesmente sentem. Parece que haverá

“transportes”.13 Esperamos que não seja verdade. Não, com certeza não é verdade, não pode ser!

Basta que alguém tenha uma ideia e a notícia se espalha como um incêndio descontrolado. Porém,

[redacted]

todos preferem estar prontos. Não sabemos o que vai acontecer e é melhor estar preparado e não ir a lugar algum do que parar no transporte inesperadamente. E, assim, apartamentos judeus aos poucos se transformam, ou melhor, se transformam com bastante rapidez, em depósitos de artigos para viagens.

Todos os apartamentos de judeus foram revirados, e o nosso não foi exceção. Em toda parte —

nas mesas, nas cadeiras e no piso — estão amontoados malas, mochilas, bolsas de viagem, sacos de dormir, roupas quentes, sapatos resistentes, cantis, pratos e talheres de metal, lanternas, estojos de primeiros socorros, frascos, álcool sólido,14 velas. Se eu quisesse fazer uma lista de tudo, o caderno não seria

suficiente.

*

Todos se preparam para viajar.

A notícia sobre os transportes não eram uma invenção e os preparativos não foram em vão.

12 de outubro de 1941

Agora é fato. “Vão fazer os anúncios esta noite”, podiam-se ouvir os judeus falando por toda parte.

Ontem à noite, centenas de famílias judias foram convocadas. Coitadas, nem puderam se preparar adequadamente; era noite de sábado. Hoje as lojas estavam fechadas15 e, na segunda-feira, eles devem partir. Se ao menos soubéssemos aonde vão...

Fala-se na Polônia, mas quem realmente sabe?

Em todo alvoroço por uma coisa, esquece-se de outra. Fazemos as malas febrilmente, cozinhamos e, no último momento, há despedidas. Graças a Deus, desta vez não havia ninguém de nossa família, apenas alguns conhecidos. Mas o que virá a seguir?

Mal a primeira leva põe os pés no Palácio do Comércio16 já se fala num segundo transporte. Só agora começa o verdadeiro empacotar. Em toda Praga, não há uma mala, mochila ou utensílio decente de sobra. Sempre que se passa por um apartamento judeu sente-se o cheiro de comidas recém-saídas do forno. As pessoas estão assando bolachas, biscoitos, bolos de Natal. Todos se preparam para a viagem.

15 de outubro de 1941

Me sento no bonde a caminho da aula. Na noite passada, houve mais convocações. Mais uma vez, minha família e a de Eva tiveram sorte. Agora veremos o que acontece na escola. A mulher sentada ao meu lado, coitada, está chorando. Alguém próximo a ela deve estar nessa leva.

Cheguei, tenho medo de entrar no prédio. Quem estará na classe? E, de repente, não aguento mais; quero saber o mais depressa possível. Subo correndo para o apartamento. Paro, hesito, abro a

porta da sala de aula com a mão trêmula. Olho ao redor com curiosidade. Nem preciso perguntar.

“Luki está nessa”, ouço uma voz embargada. Tomo meu lugar em silêncio. Então, Luki está nesse.17

Hoje nosso ânimo esmorece, de algum modo. A porta se abre e Luki aparece. Queremos afastar seus pensamentos tristes e tornar suas últimas horas entre nós agradáveis. Tentamos ser tão animados como sempre, mas as piadas simplesmente não vêm. O sorriso de Luki também está rijo.

Durante o recreio, fazemos planos; cada um de nós está pronto para trazer algo que comprou para completar o que ainda falta para Luki. E eles precisarão de muito; afinal, tiveram tão pouco tempo para se preparar... Luki recusa modestamente nossa ajuda, mas logo o convencemos. Que amigos a gente seria se não o ajudasse em tal situação?

Nessa tarde, todo o grupo vai ao parque. Todos juntos, pela última vez. Amanhã teremos um a menos. Procuramos não demonstrar, para que Luki possa esquecer um pouco o assunto, embora não totalmente. O pensamento volta sempre às nossas cabeças e não conseguimos mudar de ânimo.

O sorriso sempre morre em nossos lábios.

Aos poucos, escurece. Chegou o momento da despedida. Quero ir para casa, mas não consigo falar, as palavras não saem. E quando finalmente aquele fatídico “adeus” passa pelos meus lábios, preciso acrescentar rapidamente: “Quero dizer, até logo, volto já.” E assim, por três vezes eu volto.

Cada vez que estou prestes a ir embora, tenho que dar meia-volta. Afinal, é a última tarde que passamos juntos. A última. Nunca mais nos veremos. Até “algum dia”, quem sabe. É infantil acreditar nisso, mas não temos outro consolo.

Por fim, está totalmente escuro. Não há mais nada a fazer, preciso falar: “Então, adeus, Luki.”

Quão pobres são essas palavras, comparadas ao que eu gostaria de dizer, mas não consigo. Sinto minha garganta se fechar e essa única e curta frase sai numa voz tão estranha que assusta até a mim.

“Adeus” é a resposta dele, baixinho.

*

Houve outras convocações. Mais uma vez, nada. Desde que Eva não esteja nelas... Paro em sua casa antes de ir à escola. Nem tomo um desjejum decente; simplesmente corro até a casa dos Vohryzek.

Espero muito tempo diante da porta, com medo de tocar a campainha. Até tocá-la, posso ter esperança, mas depois... Não, não consigo imaginar. Não tenho coragem para tocar a campainha.

Atrás da porta, ouço vozes preocupadas. Eva aparece. Ouço duas palavras: “Estamos nesse.” Só duas palavras. Não consigo pronunciar nenhuma. Preciso buscar minha mãe para que ela ajude a empacotar as coisas.

Em casa, despejo, afobada, o que ouvi e corro para a escola; está mais do que na hora. Agora só falta alguém do grupo também estar na convocação. Chego, sem fôlego. Desta vez, ninguém foi chamado; eles apenas ficaram com medo de que eu tivesse sido, porque demorei a chegar. Fico distraída durante a aula; a professora sabe de Eva e não chama minha atenção. No recreio, não converso com ninguém. Penso em Eva. Se ao menos as aulas terminassem e eu pudesse vê-la... Mais uma hora. Não absorvo nada. Mais trinta minutos, quinze minutos; finalmente são onze e meia e a aula acabou.

Da escola, peguei o bonde, comi alguma coisa em casa e corri para a casa dos Vohryzek. O lugar

foi revirado. Malas jogadas por todos os lados, roupas, comida, pessoas agitadas. Há trabalho para todos. Escrevem números nas malas, costuram-nos nas bolsas, nas bolsas de viagem, nas roupas de cama. É preciso escolher roupas: o que vestir, o que levar na bagagem de mão — porque você pode contar com aquilo que carrega no corpo; somente os itens menos necessários vão para as malas.

Quem sabe se serão despachadas? Eles mandam a mim e Eva para a rua; só estamos atrapalhando.

Vamos até nosso lugar de sempre. Tentamos brincar, mas não conseguimos. A compreensão de que estas são nossas últimas horas juntas volta sempre a nós. Nem falamos muito. Por volta das oito horas, acompanho Eva até sua casa e volto com meus pais. Depois do jantar, vou me deitar. Minha cabeça dói e eu estou à beira das lágrimas. Enquanto estava com Eva, consegui suprimir o pensamento, mas agora, sozinha, tenho plena consciência pela primeira vez. Não adormeço até tarde.

*

Hoje, mais uma vez, não aproveitei a aula. Estou mal preparada e meu dever de casa, cheio de erros.

Quando sou chamada, não sei o que devo responder.

Esta tarde, Eva está no nosso lugar de novo. Terminamos de costurar roupas para nossas bonecas.

Quando ficam prontas, vamos à casa dela empacotar os brinquedos. É tão difícil escolher aqueles que mais amamos... Eva tem um armário cheio deles; ela gostaria de levar tudo. No entanto, há coisas mais importantes para se levar na viagem. Para os brinquedos, o único espaço é uma pequena sacola de mão. Finalmente Eva consegue falar e aceita que, se está perdendo tudo o que tem, precisará abrir mão dos brinquedos também. Escolhemos uma ou outra entre suas coisas mais queridas. São tão poucas em comparação às pilhas de brinquedos que ficam para trás... E, ainda assim, mal cabem na bolsa.

Juntas e eliminando mais alguns itens, enfim conseguimos guardar seus pertences na bolsa. Por cima, colocamos a pequena sacola com as roupas que terminamos para as bonecas. Eva carregará as bonecas no bolso do casaco, em seus próprios sacos de dormir e em roupas numeradas de acordo com o transporte. E se a bolsa se perder? Aí pelo menos as bonecas se salvarão. Amanhã é domingo; Eva vai passar o dia inteiro e a noite com a gente.

Houve bastante progresso com as malas, mas ainda há muito a fazer. Temos novas ideias para que levem o máximo possível e para esconder objetos que não possam ser encontrados durante as revistas.

*

O período de três dias se passou; amanhã eles precisam partir. Toda a família está na casa dos Vohryzek esta noite. Juntos uma última vez. Se um dia nos reencontraremos? Talvez, mas é mais provável que nós os sigamos do que eles voltarem. Não, não pode ser; algum dia nos reencontraremos num apartamento aquecido, conversaremos sobre nossas lembranças e falaremos sobre nosso exílio triste e remoto. Pode demorar muito, mas um dia vai acontecer e nós sobreviveremos. A gente não vai desistir!

28 de outubro de 1941

Cinco horas da manhã. É hora de acordar. Os Vohryzek se apresentam às seis horas.

Nem sei como cheguei à casa deles. Pela última vez, entro naquele apartamento familiar onde Eva e eu passamos tantas horas felizes.

Estão prontos, esperando por nós. A bagagem arrumada aguarda no chão do vestíbulo. Em cada peça, assim como nos casacos de cada membro da família, estão afixados seus números de transporte: 248, 249, 250. Já não são pessoas, apenas números. Uma última olhada para ver se algo foi esquecido e então deixamos o apartamento pela última vez.

Eva e eu andamos na frente. Não falamos. Não é necessário. Temos o mesmo pensamento e, ainda que quiséssemos, os nós em nossas gargantas não deixariam passar um único som. Tento, com toda a força, não chorar, para não tornar essa despedida difícil ainda pior para Eva. Ela também resiste às lágrimas, mas, no portão do prédio, não consegue mais contê-las. Quero reconfortá-la, só que minha tentativa de emitir uma palavra de consolo termina num soluço silencioso. Agora não conseguimos parar de chorar. Caminhamos em silêncio, lado a lado, com as mãos dadas; o cinza do início da manhã é interrompido apenas por soluços ocasionais.

Desta maneira, chegamos à parada, seguidas por nossos pais. Eles também estão pouco à vontade.

O bonde em que embarcamos está completamente vazio. Falta pouco para as seis horas. Há alguns operários a caminho do trabalho. Quanto mais chegamos perto

de Praga, mais o carro se enche com pessoas convocadas ao transporte. O bonde que pegamos a vários pontos do Palácio do Comércio está completamente lotado. Precisamos esperar na plataforma. “Palácio do Comércio!”, anuncia o condutor. O carro se esvazia. É o nosso destino.

Diante do Palácio do Comércio há uma longa fila, à qual nos juntamos. Ela anda lentamente e, no entanto, gostaríamos que nem se movesse. A cada momento estamos mais próximos da despedida. A espera é interminável; mesmo assim, o instante da partida está irrevogavelmente mais próximo.

Agora estamos perto da entrada. Não podemos seguir com eles. Precisamos nos despedir. Em vez de palavras, uma torrente de lágrimas desaba. Nem nossos pais têm força para se conter. O último beijo e o último aperto de mão enquanto os oficiais se aproximam para nos separar. “Nada de despedidas: quem não foi convocado não tem o que fazer aqui!” Um último olhar, um aceno de mãos e eles se perdem entre a massa de corpos.

E assim perdi minha última amiga. Agora, vejo apenas Rutka, Doda e, às vezes, os meninos do grupo. Mas nenhum deles é tão próximo de mim quanto Eva. Sempre penso nela. Nunca vou esquecê-la.

1o de novembro de 1941

Mais dois transportes partiram, porém, graças a Deus, tivemos a sorte de escapar. Tenho um único

[redacted]

desejo. Comemorar meu aniversário, daqui a dez dias, em casa. Eva e eu esperávamos por ele tão ansiosas, e agora estarei sozinha. Vou ficar triste. No ano passado, alguns amigos arianos vieram, este ano eu nem ousaria convidá-los. De qualquer maneira, não apareceriam; eu não poderia pedir, é arriscado demais.

Os dias passam depressa e catorze dias tranquilos se foram desde meu décimo segundo aniversário.

Mas hoje levamos um susto. Minha mãe e eu voltávamos das compras e vimos um homem desconhecido, com uma estrela e uma pasta na mão, entrando no nosso prédio. Pelo aspecto, pertencia ao Conselho. Não há outros judeus no

prédio. E se ele tiver ordens de transporte? A ideia passou por nossas cabeças e subimos as escadas com pressa. O homem estava realmente prestes a tocar nossa campainha. Respiramos aliviadas — era “apenas” para um registro. Amanhã, à uma da tarde, precisamos comparecer a Střešovice.18

*

Passamos pelo registro e esperamos para ver quando chegam as convocações de transporte. Embora circule por Praga a notícia de que eles foram interrompidos, ninguém acredita; é bom demais para ser verdade.

No entanto, algo virou realidade. Não completamente, mas pelo menos em parte. Estão dizendo que transportes não irão para a Polônia, mas para algum lugar do Protetorado. Para um lugar chamado Terezín. É uma antiga fortaleza, onde haveria bastante espaço para acomodações.

Veremos se é verdade.

*

Não foi necessário esperar muito para descobrir. Alguns dias depois do registro houve uma nova convocação. Mais uma vez, não estamos nela, mas tio Pepa está. São, na maioria, homens; é um transporte de trabalho para o AK (*Aufbaukommando*).19

4 de dezembro de 194120

O relógio bateu nove da manhã. Meu pai lê o jornal; eu leio um livro para me distrair; minha mãe também está sentada com um livro — pela primeira vez, agora que terminou as costuras necessárias.

“O transporte pode acontecer a qualquer momento”, diz meu pai, numa voz calma. Calma porque não é a primeira vez que esperamos. Aguardamos em muitas noites como esta; vamos escapar desta convocação também?

Noite tranquila, interrompida pelo som cortante da campainha. Meu pai vai com passos incertos até a porta. “Hoje é para vocês, mas não tenham medo — afinal, é apenas Terezín!”, diz o homem

com as convocações, procurando nos acalmar. Ele assina o documento com

dedos trêmulos.

Quando o homem vai embora, nós nos sentamos, imóveis, por alguns instantes. Nem percebo que duas lágrimas enormes correm pelas minhas bochechas. No instante em que as noto, enxugo-as.

Não vou chorar! Meus pais também não choram. Mamãe se recompôs; ela me manda para a cama e já colocou a água para lavar roupas para esquentar. Tudo o que está sujo precisará ser lavado durante a madrugada.

*

De manhã, acordo cedo. Ainda assim, meus pais já estão prontos. Será que dormiram? Apresso-me para me vestir; há muito trabalho esperando por mim. Preciso avisar a vovó sobre a convocação enquanto meu pai conta às minhas tias. Se ao menos elas estivessem nesse! Poderíamos ir juntos.

Esperamos pelo bonde.** Como que de propósito, nenhum deles tem o vagão de trás.21 Já decidimos que precisaremos ir a pé. Finalmente, aparece um com vagão traseiro. Meu pai desce antes e eu sigo, sozinha, por mais alguns pontos. Na casa da vovó, sinto-me um pouco desorientada sobre a forma de dar a notícia, mas ela vê em meu rosto antes que eu possa abrir a boca. Volto para casa com minha tia, que nos ajudará a fazer as malas.

O apartamento está com uma aparência horrível. Malas jogadas por todo canto, como aconteceu recentemente nos Vohryzek. Visitantes arianos aparecem todos os dias; há muito que providenciar.

Cada um nos traz algo para a viagem.

*

O tempo passou depressa; amanhã é quinta-feira e precisamos nos apresentar. Embora um boato corra por Praga: “O transporte foi interrompido; não haverá mais transportes.” A gente não acreditou.

Vamos simplesmente encarar a situação; de qualquer maneira, o adiamento não vai durar muito e esperar sem saber o que vai acontecer é horrível. A única coisa boa é podermos empacotar as coisas em paz.

*

Hoje descobrimos que precisamos embarcar no domingo. Temos muito a fazer para nos assegurar de que estaremos prontos a tempo.



Lista de bens (7 de janeiro de 1943)

Antes de serem deportados, os judeus precisavam deixar um inventário de todas as suas propriedades. Esta ilustração mostra minha mãe contando as peças de roupa de cama e mesa na cômoda, enquanto meu pai toma nota de tudo.

*

É sábado. Amanhã vamos nos despedir de nossa casa, de nossos parentes e de tudo o que nos foi próximo e querido.

Nossos amigos ficaram aqui até tarde. Vieram se despedir. Uma noite triste, nossa última noite em casa!

Esta noite dormirei mais uma vez na minha cama, mas amanhã? As visitas foram

embora há muito tempo. Estou deitada e não consigo dormir. Faz quanto tempo que eu não conseguia dormir por estar preocupada com a escola? Nem três meses. Como isso me parece bobo. Naquela época, eu temia não ser aceita no grupo e, no entanto, todos nos acostumamos uns com os outros. Como as despedidas hoje foram difíceis! Há algumas horas eu disse adeus a Jirka. Ele ficou até a noite e não conseguia partir.

Afinal, foi apenas ontem que o grupo inteiro se viu pela última vez. E parece que faz tanto tempo. Ainda posso ouvir suas vozes, sentir o aperto das mãos. Agora, tudo se foi; nunca mais os verei, nunca mais falarei com eles. Tudo o que me resta é uma lembrança de cada um.

Não consigo adormecer, nem quero. Se eu ficar acordada, prolongarei a noite e adiarei o momento da partida...

7 de dezembro de 1941

Cinco horas da manhã. A luz está acesa na sala de estar: meus pais já se levantaram. Minhas roupas estão postas sobre a cadeira. Há alguns cadernos em cima da mesa, provavelmente meus, da escola.

No batente da porta oposta, há ganchos para as argolas. O piano está num canto. Meus olhos vagueiam pela sala, de um objeto a outro. Deitada, mãos sob a cabeça, gravo todas essas coisas familiares em minha memória para que não desapareçam.

Nós nos sentamos para o café da manhã, o último. Hoje, tudo, não importa o quê, é nosso último. Sempre o mesmo pensamento: nunca mais! Meus tios chegam. Podemos ir. Visto meu casaco; nele, há meu número de transporte, 520. E agora é irreversível — precisamos ir. Papai tranca a porta do apartamento e descemos as escadas.

O prédio está silencioso; todos os moradores ainda estão dormindo. Saímos para a rua deserta.

Aqui e ali passa um operário, apressado para o trabalho. Alguns nos olham com solidariedade; outros não prestam atenção ou nos olham com indisfarçada alegria. Alegria por nosso sofrimento, mas, a esta altura, estamos acostumados a tal comportamento e nenhum sorriso ou comentário estúpido pode nos incomodar hoje. Não reparo em nada, apressando-me para não ser deixada para

trás. Não consigo soltar uma única palavra, soluço, lágrima. Embora sinta uma pressão, engulo o amargor. Como num sonho, eu ando, virando-me uma vez para as janelas de nosso apartamento, que somem a distância, mas meus pais já estão na frente e preciso correr para alcançá-los.

No bonde, encontramos vários conhecidos indo para o mesmo lugar: o Palácio do Comércio.

Após trinta minutos, saltamos. Não muito longe está a fila malformada. Nos juntamos a ela —

desta vez, com a diferença de que não retornaremos. Desta vez, entraremos pelos portões do Palácio do Comércio, que se fecharão atrás de nós, e nunca mais veremos nossa casa.

”Mas não há tempo para tais pensamentos. A fila é cada vez mais curta. O número dos que esperam diminui e se aproxima o momento em que precisaremos passar pelos portões que nos aguardam com tanta ansiedade, abertos como uma boca escancarada à espera de suas vítimas, pronta para engoli-las. Os *Ordners* — oficiais responsáveis — estão aqui novamente, com suas faixas amarelas nos braços, para nos arrancar de nossos parentes. Precisamos ser rápidos: ainda há uma longa fila atrás de nós. “Apresse-se, titia, mais um beijo, não chore... Afinal, vocês também virão em breve...” Mas os *Ordners* são impacientes; as despedidas demoram demais na opinião deles. Nós nos viramos mais algumas vezes, acenamos e somos levados pela multidão, que nos arrasta.

Tudo — as despedidas, abandonar a casa e essas impressões matutinas — aconteceu tão depressa que nem tivemos tempo para absorver. Paramos diante de uma mesa maciça e de um homem que confere nossa entrada. “518, 519, 520”, diz meu pai, anunciando nossa chegada. Ele manda que procuremos nossos lugares.

O Palácio do Comércio está cheio.22 Há quadrados com dois metros de lado pintados em branco no chão. Em cada um deles, há um número e, aqui e ali, pilhas de colchões imundos e empoeirados.

Finalmente, chegamos ao local marcado com nossos números de transporte. Cada um de nós pega dois colchões na pilha mais próxima, nos quais nos sentamos. Estamos cansados, desgastados e com fome. De uma bolsa, tiramos o

lanche preparado em casa e comemos. O edifício começa a lotar.

Todos buscam seu lugar, colchões, bagagem. Encontro algumas crianças conhecidas colocadas no

mesmo transporte que nós e, com algumas meninas, ajudo a distribuir a bagagem.

*

Agora, o edifício está cheio. Volto ao meu lugar. Algumas de nossas malas estão aqui e minha mãe tenta, em vão, arrumar algo que possa servir com um assento confortável. Nós nos apresentamos aos vizinhos, olhamos em volta pelo edifício e pelo pátio e já são dez e meia, eles começam a distribuir o almoço. Somos chamados pelo número, cada pessoa recebe um cupom e entramos na fila com pratos e talheres de metal. As horas passam rapidamente e são meio-dia e meia quando chego à janelinha da cozinha — obviamente não é uma cozinha luxuosa; há apenas alguns caldeirões, um toldo e uma pia, sobre a qual está a comida. O cozinheiro põe duas batatas no meu prato, despeja o que está chamando de molho sobre elas e pega meu cupom, para que, Deus nos livre, eu não volte para repetir a porção. Almoçamos no pátio, onde lavamos os pratos na torneira e descansamos um pouco.

Não consigo continuar deitada por muito tempo e saio, com uma nova amiga, para examinar o edifício. No interior, logo nos entediamos: há somente poeira por toda parte, sujeira, uma atmosfera insuportavelmente pesada, malas e, entre elas, pessoas estendidas. Vamos ao pátio, atrás da cozinha, e chegamos a dois reservados com as placas *“Damen und Herrenlatrinen”* — latrinas para senhoras e senhores. O cheiro forte de cloro é suficiente para não querermos conhecer o interior. Encontramos outras crianças e, após tomar bastante ar fresco, voltamos para nossos pais.

Estão distribuindo leite para as crianças: mais tempo na fila. Depois desse lanche, escrevo uma carta para vovó. Acrescento um pequeno desenho do Palácio do Comércio no envelope. Com alguma sorte, a carta chegará — eu espero; há um barbeiro conhecido que pode entregá-la em troca de um ou dois cigarros.

*

A tarde correu como água, num constante rearranjar de malas, espera em filas, chegadas de mais alguns *Nachtrage* — atrasados —, confusões e barulhos interrompidos apenas por alguns *Achtungs*.

Depois do jantar, permanecemos em nossos lugares para prepará-los para a noite. Mas é impossível dormir. Nossos vizinhos conversam em voz alta; um pouco do humor natural está voltando.

Somos interrompidos em nossa conversa animada, pela centésima vez, por um rugido cortante, desta vez numa voz rouca: *"Achtung, Achtung!"* Segue-se um anúncio da chegada de uma delegação alemã. Um silêncio mortal desce sobre o edifício e, pouco depois, as pessoas ao nosso redor se levantam e se colocam em posição de sentido. Mal consigo pular e me levantar quando vários soldados com botas pesadas passam pela gente, olhando severamente ao redor. Depois que partem, vou com minha mãe até a *Latrine*. Nunca vi uma antes, então estou curiosa. Minha curiosidade, porém, me abandona no instante em que passo pela abertura na cerca sob a placa *Damenlatrine*, quando o nojo revira meu estômago. Além da entrada, há uma passagem estreita: de um lado, há uma cerca de madeira, do outro, o reservado. Debaixo de um toldo foi pregada uma tábua, e atrás dela foi colocada uma fileira de baldes. O cloro foi espalhado dentro e em volta deles. O chão está

coberto por poças ou, melhor, por líquidos congelados, porque é dezembro e está muito frio.

*

Nós nos preparamos para dormir. Minha roupa se transforma facilmente num pijama: tudo o que faço é tirar os sapatos. Não é exatamente a posição mais confortável, mas ainda assim adormeço de imediato.

Estamos ao lado da clínica e, portanto, somos acordados pela chegada de pacientes em macas. No início, a visão deles me enjoa, mas logo me acostumo. Não deixarei que nada me perturbe e durmo até a manhã.

*

Ainda não são seis horas e todos já estão de pé. O barulho aqui é como nas ruas mais movimentadas de Praga. Todos arrumam as "camas" e correm ao pátio para se lavar. Mamãe e eu vamos ao

“lavatório”. É claro que não se trata de um banheiro azulejado com água corrente, mas um barracão ordinário com dois bancos e pregos na parede. No canto, há um caldeirão com água quente. Não é o ideal, mas ficamos contentes, até extasiadas. E os pobres homens? Precisam se lavar no pátio. Brrr!

Ficar seminu a céu aberto e se lavar com a água gelada das tinas, onde as mãos se congelam.

Depois de nos lavarmos, tomamos o café da manhã. Há até café com leite — isso é fantástico.

Não importa que o leite seja pouco, quase só café, mas ao menos há algum leite. E tampouco tem cheiro, mas e daí? Ao menos é quente, e o bolo de Natal que ainda podemos nos permitir hoje compensará as deficiências.

“Achtung!” Todo o edifício estremece mais uma vez com esse som. Ninguém pode deixar seu local numerado. Esperamos a chegada dos *Ordners*, que nos obrigam a formar uma fila no pátio e, dali, caminhar até um escritório onde depositamos todos os nossos objetos de valor. Dinheiro, joias, prataria e as chaves dos apartamentos. É claro, somente o que levamos conosco — não se menciona a propriedade já tomada pelos arianos. Compreensivelmente, declaramos ter muito menos do que escondemos.

Nossa vez chegou por volta das nove e meia e, na hora do almoço, havíamos terminado. De fila em fila, a manhã se foi. Verdade seja dita, não há um momento de tédio por aqui. Durante a tarde, todos os homens tiveram as cabeças raspadas. Meu pai aproveitou a ocasião para dar sua carta ao barbeiro. Ele prometeu enviá-la, esperamos que o faça, afinal nós lhe demos os cigarros e o dinheiro que sobrou nesta manhã. É certamente mais do que o suficiente por um favor tão pequeno.

Preenchemos mais alguns documentos oficiais e aí estão eles, distribuindo leite para as crianças mais uma vez. São quatro horas. Como o tempo voa! Saímos de casa há quase dois dias.

Brinco com outras crianças durante o restante da tarde; então, o jantar é distribuído. Em seguida, deitamos para dormir. O barulho não me incomoda mais; talvez eu nem conseguisse adormecer sem ele. Sou despertada algumas vezes por um *Ordner* que sacode meu pai pela perna para que seu ronco não impeça o sono dos outros.

*

Hoje o dia não foi interessante; tudo aconteceu exatamente como nos anteriores. Diversas filas,

“*Achtung!* ”, uma visita alemã, um passeio no pátio, preencher mais alguns formulários e é noite outra vez. Hoje não nos cobrimos com mantas, que já estão enroladas em *Bettrolle*, então os casacos assumem seu lugar. Nossas malas foram entregues; tudo o que temos é nossa *Handgepäck*, pois partiremos amanhã.

** Trata-se de um bonde de dois ou três vagões, semelhante a um pequeno metrô de superfície. (N. do T.)

2. Terezín

Cinco da manhã

O despertador: hora de levantar! Às seis horas começa o embarque. Corremos para nos lavar —

hoje, só um pouquinho, apenas o rosto e as mãos. Precisamos pegar o café e encher nossos cantis, para termos algo quente para beber no trem. Enfiar tudo nas bolsas, calçar os sapatos, vestir-se e esperar chamarem nossos nomes.

“*Achtung, Achtung!* Todos os números até cinquenta: embarquem agora. Os outros permaneçam em seus lugares.” As horas passam, nós esperamos. “*Achtung!* Números até 150, duzentos, trezentos, quinhentos.” Sou o número 520. Estamos prontos, à espera do comando. “*Achtung!* Números até 550.” Nós andamos. Eles nos levam ao pátio; centenas de pessoas destinadas ao transporte estão ali.

Assumimos o lugar designado a nós.

Dentro de uma hora, os mil integrantes do transporte estão reunidos no pátio. Vários soldados alemães, com baionetas desembainhadas, acompanham cada grupo. Cuidado: tudo corre calmamente. Um oficial alemão (ou algo assim?) marcha até o centro do pátio e se prepara para mais um discurso. Silêncio mortal. Uma única voz trovejante ressoa pelo pátio.

Recebemos algumas instruções referentes à viagem e descobrimos algo que

surpreende a todos.

Quero dizer, surpreenderia se fosse verdade. Infelizmente, estamos acostumados a esses discursos e promessas e tivemos muitas oportunidades para descobrir quão verdadeiros são.

Ele diz que precisamos ir para outra terra para evitar a perseguição e começarmos uma vida nova.

Precisamos ser cuidadosos, e as coisas darão certo para nós. Podemos ser gratos por estar entre os primeiros e ter a oportunidade de ajudar a construir o gueto e prepará-lo para os que logo virão.

Essas e outras lisonjas chegam aos nossos ouvidos. É estranho que nada disso corresponda às cartas enviadas secretamente de Terezín. Fitamos o orador e calculamos em silêncio por quanto tempo ele consegue ficar falando.

*

Oito da manhã

O discurso acabou. A primeira “tripulação” segue para a estação. Observamos o grupo com impaciência. Estamos congelando… se ao menos pudéssemos entrar no trem! Transferimos o peso do corpo de uma perna para outra, contamos os minutos. O ponteiro das horas está em sua segunda volta e ainda estamos no mesmo lugar.

Saímos para a rua. À nossa frente e atrás, há soldados em bicicletas. Pedestres param nas calçadas e olham com curiosidade. As lágrimas chegam a surgir em alguns olhos; ocasionalmente alguém fica imóvel, com a boca aberta, como se tivesse visto um fantasma. Deve haver algo estranho conosco; os habitantes de Praga não assistem a tal espetáculo todos os dias: pessoas levadas pelas ruas principais em plena luz do dia sob uma guarda militar, carregando seus pertences nas costas.

Crianças ou aposentados, não importa; todos com estrelas e números de transporte costurados aos

casacos. Pode ser um espetáculo, mas nada que fosse parar os moradores dos prédios próximos ao Palácio do Comércio, porque ultimamente eles devem ver

essa cena com alguma frequência.

Não damos atenção aos olhares curiosos; nossos pensamentos estão muito adiante. Afinal, a gente sequer sabe onde vai dormir esta noite, se as famílias serão separadas, o que haverá para comer amanhã, entre outras preocupações desse tipo. Olhamos as ruas de Praga pela última vez. Quem sabe quanto tempo vai passar até vermos essas ruas de novo, se as virmos? Uma última caminhada por Praga. Muitos — não, certamente todos — estão chorando em silêncio, mas nós não demonstramos nossas emoções. Para que dar esse prazer aos alemães? Jamais! Temos força para nos controlar. Ou deveríamos nos envergonhar de nossa aparência? Das estrelas? Dos números? Não, não é culpa nossa, alguém se envergonhará por isto. O mundo é apenas um lugar estranho.

A estação de trem. Eles nos alocam — ou melhor, nos descarregam — num dos vagões vazios. A esta altura, ninguém mais observa a gente. Tomamos nossos assentos, cada um no lugar marcado com seu número. Colocamos a bagagem acima ou embaixo. Podemos até tirar nossos casacos, o ar frio se aquece rapidamente com a respiração de tanta gente. Lá fora há uma balbúrdia, chegam mais grupos.

*

Onze da manhã

Os mil viajantes estão em seus lugares. Então por que não partimos? Os vagões estão fechados, cada um com seu *Ordner*, soldados armados posicionados nos degraus.

Por que o trem não se move? Talvez para brindar nossos olhos com Praga pela última vez? Muito obrigada, é uma ideia adorável. De que adianta olhar pelas janelas fechadas? Não é permitido abri-las. Se, ao menos, pelo amor de Deus, partíssemos logo; não nos torturem com esta espera.

O trem se move, lento. Estamos realmente a caminho? Não, o trem para outra vez e volta à estação. Mais espera. Todos estão em seus lugares; muitos desembrulham sanduíches e comem.

Mais uma vez, as rodas estalam sob nós e pensamos que estamos a caminho, porém os freios voltam a guinchar. É ainda pior do que esperar, de pé, no mesmo lugar. Será que… até que enfim… e novamente não. E nada ainda. Aqui, ali,

aqui, sempre no mesmo lugar.

*

Meio-dia

Duas horas no trem. Mais uma vez, deixamos a plataforma e passamos da estação, mas não voltamos; em vez disso, o trem ganha velocidade. Todos silenciaram. Embora desejássemos partir, um estado de espírito opressivo nos domina agora que estamos efetivamente viajando.

Nunca mais veremos Praga. Nunca mais! Por que o trem não retorna mais uma vez? Uma vez, só mais uma vez. Deixem que digamos adeus à cidade pela última vez. À nossa querida, amada Praga, deixem que nos despeçamos dela para sempre.

No entanto, o trem não retorna nem para, ele corre impiedosamente...

Praga ficou para trás. As fábricas e prédios se transformaram em pequenas casas rurais, ruas escuras

se transformaram em trechos sinuosos de campos cobertos de neve. Praga está distante. O ânimo depressivo melhora um pouco.

Não pensamos muito sobre o que aconteceu, mas naquilo que virá. Mais preocupações e agonias sem sentido. Ninguém esteve em Terezín, ninguém sabe o que acontece, há apenas ideias difusas, indefinidas. Como é o lugar? Nosso tio nos receberá na estação? A súbita abertura das portas interrompe meus pensamentos. Vários homens da SS entram. "*Achtung!* " A palavra voa pelo compartimento silenciado. Todos se colocam em posição de sentido. "*Achtundzwanzig Frauen, sechs Kinder und sechsundzwanzig Männer*" — 28 mulheres, seis crianças e 26 homens —, reporta o pálido *Ordner*, com os calcanhares unidos e os braços esticados junto ao corpo. O homem da SS

mede-o de cima a baixo, lança um olhar pelo compartimento e parte sem dizer uma palavra.

Retornamos aos assentos. A conversa volta a fluir. Ouve-se um estrondo no vagão seguinte. Uma mulher junto à porta parece prestes a desmaiar. É a mãe do nosso *Ordner*. Por uma fresta na porta, ela viu o punho pesado do homem da SS

atingir o rosto de seu filho. Por nervosismo, ele errou a contagem.23

A mulher se acalmou. O ruído das botas no vagão seguinte cessou. O *Ordner* retorna. Ele está bem; o rosto, vermelho e inchado, mas ele ri. “Não vou morrer por causa de um tapa.”

*

Onde estamos? Ali é Řík.24 Durante um bom tempo, me esqueci de olhar pela janela e, nesse período, percorremos alguma distância. Logo estaremos em Terezín.

Os viajantes buscam as bagagens, vestem os casacos. Por todo lado, reina a confusão. Há um aglomerado na janela. Do lado de fora, montes de homens procuram conhecidos. O trem reduz a velocidade, com muitos solavancos, e para completamente. A porta do nosso compartimento se abre, deixando-nos sair. “Deixem no trem o que não puderem carregar; vocês receberão tudo.”

Largamos uma bolsa e saltamos. Homens em macacões, botas pesadas, calças de montaria e casacos com capuz. Caminhões. Os velhos e as crianças podem subir, o restante segue a pé.

Uma estrada esburacada e um degelo. Nossos pés afundam na lama; uma água suja e amarela espirra sob as carroças carregadas com a bagagem. Atrás de cada “tripulação” há carrinhos, caso alguém não consiga carregar suas coisas, e os homens que os empurram respondem prontamente às nossas perguntas. Descobrimos muitos fatos desagradáveis. O pior — e imaginávamos que aconteceria — é que homens e mulheres vivem separados.

*

Três da tarde

As primeiras casas no vilarejo. Rostos curiosos nos espiam pelas janelas; crianças correm para a frente das casas para nos ver melhor. Por que há tão pouca gente na rua? Afinal, já chegaram vários transportes. Eu não entendo. O que é aquilo, aquele prédio grande? As pessoas se amontoam nas janelas, acenando, mas não consigo reconhecer os rostos a distância. Por que todos se espremem nas janelas e não saem? “São os alemães dos Sudetos, os alojamentos dos homens. Eles não podem sair”, explica um homem em seu macacão.



“Olá, Sr. Hirsch”, chama uma mulher atrás de mim. “Então, a senhora também?” “Sim, e há quanto tempo o senhor está aqui?” “Sou AK”,25 gaba-se o homem. “O senhor já tentou, não tentou?” “Nem me fale.” “E sua esposa, ela está em casa?” “Graças a Deus, eu estava tão preocupado que talvez ela viesse hoje…” “Simplesmente agradeça por cada dia em que ela continua em casa.

Mesmo o Palácio do Comércio...” “Sei muito bem.” Não tenho mais tempo para me interessar pelo Sr. Hirsch ou pela mulher atrás de mim.

À nossa frente, há um edifício enorme — alojamentos, aparentemente. Eles nos conduzem para dentro. “Homens à esquerda, mulheres em frente.” Mas o que é isso? Não posso segurar a mão do meu pai? “Depressa, depressa, você não ouviu?” “Tchau, pai!” E então a corrente de pessoas me arrasta em direção ao pátio. Janelas em arco, uma após a outra, como uma colunata. Algumas pessoas estão aqui, então não somos as primeiras. São apenas mulheres, devem ser os alojamentos femininos. Precisamos esperar de pé? Não vou aguentar. Acordada desde as cinco horas, depois a viagem, realmente não consigo, estou morta de cansaço e com sono. Se ao menos meus pés não doessem.

“Não, mãe, estou bem, só um pouco cansada.” Afinal, não direi à minha mãe que não aguento mais. Como ela poderia me ajudar? Afinal, não está menos cansada do que eu, coitada. Não deveria demorar tanto. Se apenas nos levassem a algum

lugar, qualquer lugar; se eu pudesse me sentar, mesmo no chão, somente para não precisar continuar de pé.

*

Chegada a Terezín (1942)

A cada pessoa eram permitidos apenas cinquenta quilos de bagagem.

Uma mala poderia ser despachada. O restante deveria ser carregado pelos próprios transportados.

Escuridão completa, seis da tarde. É possível que finalmente a gente esteja a caminho? Virar à direita, subir a escada, seguir em frente, mais um andar. Ao longo do saguão, à esquerda, dobrar uma esquina, entrar num quarto.

Número 215. Graças a Deus, pelo menos estamos num quarto. Mas onde nos sentaremos? Há somente quatro paredes nuas. Realmente não consigo me manter de pé. Sento-me sobre o saco de dormir; a meu lado estão Anita e outra menina. O nome dela é Helena; não perguntamos outras coisas, estamos cansadas demais para conversar, nossos olhos estão se fechando. Se eu ao menos pudesse dormir, pudesse me deitar em algum canto e dormir; é a única coisa que desejo neste momento. Apenas dormir, dormir e esquecer tudo.

“Aqui, dividam entre vocês.” Colchões! Consigo agarrar um deles e agora nada me importa: eu posso dormir. Boa noite.

Já é de manhã? Mas acabei de dormir. Ainda estou tão cansada, minhas pernas e costas doem. Não adianta, todos aos poucos se levantam e estou deitada no caminho. Nossos sacos de dormir estão aqui — eu nem havia percebido. Foi meu pai quem trouxe ontem à noite. Coitado do papai, nem se deitou para que eu pudesse descansar um pouco. Deus sabe onde ele encontrou sacos de dormir.

Temos que ir e conseguir um café, mas onde? Como saber onde fica a cozinha? Quem encontraria o caminho por aqui? Corredores e mais corredores, portas e mais portas.

Depois de quinze minutos vagando, me junto à fila perto da cozinha. Consigo café e, após vagar mais um pouco, chego ao nosso quarto. Depois do café da

manhã — ainda temos um pouco do bolo de Natal, mas precisamos economizar porque nossos suprimentos estão se reduzindo drasticamente —, vou ao *Waschraum*. Há algumas de nós, então é mais fácil encontrá-lo. Basta dobrar uma quina depois da cozinha.

Por enquanto, os homens estão no mesmo alojamento que nós, no andar inferior. Em breve, porém, eles se mudarão; talvez hoje ou amanhã. Vou procurar meu pai e, então, nossas malas. Há um pátio inteiro cheio delas e ainda estão trazendo mais.

*

Após trinta minutos vagando quase sem esperanças, encontrei meu pai em seu alojamento distante.

Ainda falta uma mala, mas ele conseguiu pegar praticamente toda a bagagem. No pátio, há uma confusão horrível; eu tento nem olhar. Estou feliz por enfim me sentar. Levei séculos para encontrar o caminho até nossos aposentos. É terrível; nunca aprenderei a andar por aqui. Mas e daí? Não ficaremos por muito tempo.

*

“Hoje os homens se mudam!” O anúncio ressoa pelos alojamentos, zumbe pelos corredores, ecoa no muro oposto do pátio. As mulheres estão ocupadas, empacotando as coisas. Quantas vezes fizemos isso? Aprontamos a bagagem do meu pai. De hoje em diante, ele ficará sozinho, precisará

[redacted]

cuidar de si mesmo. Isso vai ser incrível! Minha mãe reorganiza ansiosamente a mala dele, pensando em milhares de novos problemas, dando-lhe conselhos sobre o que fazer — é impossível que ele se lembre de tudo.

*

Uma e meia da tarde

“Homens, embarquem!” Acompanhamos meu pai até o pátio. Por enquanto, podemos continuar juntos. Por enquanto, mas em poucos minutos, talvez uma hora ou trinta minutos, adeus... E...

Talvez... Não, não vou pensar. Porém os pensamentos vão aonde bem entendem. O que vai acontecer? Talvez a gente nunca mais se veja. “Pai”, não, não vou, não consigo falar. Um apito.

Precisamos ir. “Helga, seja boazinha e se... Não sabemos o que vai acontecer...” Mordo o lábio e contenho os soluços. Aperto a mão do meu pai; ela está quente e, em seus olhos — pela primeira vez em minha vida —, vejo lágrimas.

Nós nos sentimos... Não consigo encontrar a palavra, e talvez nenhuma possa expressar a tristeza desse momento. E, no entanto, minha mãe e eu ficaremos juntas enquanto papai vai estar só. Deve ser cem vezes pior para ele.

Outra vez o apito. Desta vez, para valer.

*

Cinco e meia da tarde

Mal há luz suficiente para ver e ainda estou parada diante da janela. Ao redor, por toda parte, há mulheres com os olhos vermelhos de choro, grudados num único ponto no pátio, onde as cabeças dos que amamos desaparecem na escuridão.

Agora está tão escuro que não conseguimos distingui-los. Tudo se fundiu numa superfície borrada por nossa tela de lágrimas. Ninguém abandona as janelas. Com olhos saudosos, famintos, fitamos o último ponto onde vimos os maridos, pais, irmãos e filhos. Mesmo garotos de catorze anos são contados como adultos e não podem ficar com suas mães.

13 de dezembro de 1941

Três dias em Terezín. Enfim temos toda a nossa bagagem e limpamos nosso espaço — não é exatamente bonito, mas fizemos o possível. Somos 21 mulheres num quartinho pequeno. Minha mãe e eu temos 1,20 metro quadrado.

À noite, algumas pessoas se deitam no meio do quarto e, se alguém precisa sair, tem que pular todas elas. Os pés batem nos rostos, é realmente horrível. Algo que só dá para acreditar vendo e, um dia, teremos dificuldade em acreditar que pessoas pudessem viver em tais condições.

Não vemos papai desde sexta-feira, mas ele nos mandou uma carta por um homem que tem um



salvo-conduto. Então uma grande preocupação se desfez: sabemos que ainda estamos na mesma cidade. Não podemos ter contato com ele, nem por escrito — somente quando alguém com salvo-conduto aparece e leva uma carta. É claro que uma carta não significa papel especial e um envelope selado: é apenas um pedaço de papel rasgado e habilidosamente enrolado que pode ser escondido em sapatos, meias ou outro lugar. As revistas são frequentes e Deus nos livre que eles encontrem uma carta no bolso de um casaco.

O dormitório (1942)

“Há 21 de nós em um pequeno cômodo. Mamãe e eu temos 1,20 metro quadrado. À noite, algumas pessoas se deitam no meio do quarto; se alguém

precisa sair, tem que pular todas elas.”

*

Outro transporte deve chegar hoje. Mal posso esperar — talvez algum de nossos parentes esteja nele.

*

Três da tarde

Estou congelando completamente. Espero desde as onze horas e ele deve chegar a qualquer momento. Não posso perdê-los. Tia Marta vai chegar (meu tio falou com ela na estação). Preciso

[redacted]

estar aqui para recebê-la.

16 de dezembro de 1941

Amanhã completará uma semana desde que chegamos. Já uma semana ou apenas uma semana?

Uma semana é apenas alguns dias e, no entanto, tudo — deixar nossa casa, o Palácio do Comércio

— parece uma eternidade.

Uma brigada de homens26 esteve aqui anteontem. Meu pai não estava entre eles. Talvez venha na próxima vez. Na verdade, estou contente por ele não ter vindo. Teria sido pior do que não vê-lo.

Eles trouxeram o grupo de homens até o pátio do Dresden (esse é o nome de nosso alojamento).

Deixaram todos ali de pé por algum tempo, não permitiram que ninguém passasse para vê-los e então os levaram embora. Só isso. As mulheres se espremeram nas janelas para que pudessem ver seus amados de relance e saudá-los com um gesto.

Ontem veio outro grupo, ainda sem meu pai. Minha mãe e eu vigiamos os

homens para não perder sua visita. Ele nos escreve todos os dias; se inscreveu para carregar malas e lhe disseram que eles também deverão vir aqui.27 Talvez algum dia realmente venham.

*

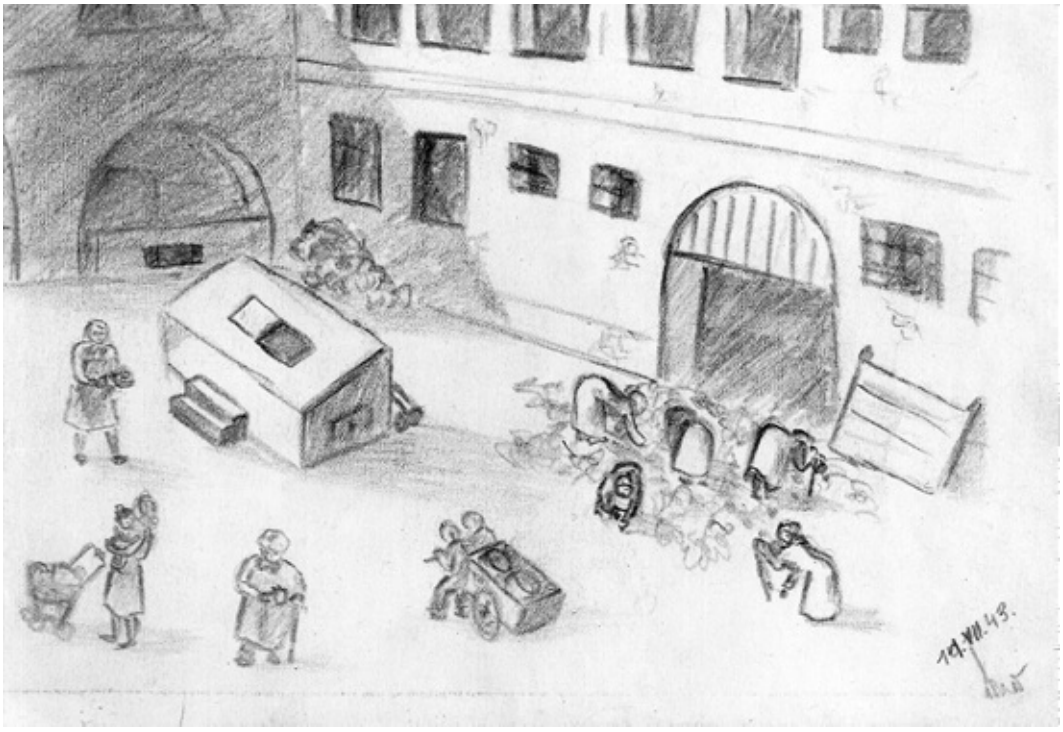
Hoje, finalmente deu certo. Estavam trazendo malas para o Dresden.28 Como sempre, minha mãe e eu esperávamos no portão — mais por hábito do que por acreditar que ele viria. De repente, apareceu um grupo de homens com malas nos ombros e meu pai estava entre eles. Fui tomada pela alegria, porém tomei cuidado para que ninguém percebesse. Um beijo ou algo parecido estava fora de cogitação, imagine! Como um homem poderia se encontrar com uma mulher, mais ainda falar com ela? Mesmo sua esposa. Aqui, você é um prisioneiro e ponto final, essas coisas não acontecem.

Nós nos entendemos mutuamente e tivemos sorte. O guarda se virou. Os homens não devem ficar um instante sequer depois de subirem com as bagagens. Corremos até papai, cada uma de um lado, e ele não sabia a quem escutar primeiro. Não entendeu uma palavra, coitado. Tínhamos tanto a dizer, mas precisávamos nos despedir. Nem pudemos lhe mostrar onde vivíamos. Esperamos que ele consiga voltar logo. Talvez consiga ficar por mais tempo. No alto das escadas, nos despedimos. O

guarda, “por coincidência”,29 virou-se novamente.

Três dias depois, meu pai voltou. Desta vez, com uma escolta de visita oficial. Os homens não podiam para ir aos nossos aposentos, não nos demos o trabalho de pedir permissão. Meu pai tomou um pouco de chá e então corremos para o pátio, para que ninguém o encontrasse no quarto.

Tínhamos quinze minutos até a partida. Andamos pelos corredores por algum tempo, contudo, quando voltamos ao pátio, às cinco e meia, não havia ninguém ali.



O relógio está adiantado? Certamente não. Com certeza são cinco e meia, já está escuro. Os outros haviam partido? Aos poucos, o nervosismo tomou conta de nós. Talvez estejam esperando no outro pátio. Já estava escuro para enxergar bem. Além de tudo, começou a chover.

Estávamos em absoluto desespero. Corremos de um lugar a outro, acendemos as lanternas e nada adiantou — o pátio estava vazio. E agora? Ficamos parados, impotentes, no meio do pátio tão molhado que a água escorria e nos ensopava e não se via uma alma que pudesse nos aconselhar ou ajudar.

Meu pai deve pernoitar aqui e se infiltrar disfarçadamente numa escolta amanhã? Não adiantaria.

Eles nos checam em *Standt* às oito horas. A essa hora, ele não poderia mais estar com a gente. Não havia alternativa a não ser ir até o guarda e anunciar voluntariamente o fato. Será que ele está em serviço hoje? E se for um sujeito bruto que crie um caso? Estávamos numa situação desesperadora.

Nesse momento, os cozinheiros passaram, transportando um carrinho. Uma pequena centelha de esperança: talvez possam nos ajudar ou ao menos nos dar um conselho. Tivemos sorte. Eles não haviam sido contados e, então, podiam levar meu pai com eles. Com que felicidade ele agarrou o carrinho e ajudou a

empurrá-lo com toda a força! O guarda não poderia desconfiar que papai não pertencia ao grupo. Esperamos que as coisas deem certo também em Magdeburgo e que ninguém suspeite de nossa aventura. Não são nem sete e meia. Quando fizerem a checagem, meu pai já estará em casa há bastante tempo.

O pátio dos alojamentos (11 de julho de 1943)

Se ao menos meu pai viesse hoje! Tanta gente que conhecemos está aqui, mas não papai — ele nunca força as coisas. Não resta outra alternativa senão mandar o pão e as sardinhas para ele por intermédio de alguém. Sobrou uma lata e minha mãe a escondeu para, pelo menos, termos peixe para o jantar. É véspera de Natal. Que pena, seria mais saboroso se estivéssemos juntos.

Esperamos em vão até escurecer. Poderíamos adivinhar que meu pai não viria. Ele não sabe manipular o sistema. É preciso molhar algumas mãos, mas meu pai não combina com mãos molhadas.

É um Natal miserável. Não verei meu pai e já faz quinze dias que ele esteve aqui. E, para piorar, eles fizeram sopa de *kümmel*. De alguma forma, a cozinha confundiu os cardápios. Mas e daí? Nós comemos a mesma coisa todos os dias. Então por que não hoje? Por ser véspera de Natal?

Estômagos não sabem disso e não reclamarão, e isso é o principal.

No quarto ao lado, as meninas prepararam uma apresentação. Todos nos quartos vizinhos vieram assistir.

Foi lindo. Nós cantamos e as garotas até apresentaram uma pequena peça. Por um tempo, esquecemos tudo. Foi como se estivéssemos em casa ou em algum teatro, como se as velas, colocadas em malas e em canecas, brilhassem numa árvore de Natal e fôssemos livres.

Ninguém ouve, ninguém repara nas danças e nas canções das meninas. Na verdade, elas não estão dançando. Seus pensamentos estão em outro lugar. Elas já não são prisioneiras nesses alojamentos frios e sujos. Já não enfrentam cada novo dia com a barriga vazia e medo constante. Estamos livres, muito além dos muros e dos portões do gueto que ocultam tanta desgraça e sofrimento, onde a morte espreita suas milhares de vítimas — longe daqui, ao redor de uma mesa

farta, entre tantos rostos e coisas queridas. Aí estão os pensamentos de todos, e, no brilho das velas que ardem, vemos uma imagem linda e inesquecível ganhar vida... Lar.

Ficamos acordadas noite adentro, lembrando-nos de nossos lares com lágrimas nos olhos.

*

Uma semana depois, celebramos o ano-novo, 1942, de maneira semelhante, com a esperança de que seria melhor do que os últimos. No entanto, seu início não prometia nada de agradável.

Nem consigo escrever; minha mão treme só de pensar. Se eu não tivesse visto com meus próprios olhos, não acreditaria que hoje, no século XX, algo assim pudesse acontecer. Esta manhã, eles ordenaram que fechássemos todas as janelas. Desconfiávamos de algo. Sabíamos que haviam montado uma forca atrás do alojamento Ústí. Por volta das nove horas, vimos (é possível ver através das janelas fechadas) um pequeno grupo entrar no alojamento. Na frente e atrás estavam os SS; no meio, nove rapazes com pás apoiadas nos ombros — para cavarem as próprias covas! Nove condenados à morte. O que esses garotos fizeram para serem tratados com tanta crueldade? Garotos de vinte anos, talvez menos, mandaram notícias para suas mães. E daí que tenham enviado mensagens ilegais? Como poderia ser de outra forma se o contato com familiares é proibido? Por

[redacted]

isso foram executados. Por que não deveria ser possível? Nos dias de hoje nada é impossível.

Sei que eles podem ser severos e cruéis, mas hoje foi o limite. Eles nos prometeram que poderíamos visitar nossos pais no domingo. Durante a semana, aguardamos ansiosamente, mal podíamos esperar, assim como nossos pais; eles organizaram uma espécie de concerto, uma recepção festiva.

Meu Deus, afinal seria a primeira vez que poderíamos visitá-los oficialmente. Nossa brigada deveria sair às duas da tarde. A partir do meio-dia, o pátio se encheu de crianças bem lavadas e penteadas em suas roupas de festa. Afinal, não é uma festa poder visitar os pais?

Aí, veio a ordem para voltarmos aos quartos. Não iríamos ao Magdeburgo. Fora descoberto um caso de escarlatina entre nós; eles não queriam que espalhássemos a infecção. A gente tentou protestar, mas é claro que não adiantou. Então voltamos aos quartos, com as cabeças baixas, e o dia tão ansiado terminou em decepção e lágrimas. Recebi uma carta do meu pai, em que ele descreve tudo o que planejaram para nós e como esperaram pelo encontro. Talvez nos deixem visitá-los no próximo domingo.

Todos os dias vou com Pavel (um garoto de onze anos que vive em nosso quarto) pegar leite em frente ao comissariado. Algumas vezes brigamos por causa disso com outras crianças, mas agora chegamos às duas e meia. Então somos os primeiros e temos prioridade. No comissariado, eles já nos conhecem e às vezes não enchem nossa vasilha, ficam faltando 125 ml de leite. Hoje recolhemos 750 ml de leite. Conseguimos alguns nabos esta manhã: um para Pavel, dois para mim.

Ontem eles os guardaram no antigo necrotério, para armazená-los, mas e daí? Quem se importa com essas coisas? A fome é desagradável e nabos enchem a barriga. Não resta quase nada das provisões que trouxemos e o pão precisa ser escondido. Nossa ração é um pedaço de pão para três dias e, além do mais, mofado.

O mais importante: não devemos ser pegos. Nós entramos pela janela; foi fácil porque havia um carrinho parado abaixo dela desde ontem. Minha mãe ainda não sabe; ela está no Magdeburgo com a *Putzkolonne*, a brigada de limpeza. Ela trabalha todos os dias para falar com meu pai. (Eu também queria ir, mas eles não me chamaram.)

Ela vai ficar contente quando voltar. Quero surpreendê-la e conseguir também algumas batatas.

Podemos pegá-las entre as cascas, num cômodo mais baixo no corredor externo, onde jogam o lixo da cozinha. Eu já tenho o leite, com duas batatas minha mãe pode fazer um purê. Já estou com água na boca.



Putzkolonne *(brigada de limpeza) (5 de janeiro de 1943)*

Trabalhar na brigada de limpeza permitia visitas aos outros alojamentos.

Na época em que ainda não havia autorização para se locomover livremente pela cidade, antes de os habitantes originais serem evacuados, essa era a única oportunidade para homens e mulheres se encontrarem ou ao menos para se avistar alguém de longe.

Estou apreensiva em relação a esse transporte. Meu pai disse (esta manhã ele conseguiu vir aqui novamente, depois de três semanas) que é uma besteira, para onde ele iria? Mas quando as pessoas começam a falar, há sempre um fundo de verdade.

Esta tarde, quando eu voltava com o leite, não encontrei ninguém no quarto. Onde estavam todos? Corri para o corredor: nem sombra. Onde se meteram?

Desci para o pátio. O que estava acontecendo? O lugar estava cheio de gente, fazendo o mesmo sinal com o dedo: “Psst, quieta, haverá uma chamada...”

“Infelizmente, vocês tinham razão”, escreveu papai para nós. Sim, infelizmente era verdade. Um transporte com mil pessoas seguiria para o leste, disseram-nos. Todos até o número trezentos em nosso quarto devem se preparar. Nosso número é acima de quinhentos, mas quem acredita “neles”?

“Espero que tudo corra bem”, continua papai na carta, “porém arrumem as malas por garantia”.

Bem, que ótimo. Pensamos que, por estar em Terezín, seríamos poupados de mais situações como essas. Agora, parece que esses “transportes” nunca terão fim.

Ontem à noite, anunciaram as convocações (graças a Deus, não estávamos nelas). O embarque

[redacted]

foi esta manhã. É claro que não dormimos. Ninguém sabia se estaria no transporte, então todos empacotaram suas coisas, por garantia, ou ajudaram aqueles que tinham sido chamados. Muitos conhecidos partiram.

Agora, no alojamento, o clima é de que alguém morreu. O transporte partiu e o ânimo entre os que ficaram se tornou péssimo.

Praga veio a nós. Chegaram três tias e um tio: Ola, Micka, Frieda e Jindra. Estão na *Schleuse* 30 do alojamento Hamburgo. Precisamos vê-los a qualquer custo. Não será fácil, especialmente para mim.

Eles não me aceitam em nenhuma das brigadas porque sou muito pequena. Não saí do alojamento desde que fui ao Podmokly pegar batatas. Não tenho esperanças de chegar à *Schleuse*, mas pelo menos minha mãe pode conseguir. Frieda está de cama, com febre — ela adoeceu no Palácio do Comércio. Desde que não seja pneumonia... O médico receitou compressas. Quem as aplicará?

Jindra já foi obrigado a se afastar. Pessoas que ela nem conhece? Todos aqui têm muitas preocupações sem precisar cuidar dos outros. Minha mãe precisa ir para lá.

*

Frieda está mal; minha mãe foi vê-la. Não a levaram para a enfermaria. Hoje

deveriam mudar-se para cá, para o Dresden. Há lugares em nosso quarto desde que os outros partiram. Espero que consigamos alojá-las aqui.

*

Agora estamos morando juntas. Trouxeram Frieda numa maca; preciso arranjar um colchão para ela. Finalmente ela vai receber cuidados.

*

Logo que Frieda melhorou um pouco, Micka caiu de cama. Ambas com pneumonia. Minha mãe teve muito a fazer. Ela nem vai trabalhar, por enquanto a coisa não anda tão séria. Agora meu pai consegue nos ver com mais frequência, sem precisar arrastar malas ou carregar batatas. Ele conseguiu um posto no escritório e tem um salvo-conduto, então é sempre possível arranjar uma viagem oficial até o alojamento Dresden.

*

Micka ainda estava doente e Frieda mal conseguia se levantar quando vieram as notícias de que haveria outro transporte. Naquela manhã, Jindra escreveu que ele estava muito preocupado e, à tarde, trouxeram a notícia a Frieda. O posto no escritório31 protege meu pai um pouco, então não precisamos nos abalar tanto quanto as outras, porém nunca se sabe o que vai acontecer com “eles”.

Amanhã pode vir uma ordem diferente. Aqui ninguém tem certeza de nada.





*

Houve um bocado de gente do nosso dormitório neste transporte: mais uma noite sem dormir.

*

O transporte deveria sair depois do almoço. Frieda estava pronta para partir quando lhe trouxeram o aviso de cancelamento. Papai e Pepa tiveram algum trabalho para retirá-la da lista.

O que estão falando sobre Křivoklát? Provavelmente nem é verdade, mas, em todo caso, eu não preciso ir ao “programa”. É como a gente chama o ensino, porque escolas ou qualquer coisa parecida são proibidas.

Nossas aulas se revezam entre os dormitórios. Em algum canto, abre-se um espaço, todos trazem uma cadeira (que nossos pais roubam de algum lugar — perdão, eu deveria dizer “desviam”, 32

porque há uma grande diferença — ou constroem com os pedaços de madeira que trocam pelo pão que recebem), um caderno e um lápis, e estudamos. Às vezes, fazemos barulho demais e nos expulsam do quarto com a professora. Outras vezes, chega uma visita alemã — alguém sempre nos avisa a tempo e recolhemos tudo o mais rápido possível e nos dispersamos.

Então, hoje também não há programa. Temos o dia livre. A não ser... Há alguma verdade no boato sobre Křivoklát? Estão dizendo que haverá um transporte de mulheres para Křivoklát voltado para o trabalho agrícola. As convocações seriam distribuídas à tarde.

*

O transporte partiu. Minhas tias Ola, Micka e Marta se foram. Espero que seja verdade que elas voltarão. Nem puderam levar toda a bagagem, apenas o essencial. Não é definitivo, dizem que é só um grupo de trabalho e que elas retornarão. Esperamos que sim.

Nos mudamos para os lugares desocupados perto da janela. Afinal, já era hora de nos afastarmos da porta. Não está tão frio como quando tirávamos lasquinhas de gelo dela, mas, considerando como era gelado ali, acho que merecemos um local um pouco melhor. Meu pai ainda quer que eu me mude; eles criaram uma moradia especial para crianças, o *Kinderheim*. Teoricamente seria melhor para mim. Eu dei uma olhada; na verdade, parece bom, mas eu prefiro ficar com minha mãe.

Agora nossas aulas são mais regulares, no sótão ou no *Kinderheim*. Talvez eu me mude para lá, afinal. É melhor morar com crianças do que entre adultos no dormitório.

O *Kinderheim* é bom, mas estou com muitas saudades de casa.Sei que é uma bobagem — afinal, minha mãe está no andar de cima —, só que não consigo

evitar. Durante o dia, é divertido; temos a



mesma idade, estudamos juntas e brincamos nas horas vagas. Revezamo-nos no *Zimmertur*, limpando o quarto; chamamos de *Toranut*.33 Jantamos em volta da mesa e preparamos nossas camas, sempre em duplas; eu estou com a Dita. Ouvimos dizer que até instalarão beliches para nós.

Em suma, qualquer coisa é melhor do que o dormitório. Se ao menos eu não sentisse saudade o tempo todo… Por mim, eu voltaria, mas meu pai não deixa. Acho que vou me acostumar.

Que tipo de dia das mães teremos se não posso dar uma flor para a minha? Mas onde conseguirei uma, se a gente não pode sair do alojamento? Já sei, vou fazer uma flor de papel — tenho papel crepom de várias cores. Sei que consigo. O que mais? Apenas uma flor, e nem mesmo verdadeira, não é um presente digno.

Tenho uma ideia. As meninas e eu faremos corações de papel e meu pai escreverá uma mensagem nele. As crianças ganharão rações de sobremesa esta tarde; esconderei a minha, e esta noite, antes que minha mãe chegue, prepararei para ela.

*

Por acaso, tive sorte; nem sei como aconteceu. Na cozinha, deram-me uma sobremesa extra. São fatias grandes de bolo; transformarei os dois pedaços em quatro e terei um presente para minha mãe. Olhei a *Schleuse* — algumas pessoas conhecidas chegaram e ganhei biscoitos. Juntei-os ao prato da sobremesa e ele está muito bonito.

Não é muita coisa, mas minha mãe sabe que não há muita opção. Em todo caso, compensarei no ano que vem. Com certeza já estaremos em casa! Se ao menos meu pai pudesse nos ver: então seria mesmo uma festa.

*

A turma de Křivoklát retornou. Então, dessa vez, nos disseram a verdade. Todas estão lindas e bronzeadas — especialmente comparadas a nós, ainda trancadas

nos alojamentos. Estiveram em contato com algumas arianas e trouxeram um monte de coisa (ovos, queijos — coisas que não vemos há muito tempo), e, melhor ainda, boas novidades. Tudo terminará em dois meses, dizem.

Agora faltam apenas os Vrba34 para que a família inteira esteja aqui. Vovó e tia Vally chegaram ontem. Esperamos que não sejam enviadas direto para um transporte. As pessoas falam novamente.

Está bom aqui, tão bom quanto possível. Vovó e Vally estão conosco no quarto 217. Minha mãe tem um colchão, que divide com Frieda e Marta; Ola e Micka vivem em outro quarto. Sou a única que precisa morar separada. Estou desesperada para estar com minha mãe, mas meu pai não quer nem ouvir falar no assunto. Ele diz que eu deveria estar contente por viver no *Kinderheim* e que um dia saberei que foi melhor.

Talvez ele tenha razão. Adultos têm outras preocupações. Os transportes estão recomeçando.

Uma comissão se reunirá à noite; eles começaram a compor a lista das pessoas. Ouvimos dizer que serão principalmente as mulheres de Křivoklát.

*

Dois dias se passaram e não os esquecerei tão cedo. Como é possível que tenham incluído Ola e não Micka? É assim que agradecem... Depois de todo o trabalho de burros de carga em Křivoklát.

Primeiro prometem o céu e depois enfiam as pessoas num transporte. Mas realmente poderíamos esperar algo melhor? Bem, pelo menos conseguimos tirar Ola. Além dela, ninguém estava na relação.

1o de julho de 1942

Preciso me lembrar desta data. A abertura do gueto. Podemos andar livremente nas ruas. Durante o dia, só com um salvo-conduto, mas à noite todos podem. Que sensação maravilhosa é andar sozinha, sem ser vigiada — ir aonde quero, como uma pessoa livre. Deve ser um pequeno passo a caminho da liberdade; o fim da guerra deve estar próximo.

Conseguiu-se permissão para construir um parquinho num campo enorme nas plataformas da praça-forte. Vou até lá todos os dias. Temos mais comida; minha mãe está costurando para as pessoas. Não dá para ganhar muito, verdade seja dita — por um vestido costurado à mão ganha-se um pão —, mas significa muito para nós. Em geral, tudo está muito melhor do que quando chegamos. Afinal, naquela época não havia absolutamente nada aqui, nem pregos nas paredes.

Construímos como verdadeiros pioneiros, a partir do nada, com as próprias mãos. Hoje, seis meses depois, há um bocado de trabalho decente feito por nós. Eles começaram a construir beliches; montam teatros nos sótãos. Eu já assisti a dois espetáculos. Em breve teremos a estreia de *A noiva vendida*.35 As casas abandonadas pelos arianos foram limpas; as ruas foram divididas em quarteirões e sinalizadas — verticais com L, transversais com Q. Quem chega nos novos transportes é instalado diretamente nesses quarteirões.

Nos próximos dias, devemos começar a mudança: todas as trabalhadoras irão para o alojamento Hamburgo, as funcionárias do escritório passam do Magdeburgo para o "Sol" (o antigo hotel), mães com crianças pequenas para o *Säuglingsheim*; crianças para o *Kriechlingsheim* e o *Kinderheim*; meninas mais velhas para o *Mädchenheim*; os garotos para o *Jugendheim* e o *Lehrlingsheim*. Os oficiais, da chamada "elite", ganharam quartos próprios no Magdeburgo.

Nosso lar no Dresden passou para a antiga casa do comandante alemão no quarteirão junto à igreja, o *Mädchenheim* L410. Eles dividiram a gente em cômodos por ano de nascimento. Então, fui colocada no número 24. Somos 33 e dormimos em beliches de três andares.



O dormitório L410 (1943)

Durante o dia estudamos juntas e só podemos sair numa brigada. Mamãe está doente; ela tem uma infecção no ouvido médio e só posso vê-la durante uma hora a cada noite. Estou morrendo de saudades.

Moro com uma menina quatro dias mais nova do que eu; seu nome é Francka. Nossas mães descobriram que nascemos na mesma ala da maternidade. A partir daquele dia, ficamos amigas. É

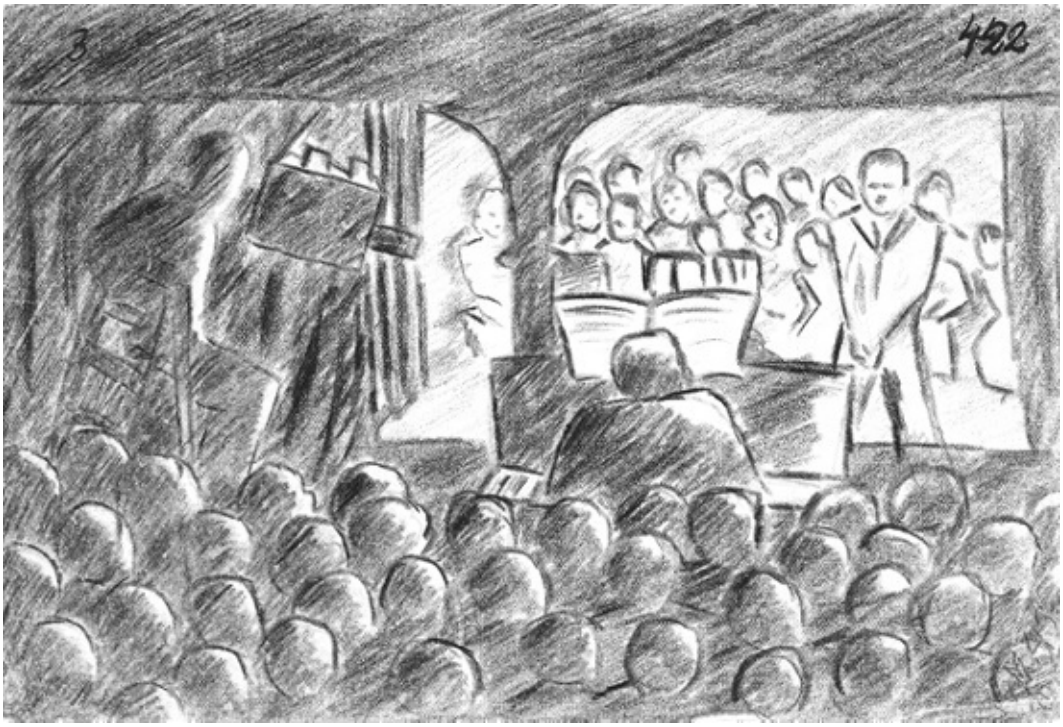
muito interessante que a gente tenha se conhecido assim. Deveríamos dividir um beliche, pois somos amigas, só que Francka não quis deixar sua cama. Num acidente infeliz, porém, ela caiu, e sua mãe não permitiu que ela continuasse dormindo na cama mais alta. Ela teve sorte e quase nada aconteceu. Ela abriu a cabeça levemente, só um pouquinho. Não é bonito, mas estou um pouco contente, porque, por coincidência, havia uma cama vaga ao meu lado e Francka se mudou para lá.

Agora não tenho tanta saudade — não temos, porque Francka é igual a mim neste aspecto. Na cama, conversamos até tarde e não temos tempo para chorar. De qualquer maneira, por que choraríamos? Somos todas meninas, afinal, e

espera-se que sejamos alegres, sem choramingar. É o que todos pensam e, se quisermos ficar bem com eles (e nós queremos), não podemos contrariar essa expectativa.

Em todo caso, não há motivo para choro. Talvez porque estamos aprisionadas e não podemos ir ao cinema, ao teatro ou fazer caminhadas como as outras crianças? Pelo contrário. É exatamente por isso que precisamos estar alegres. Ninguém jamais morreu por falta de cinema ou de teatro. É

possível viver em cômodos lotados (somos relativamente poucas, apenas 33), dormindo em beliches com pulgas e percevejos. É bem pior quando falta comida, mas mesmo um pouco de fome pode ser tolerado. “Onde há vontade, há um jeito...” Não se deve levar tudo tão a sério e começar a soluçar.



Querem nos destruir, é óbvio, mas não vamos nos render. Vamos aguentar esses últimos meses.

Eu não me mudaria daqui, mesmo se pudesse.36 Temos um grupo fabuloso. Estudamos tcheco, geografia, história e matemática sob a liderança de um *Betreuer.* Temos treze anos, afinal, e só terminamos a escola primária. O que

acontecerá conosco depois da guerra? Geralmente lemos à noite. Às vezes sozinhas, outras vezes em voz alta, uma para a outra. Há uma boa seleção de livros aqui. É compreensível. Quando empacotamos nossos cinquenta quilos de bagagem, não sobrou muito espaço para livros; ainda assim, cada uma trouxe seus preferidos. Juntas, lemos *První partu*

[Primeiro time], *RUR* e *Matku* [Mãe], de Čapek,37 e *Os miseráveis*, de Victor Hugo. Lemos os poemas de Jan Neruda e de Jiří Wolker; decorei "Baladu o očích topičových" [A balada do olhar do foguista], "O námořníku" [O marinheiro] e "O nenarozeném dítěti" [A criança por nascer].

Ontem, assisti a *O beijo*.38 Está sendo encenado no Magdeburgo, no sótão. Mesmo cantado apenas com o acompanhamento de piano, sem cortinas nem figurinos, a impressão que dá é que não seria melhor nem no Teatro Nacional.

Ópera no sótão *(dezembro de 1943)*

Havia muitos artistas e cientistas em Terezín, e apesar das condições sub-humanas a vida cultural era muito rica. Recitais literários, concertos, peças e palestras aconteciam nos dormitórios, sótãos e pátios. Eles eram uma fonte de esperança e força, e o povo, inclusive as crianças, tinha um grande interesse por essas pessoas.

Os Vrba chegaram. Justo agora, quando um transporte vai partir e não há tanta gente. Meu primo já está aqui há um mês; durante todo o tempo ele trabalhou na *Bahnbau* e prometeram-lhe que assim protegeria toda a sua família do transporte, porém, como são cinco, vai ser difícil. Esse transporte não parece mesmo coisa boa. Eles nem querem deixá-los sair da *Schleuse*.

*

Meu pai, Pepa e Frieda fizeram o possível, mas eles eram muitos. Pepa poderia ficar — a *Bahnbau* o protege —, mas não sua família. Ele não quis deixá-los sozinhos; foi voluntariamente. Partiram esta manhã. Direto da *Schleuse*.

*

Os Vrba mal partiram e um novo transporte foi anunciado. Vovó e Vally foram convocadas. Não conseguimos que ficassem. Minha mãe quis juntar-se a elas

voluntariamente e, depois, Frieda. No final, porém, todas ficaram.

Altertransports: dez mil enfermos, inválidos, moribundos e todos com mais de 65 anos.39

Está muito quente. Raios de sol batem direto em minha cama; eles chegam mais e mais longe enquanto me encolho em vão, recuando para a sombra.

Hoje me apresentarei como voluntária para ajudar com o *Hilfsdienst*. Ainda não faltei nenhum dia, mas estou exausta demais para ver toda aquela desgraça e sofrimento. *Altertransports*. Os jovens não têm permissão de acompanhá-los voluntariamente. Os filhos precisam deixar que seus pais idosos partam e não podem ajudá-los.

Por que mandam embora pessoas indefesas? Se quisessem se livrar de nós, os jovens, eu compreenderia. Provavelmente têm medo de nós, não querem que nasçam mais crianças judias.

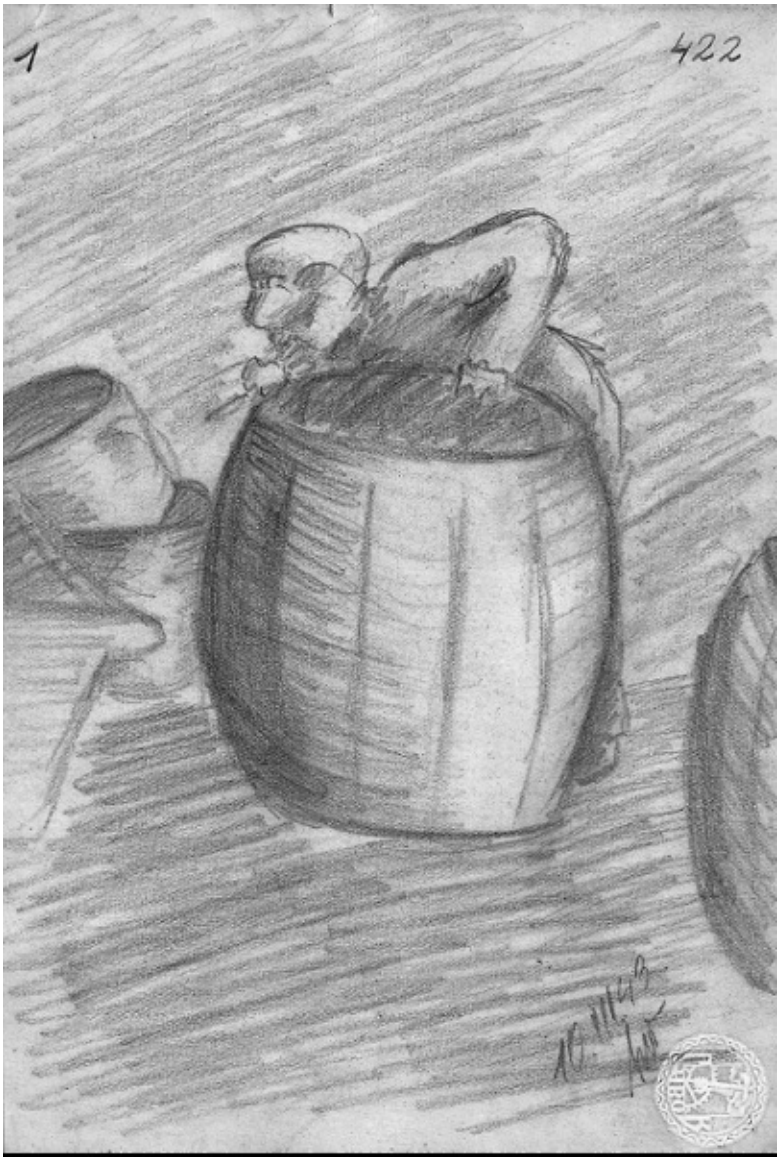
Mas que perigo essas pessoas representam? Já foram obrigadas a vir para Terezín; não basta? Não podem deixá-las morrer aqui, em paz? Afinal, é o que as espera. Metade morre na *Schleuse* e no trem.

Os guardas do gueto gritam e correm sob nossas janelas, fechando a rua. Outro grupo está a caminho. Há uma maca, uma carroça de duas rodas carregando cadáveres, bagagens e um *Leichenwagen*, um carro fúnebre. A rua, tomada pela claridade de agosto, está imersa numa poeira grossa e suja. Malas, macas, corpos. É assim durante toda a semana. Corpos nas carroças e moribundos nos carros fúnebres. Tudo é transportado nesses veículos: roupa suja, pão — há um desses em nosso *Heim*, parado no meio do pátio. Há uma placa afixada nele: "*Jugendfürsorge*" —

"assistência para jovens".

E daí? Um carro é um carro, ninguém parou para pensar nisso, mas carregar pessoas é um pouquinho demais.

Novamente o movimento das carroças sob nossas janelas. Dois *Transportleiters* — organizadores de transportes — estão andando; atrás vem sua carga e, mais atrás, vários *Krankenträgers* —



carregadores de macas — e o *Hilfsdienst*.

São cadáveres entre as malas? Não, um deles está se mexendo; em meio à tela de poeira em torno do veículo brilha uma faixa de braço amarela. Quem poderia esquecê-las? Nós as encontramos diariamente perto da cozinha. Em muletas, cegos, com uma pequena tigela nas mãos, pedindo um pouco de café ou sopa, raspando as bacias e panelas não lavadas ou remexendo os montes de batatas podres, de cascas e de lixo. Sim, são eles: emagrecidos, famintos, dignos de pena. Eles, os vivos nos carros fúnebres. Quantos chegarão? Quantos voltarão?

Todos os carros fúnebres estão em uso. Pela primeira vez levam uma carga viva. E, no entanto, não poderia ser mais apropriado. Aonde esses destroços de seres

humanos irão? Onde serão jogados seus corpos? Ninguém chorará por eles, ninguém lamentará sua morte. Até que, um dia, sejam mencionados em nossos livros escolares. Aí, o único título apropriado será: “Enterrados vivos”.

Raspando os restos (10 de março de 1943)

Idosos viviam a pior situação, pois recebiam as menores rações

*

Três rapazes fugiram. 40 Por isso, tivemos *Kasernensperre* — toque de recolher — e *Lichtsperre* —

apagar de luzes — por uma semana. Só podemos trabalhar em brigadas; ninguém pode estar na rua depois das seis. Voltamos do trabalho no escuro; pela manhã, quando saímos, ainda nem clareou.

Nos vestimos e despimos usando a memória. As janelas precisam estar escuras e é proibido acender qualquer tipo de luz. Amanhã irei ao alojamento Hamburgo em busca de pão; talvez eu consiga me esgueirar e ver minha mãe.

*

O *Kasernensperre* foi cancelado, mas parece que o *Lichtsperre* vigorará por todo o inverno.

Precisamos economizar eletricidade. Ele atinge um quarteirão por vez, mudando a cada três dias.

Temos permissão para acender velas, mas elas não duram muito. Nossas reservas estão se esgotando e não receberemos mais. É de uma estupidez terrível; nem podemos ler à noite.

Sem luz, tudo é triste e sombrio. Sinto muitas saudades de Praga. Noite após noite, Francka e eu revivemos a cidade interminavelmente e é comum sonharmos com ela.

Tive um sonho lindo esta noite. Sonhei que estava em casa; vi nosso apartamento e nossa rua com absoluta clareza. Agora estou decepcionada e de

mau humor, porque acordei neste beliche e não em minha cama. Talvez, porém, seja algum sinal de que o fim está próximo. Então deveria haver um *Lichtsperre* eterno por toda a Alemanha.

É incrível como o tempo voa. Em alguns dias, vamos completar um ano aqui. No ano passado eu não imaginava que passaria meu aniversário aqui. E foi bem legal. Ganhei vários bolos — é claro que apenas bolos de Terezín —, um amuleto — meu número de transporte — e muitas outras coisas. Recebemos também um pacote. Os pacotes são permitidos há um mês.

Com tão poucas oportunidades de divertimento,41 esperamos qualquer possibilidade, como nossos aniversários, para ter algum descanso, montar uma peça etc. E, já que tem meninas de raça mista42 no *Heim*, decidimos celebrar as duas festas, Hanucá e Natal.43 Mal podemos esperar, e como o Hanucá acontece antes do Natal os preparativos principais são para a primeira data. Cada uma precisa preparar 32 presentes, um para cada uma, ou mais. O Hanucá será daqui a quinze dias. A partir de hoje, não podemos comer açúcar ou margarina; nossas porções são guardadas para preparar um bolo. Quem tem alguém na cozinha ou recebe um pacote doa o que conseguiu para a festa. Não jantaremos no dia antes da celebração e guardaremos nossas batatas para uma refeição em grupo.

Uma torta de batatas para as festas? Aqui em Terezín temos receitas fabulosas, que não se conhece em nenhum outro lugar. Por exemplo, bolo de pão com creme de pobre,44 uma iguaria.

*

Não celebramos o Natal juntas porque a maioria das meninas quis estar com seus pais. Na véspera de ano-novo, houve um baile de máscaras; ficamos acordadas até meia-noite e meia. Todos os *Heims* se visitaram para desejar um feliz ano-novo uns aos outros. Tantos deles nos desapontaram; este será melhor?

Catorze dias após o ano-novo (1943)45

“Meninas, Vilík está a caminho; já passou pelo primeiro andar.Do número 13, Dáša, Věra e Hanka estão dentro. Agora está no número 25. Dita, Eva, Danka e Líza.”

Vilík está na soleira da nossa porta; todos os olhos estão fixos em seus lábios. Quem... Também estou dentro? Alguns pedaços de papel branco tremem entre seus dedos. Ele olha vagarosamente pelo quarto e seus olhos param em mim. “Helga, assine para mim.” Nunca pulei da cama e me vesti tão depressa.

Era tarde e já estávamos na cama. Minha tia chegou e me levou ao alojamento Magdeburgo.

Esperamos no escritório do meu pai até mais ou menos meia-noite. Eles lhe prometeram; nem precisaríamos fazer as malas.

Passei o restante da noite com minha mãe e só voltei ao *Heim* pela manhã. As garotas esperavam com impaciência por notícias e ficaram extremamente contentes por termos uma promessa. No entanto, promessas não significam grande coisa, de modo que, por precaução, empacotamos nossos pertences.

O embarque para o transporte seria naquela noite e, às oito horas, ainda não tínhamos o aviso de cancelamento. Meu pai conseguiu uma confirmação, enfim, e não precisamos embarcar. Eles trouxeram o aviso de cancelamento durante a noite.

Isto não é mais um *Heim*, é um hospital comum. Todos nos evitam; metade do L410 está doente.

Os termômetros não marcam abaixo de quarenta graus. O número de doentes cresce a cada dia; a enfermaria não dá conta. Os quartos estão cheios de enfermos e o médico não sabe o que fazer.

Não me sinto muito bem; provavelmente também vou ficar de cama. Tive todas as doenças que passaram por aqui... “Meninas, quem for ao Hamburgo diga à minha mãe que não a visitarei hoje.

Estou com 38 graus.”

Ontem levaram Zorka para a enfermaria; ela está mal. O médico não tem muita esperança. Deve ser tifo. Querem nos colocar em quarentena; desconfiam de todas nós.

Tudo parece horrível por aqui. Não há mais de três meninas em cada quarto que estejam bem.

Mesmo Dáša, nossa *Betreuerin*, não veio hoje. Passou a semana inteira com uma febre de 38 graus.

*

Ontem levaram a irmã de Lilka para o alojamento Vrchlabí; ela está inconsciente. Vão montar uma nova enfermaria. Brrr, sinto tanto frio; certamente estou com febre...

*

Ontem cheguei a 40,3 graus. Meu nariz sangrava. Eu estava péssima. Era impossível estancar o sangramento; finalmente, o médico apareceu. Pensei que iria morrer, de tão doente. Hoje me sinto um pouco melhor; só espero que minha temperatura não suba.

Tive sorte; minha temperatura cedeu exatamente no dia em que todos com febre mais alta do que 38 graus foram transferidos para a enfermaria. É tifo. Não sei... Talvez eu tenha pegado, talvez não.

Em todo caso, minha temperatura não estava alta e não me mandaram para lá.

Há um aviso enorme nas portas do L410: "*Achtung: Infektionsgefahr*". Todos fogem. A irmã de Lilka morreu; a própria Lilka está com tifo. Věra, Olina e Marta foram para a enfermaria. Ontem levaram Milča para o alojamento Vrchlabí; ouvi dizer que ela agoniza. Dáša e Zorka morreram.

*

O tifo assolou Terezín. O hospital e as enfermarias ficaram lotados. Esvaziaram uma casa inteira e transformaram-na numa ala para o tratamento da doença. Por toda parte, veem-se avisos: "*Achtung: Tifo*". Todos os encanamentos e torneiras têm avisos " *Nie vergessen Hände waschen*" — Não se esqueçam de lavar as mãos. No entanto, quase nunca há água corrente.

*

Estão abrindo lojas e ouvimos dizer que todos receberão dinheiro pelo trabalho. O que devemos pensar? É ridículo, afinal. Lojas, dinheiro! Para quê? E para quem?46

*

Achamos estranho que eles de fato começassem a vender coisas aqui, contudo ninguém imaginou que seria assim. Um transporte inteiro simplesmente teve sua bagagem confiscada e, na mesma hora, apareceram bens à venda. Há uma loja oferecendo pratos, malas, roupas e lençóis, uma perfumaria e uma mercearia. Nosso pagamento é dividido em quatro grupos; é impresso um dinheiro especial, *Ghettogeld*.47 Recebemos pontos por tudo. A cada seis semanas, é nossa vez de comprar mantimentos. Há mostarda, *kümmel*, sal de aipo e pasta para pão.

Parece até que vivemos numa cidade de verdade, só não entendo a intenção deles. Seria decididamente mais útil que os cômodos onde funcionam as lojas fossem liberados para a moradia.

Por um lado, eles expulsam as pessoas em transportes enquanto, por outro, fazem joguinhos como esse.

*

E mais um transporte. Ouvimos dizer que não seguirá para a Polônia; a linha de frente já está lá. É

para um novo campo na fronteira polonesa, algum lugar perto de Bohumín. Provavelmente a

[redacted]

situação é a mesma em todos os lugares.

*

As coisas parecem um pouco mais animadas por aqui. As meninas aos poucos retornam do hospital.

Até Miluška voltará. Tínhamos pouca esperança quanto a ela. Mesmo os médicos tinham dúvidas; sua vida estava por um fio. Amanhã Olina, Růža, Alena e Marta voltarão. Graças a Deus. É o velho 24 outra vez.

Todas nos inscrevemos para trabalhar na horta.

É ótimo. Trabalhamos fora do gueto e temos um salvo-conduto. Estamos todas no mesmo grupo.

É divertido estar ao ar livre. Essa é a diferença entre os lugares. Dá para notar pela nossa aparência.

Estamos trabalhando há menos de quinze dias e ficamos coradas — e o tempo nem está tão bom; espere o sol começar a brilhar! Se ao menos não precisássemos acordar tão cedo. E aquele capinar interminável — mal posso esperar até começarmos a semear.

Estou muito ansiosa para levar algumas verduras para minha mãe. Talvez eu faça isso hoje, se a gente for a Kréta colher espinafre.48 De qualquer maneira, preciso estar preparada para “desviar”

alguns ramos. Vai dar certo se eu usar culotes ou será que devo pôr as calças de trabalho na horta por cima? Ah, Katka tem uma ótima ideia. Ela descosturou a barra da manga, formando um bolso maravilhoso. Já se passaram quinze minutos; daqui a pouco a gente entra em formação.

Houve uma palestra sobre Rembrandt no alojamento dos meninos, com slides iluminados por lanternas. Foi muito interessante. Espero que haja outras; eu vou com certeza.49

Fomos todas a uma tarde cultural; recitaram poemas de Villon. Eles tiveram um efeito poderoso em mim. São lindos e assustadores ao mesmo tempo. “Morro de sede quase ao pé da fonte,/ Quente qual fogo, mas batendo os dentes:/ Em meu país vivo além do horizonte;/ Junto a um braseiro tremo e fico ardente”.50 Preciso pegar esses poemas emprestados em algum lugar.

Minha mãe vai se mudar outra vez. Sem mais nem menos, algumas mulheres do *Landwirtschaft*

— o departamento agrícola — chegaram e, dentre todos os lugares, gostaram do quarto dela. Por pertencerem ao *Landwirtschaft* e provavelmente terem alguma influência no *Raumwirtschaft*, nossa unidade de gerência de espaços, essas mulheres conseguiram o quarto; as outras precisam se mudar em 24 horas. Estamos aqui há um ano e meio, mas de que adianta se não temos qualquer

influência? Minha mãe não foi encaminhada para outro quarto e precisou se mudar para o sótão.

Enfim, depois de três meses, mamãe conseguiu um lugar no quarto 84, de novo com Frieda, no

[redacted]

terceiro andar e junto à janela. É muito bom — e, o mais importante, não é visível, de modo que, à noite, quando nos reunimos, podemos subir e jantar em paz, sem atrapalhar ninguém nem sermos atrapalhadas.

Setembro de 1943

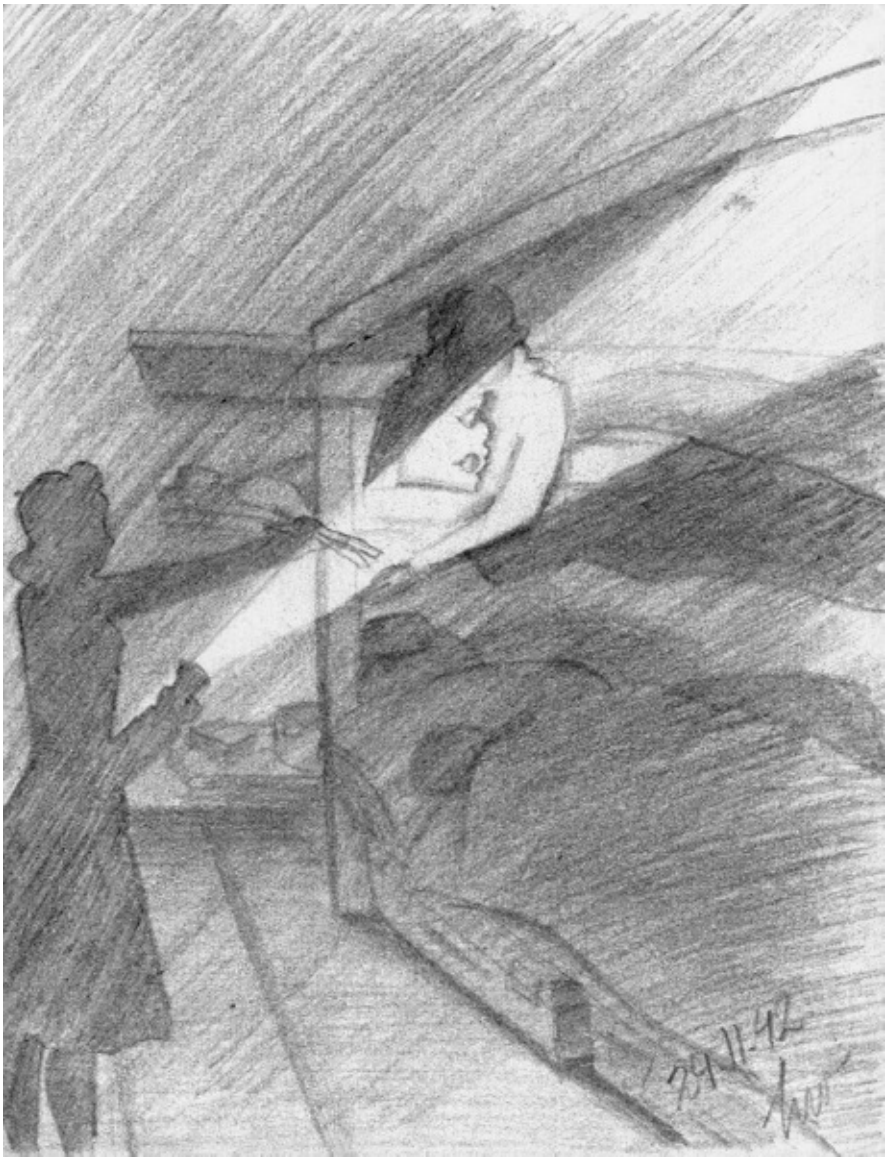
As meninas estão se aglomerando na porta do *Waschraum*; algumas levaram bacias e roupas sujas para o pátio. Dos bancos às escadas dos beliches, tudo o que as mãos tocam dói. O aquecedor não consegue esquentar toda a água; a lavagem é feita a frio. Entre as poças de água e as roupas sujas, nos beliches, nos corredores, em qualquer lugar onde haja um pouco de espaço, estão empilhadas malas, bolsas e toda a nossa bagagem. Dedos ágeis cerzem tudo o que está rasgado. “Meninas, quem terminará primeiro? Preciso reservar uma pia. Onde você esteve, Eva, no Magdeburgo? Quais são as novidades? Quantos... 1.500?!”

Naquela tarde, chegou o anúncio. Máša, nossa *Betreuerin*, Renka, Gita e Ema. Por enquanto não estamos nele, mas ainda anunciarão a lista reserva.

*

“Helga, levante-se, estamos no transporte”, disse minha mãe quando me acordou hoje de manhã.

Um pouco depois, Vily trouxe as convocações. Estamos no final da lista reserva.



Chamada para o transporte (24 de fevereiro de 1942)

A chamada para o transporte acontecia à noite, na maioria das vezes.

O local e a hora para se apresentar eram escritos num pedaço de papel.

A lista reserva está indo para a *Schleuse* passando na cervejaria. São cinco da tarde. Preciso embarcar. Vily já está chamando. “Então, Máša, até logo, não vou dizer adeus — afinal, nos veremos em breve e fundaremos um novo número 24 em Birkenau ou seja lá onde for. Franci, vou guardar uma cama para você perto de mim. Meninas, deem uma olhada na *Schleuse*. Gita e Renka, estão prontas? Então, meninas, mais uma vez, adeus. Adeus, número 24.

*

Em vez de estar de novo na lista reserva, eu preferia ir embora já. Quantas malas carregamos? Não queremos despachar nossa bagagem, pois podem levá-la enquanto nos deixam aqui e também temos medo do contrário. Poderíamos ignorar tudo — não termos dormido e termos arrastado nossa



bagagem pelo menos duas vezes do sótão até o pátio e de novo para cima — se não fosse pela pavorosa incerteza. Se ao menos fizessem tudo de maneira correta, por ordem numérica, mas a *Transportleitung* — a administração dos transportes — bem entende. No final, os números mais altos na lista reserva partiram e o restante ficou. Não consigo lembrar quantas vezes nos reuniram no pátio; sei apenas que a certa altura eu só queria estar no trem.

Uma vez, estávamos a caminho do trem. Se não fosse por minha mãe, teríamos partido. No caminho, ela se virou e percebeu que não havia ninguém atrás de nós. Voltamos à *Schleuse*, escondemo-nos por um tempo no pátio e então nos deixaram voltar. Felizmente estávamos entre os primeiros a sair da *Schleuse*, porque de repente não havia gente suficiente e os alemães passaram a pegar todos os que encontravam, mesmo no meio das ruas do gueto. Nossas meninas — Gita também ficou — esperavam em frente à cervejaria e nos levaram ao *Heim* no meio de uma parada festiva. Francka preparou imediatamente minha cama e logo adormeci. Nunca dormi tão bem naquele beliche. Agora não quero nada além de esperar o fim da guerra nele.

As construções perto do pavilhão Sokol51 precisam ser esvaziadas. Um jantar especial está sendo preparado; ao mesmo tempo, cuida-se de uma *Entwesung*,52 uma desinfestação. Dizem que algumas crianças polonesas estão a caminho. Tudo é tão incompreensível. Por que, e com que propósito, eles trazem essas crianças da Polônia?

Chegaram ontem, às cinco da tarde. Ninguém pode vê-las. Ao longo da noite, algumas enfermeiras, *Betreuers* e médicos foram autorizados a entrar; além deles, ninguém tem permissão de se aproximar dos prédios.

*

Tivemos notícias. Nenhuma das crianças fala tcheco; nem sabemos se são judias, polonesas ou outra coisa. Dá para ver um pouquinho delas pela torre; esta manhã, foram para a *Entwesung*. Seu aspecto é terrível. É impossível adivinhar as idades. Têm rostos cansados, envelhecidos e corpinhos minúsculos. Grande parte não tem meias e só algumas estão calçadas. Elas retornam da *Entwesung* com as cabeças raspadas; ouvimos dizer que tinham piolhos. Todas têm olhares aterrorizados e resistiram, amedrontadas, quando lhes mostraram os banheiros. Tinham medo de que fosse gás?

Foram embora ontem à tarde. Os médicos, enfermeiras e *Betreuers*, também. Durante todo o tempo em que estiveram em quarentena, receberam comida especial e roupas surrupiadas especialmente para elas. A única pessoa que teve contato com elas foi Fredy Hirsch. Agora, como consequência, ele está trancado num abrigo no centro de comando.

Partiram. Nunca soubemos de onde eram ou para onde foram levadas. Tudo o que resta é um par de linhas rabiscadas na parede do prédio, que mal podemos decifrar. E aquele boato horrível e inexplicável: gás!53

Passei o dia 10 de novembro na cama. Voltei a ter febre. Mesmo assim, foi um aniversário ótimo.

Ganhei um presentinho de cada uma das meninas: um pudim de Francka e um novo enfeite de Jindra, isso sem contar meus pais. Não sei onde conseguiram tudo. Tantas coisas lindas que eu não poderia ter uma comemoração melhor nem em casa. O dia seguinte, porém, foi menos legal e, com o tempo, será lembrado em toda Terezín.

11 de novembro de 1943

Infelizmente, ou talvez felizmente, não participei, devido à doença, então lamento não ser capaz de fazer anotações mais detalhadas.

A contagem matutina não fechou e supôs-se que alguém havia fugido; é provável que seja verdade, mas os alemães podem simplesmente ter inventado a história. Era necessário um censo completo dos habitantes — e não nos alojamentos, como era feito quando alguém desaparecia, mas no gueto. Naquela noite, todos os doentes nos abrigos e nas enfermarias dos prédios foram transferidos para

enfermarias dos alojamentos. Além disso, todos os habitantes do gueto, desde as crianças mais novas no *Säuglingsheim* até os mais velhos, foram levados a uma imensa campina (a bacia Bohušovice), alinhados às centenas e mantidos de pé desde o raiar do dia até a mais profunda escuridão, sendo rearranjados e recontados a todo momento, acompanhados dos terríveis pensamentos de que jamais voltariam ao gueto, de que seriam levados e assassinados etc. — algo que deduziram entre os muitos insultos e comentários dos homens da SS. Embora não estivesse lá, posso facilmente me imaginar nessa situação.

Outros acharam que eu estava melhor em minha cama em Vrchlabí, embora eu não esteja convencida disso. Aquela manhã foi normal. Lízinka e eu dividíamos uma cama por falta de espaço e estávamos de bom humor. Também vieram nos contar, então acreditamos que era apenas um censo. No entanto, quando, às três horas, depois às quatro e finalmente às seis ninguém havia voltado, começamos a nos preocupar. Eram as mesmas preocupações das pessoas lá fora: as visões mais horríveis e então recriminações por não irmos com eles e perecermos juntos. Se apenas pudéssemos ir ao corredor e olhar a rua pela janela... Mas isso também era proibido.

Olhos grudados na porta e ouvidos atentos, buscávamos, tensas, o menor sinal de vida.

Esperávamos, encolhidas debaixo dos cobertores. Em vão. O silêncio, ameaçador e incomum, era a única resposta a todas as nossas perguntas. Verei meus pais novamente? O que aconteceu com eles?

Nossos nervos, tensos e inquietos, irritados pelo jejum do dia inteiro, cederam e nossos olhos se encheram de lágrimas.

Perto das oito da noite, finalmente ouvimos passos. Os corredores dos alojamentos ganharam vida. A porta se abriu e os parentes dos enfermos entraram e nos contaram o que havia acontecido.

Meu pai veio me ver e me trouxe algo para comer. Continuamos no hospital até a manhã seguinte.

Ninguém jamais voltou aos portões de Terezín tão feliz nem dormiu tão satisfeito quanto na noite de 11 de novembro.



Ouvimos dizer que uma comissão internacional está chegando. Estão em andamento uma enorme limpeza e a reorganização da cidade: *Verschönerung der Stadt* . Há um plano sobre os lugares onde a comissão irá e os trabalhos estão sendo executados de acordo com ele. No alojamento Hamburgo, o terceiro andar de beliches precisa desaparecer, em 24 horas, de todos os quartos cujas janelas dão para a rua. Um transporte já partiu, é verdade, mas não bastou para liberar espaço suficiente.

A destruição dos beliches (1944)

Então, numa manhã, eles vieram bem cedo e serraram as camas superiores, e as ocupantes não tiveram alternativa senão pegar suas bolsas e se mudar. Não havia para onde ir, porém em dois dias tudo foi resolvido. Algumas pessoas se mudaram para outros prédios; o restante encontrou *Notbelags*.54 Mamãe estava entre as afetadas; felizmente, após três dias de busca desesperada, ela arranjou um lugar num beliche do quarto 211.

Natal. Esperávamos ansiosamente e, por algum tempo, parecia que nos deixariam em paz. Embora tenhamos tido muitas oportunidades para conhecer os

alemães, ainda somos muito ingênuos. Não houve uma festividade em que tenham nos deixado em paz. Este Natal não seria exceção. Tia Ola e muitas meninas foram embora. Será uma data triste.



Um chão bem esfregado e beliches perfeitamente arrumados. No centro de uma toalha de mesa branca, uma menorá nova, lindamente esculpida em madeira, um bolo gigante e 33 pratinhos de metal com fatias de pão. No canto da sala, uma cesta com os presentes que preparamos. Meninas vestindo blusas brancas e saias azuis passadas. Tudo está pronto. A celebração do Hanucá começa.55

O sótão apertado do prédio L410 está repleto de silhuetas de meninas. A primeira vela na menorá foi acendida e os objetos se esticaram em sombras compridas e assustadoras. Trezentos e sessenta pares de olhos se iluminam. Nosso *Heimleiter* 56 aproximou-se da menorá e rezou. “*Ma’oz tzur yeshu’ati*... ”57 ecoou baixinho pelo sótão... De repente: “Tem um alemão no prédio!” gritou a vigia, que subira as escadas correndo.

A vela se apagou; as sombras desapareceram. “Todas para os quartos!”, veio a ordem. “Cuidado, não deixem que ele as ouça.” Como isso vai terminar? Se descobrir que estávamos celebrando...! E

se entrar nos quartos e vir as mesas preparadas? Isso pode se transformar numa enorme confusão.

Hanucá no sótão (16 de janeiro de 1944)

Mal conseguimos voltar ao quarto quando o alemão — era o próprio Lagerkommandant Burgr

— chegou ao terceiro andar e irrompeu em nosso quarto, número 24.58 Foi até a mesa, sentou-se no banco e começou a nos interrogar. Como preparamos uma mesa tão bem-posta, onde conseguimos tanto pão etc. Pelo menos escondemos a menorá a tempo. Não revelamos nada e ele partiu de mãos abanando.

Soltamos um suspiro aliviado, esperamos o aviso de que ele deixara o prédio, jantamos e trocamos os presentes. Foi muito bom e poderia ter sido ainda melhor se aquele homem terrível não houvesse



estragado nossos planos.

Icterícia e tifo estão fora de moda.59 Surgiu uma doença nova: encefalite. Eles esvaziaram todo o pavilhão Sokol, antes nossa ala para pacientes com tifo. O L410 tem, como sempre, grande parte dos casos. Ficamos em quarentena por vários dias. Acho que deveriam simplesmente montar uma enfermaria aqui ou todo o *Heim* precisará se mudar para o Sokol. Eles adicionaram mais um quarto à nossa enfermaria, o número 17.

A doença segue seu curso sem muitos casos graves. Estamos nos divertindo. Conhecemos todos os sintomas dessa estranha enfermidade e passamos dias examinando umas às outras. Hoje as meninas me diagnosticaram com reflexos fracos na barriga e nos olhos e dizem que minha língua está torta.

Além disso, não consigo tocar meu nariz com o dedo quando estou de olhos fechados.

Na verdade, elas estavam certas. Em sua visita de hoje, o médico descreveu a aparência da língua quando se tem encefalite. Ele me fez mostrar a minha e bastou.

Ele me examinou e anunciou que era um caso típico. Preciso ir ao alojamento Vrchlabí para um exame.

*

No Vrchlabí, confirmaram o diagnóstico. Estou no número 17. É incrivelmente desorganizado e frio. Separei meu edredom e meus colchões para desinfecção. Amanhã passarei para o pavilhão Sokol. Estou ansiosa por um banho. As meninas escreveram que todo mundo precisa tomar banho primeiro. Será maravilhoso: um banho pela primeira vez em três anos.

*

Estou deitada há mais de uma semana. Não há nada errado comigo, mas ninguém pode ser liberado antes de duas semanas sob observação. Minha cama fica ao lado da de Katka. Não temos o que fazer o dia todo. Estou pintando e lendo bastante. Katka e eu lemos juntas *Quo Vadis*, de Henryk Sienkiewicz. É um livro extremamente interessante. A perseguição aos cristãos foi horrível. E é horrível que tantos séculos depois coisas semelhantes aconteçam. Também lemos os poemas de Hora;60 gostei tanto que copiei alguns.

15 de janeiro de 1944

Perdi um grande acontecimento: a mudança dos alojamentos Hamburgo. Segundo as cartas e histórias, deve ter sido um pandemônio: mudar quatro mil pessoas e suas bagagens em 24 horas.

Minha mãe nem apareceu esta tarde; escreveu dizendo que eu deveria ficar satisfeita por não estar entre eles. Quando voltar, tudo estará em ordem, em teoria. Felizmente ela conseguiu um bom

[redacted]

lugar no Q610.

O médico esteve aqui hoje; Pucka e eu seremos liberadas. Eles trarão nossa *Übersiedlungschein* pela manhã e poderemos sair. Pobre Francka: estava tão ansiosa por minha volta e agora está na enfermaria.

Pucka e eu levantamos às quatro e meia para chegar em casa antes que as meninas acordassem.

Ficamos surpresas. Os beliches foram reconstruídos e pintados com tinta marrom, as cortinas foram tingidas de verde e na parede principal, coberta por um lençol no mesmo tom de verde, há um enorme quadro com a paisagem de Praga. Fui boba quando quis voltar a morar com minha mãe.

Hoje não trocaria nosso quarto 24 por nada no mundo. Exceto pelo fim da guerra, mas ainda assim eu sentiria falta dele.

Francka está na enfermaria há quase três semanas. Pensamos, preocupadas, que podia ser pneumonia. Agora, graças a Deus, a doença passou e ela vai voltar amanhã. Preparei e arrumei tudo para que fique feliz aqui. Colamos papéis pretos e vermelho-escuros em sua cama; a parte externa está coberta por figuras e dentro há três cartões-postais de Praga. Tenho a sensação de estar num quartinho pequeno em que os postais servem de janelas. Temos uma vista para Hrad čany e para o rio Vltava.61 Se ao menos fosse de manhã e eu pudesse buscar Francka!

O comitê, por conta do qual um transporte havia partido e os beliches de três andares foram destruídos, foi embora, aparentemente satisfeito. Não viram muita coisa: estiveram aqui apenas durante a metade de um dia. Provavelmente era apenas uma revista geral. A *Kommandatur* enviou novas ordens sobre a *Verschönerung*, o "embelezamento", que precisa ser concluído em dois meses.62

É engraçado, mas parece que tentam transformar Terezín em um balneário. É como no conto de fadas sobre a mesa dos desejos.63 As ordens chegam à noite e, pela manhã, todos nós reviramos os olhos surpreendidos sobre como isso ou aquilo aconteceu.

Durante três anos inteiros, nunca ocorreu a ninguém que as ruas deveriam ter nomes em vez de serem chamadas apenas de L e Q. Cada criança sabia onde ficava Magdeburgo, Jägrovka ou qualquer outro alojamento, exatamente como todos os moradores de Praga sabem onde fica a praça Wenceslas. De súbito, os alemães tiveram uma ideia e, da noite para o dia, penduravam placas em cada casa de esquina, com o nome da rua, e nos cruzamentos havia setas indicando *Zum Park, Zum Bad* etc.64 O alojamento não se chama mais Magdeburgo, e sim B-cinco; já não moro no L410, mas em Hauptstrasse, 10. Todos os pacientes

foram transferidos, durante a noite, da escola junto à *Bauhof*, que até hoje servia como hospital; o prédio foi pintado e limpo, carteiras foram trazidas e, pela manhã, uma enorme placa brilhava a distância: *Knaben und Mädchenschule* — "Escola de Meninos e Meninas". É realmente linda, como um colégio de verdade, porém faltam alunos ou professores. No entanto, esse inconveniente foi resolvido de maneira simples: um pequeno cartaz



anunciando *Ferien* — "Férias".

A grama já aparece na praça; o centro é decorado com um enorme canteiro de rosas. Fizeram caminhos com areia amarela e limpa cercados por bancos recém-envernizados. Um monte de madeiras, cujo propósito nos intrigou por dias, transformou-se num pavilhão de música. Temos até uma cafeteria, com uma bela placa, *Kaffeehaus*. Todas as lojas ganharam nomes novos. As casas também serão repintadas; já começaram pelas residências da Langestrasse.

O prédio atrás de Magdeburgo, usado para manufaturas e *Glimmer*,65 é agora a *Speisehalle*, ou refeitório. Várias moças foram empregadas para esquentar a comida. Elas precisam usar toucas e aventais brancos. O pavilhão Sokol, enquanto escrevo, transformou-se num restaurante com móveis entalhados; há cadeiras aveludadas no salão principal e gigantescos vasos de flores. No primeiro andar, há uma biblioteca com sala de leitura e mesas com guarda-sóis coloridos no terraço.

Houve um progresso significativo na pintura das casas. Vários albergues dinamarqueses receberam mobília.66 Beliches e prateleiras pintados de amarelo foram instalados em dois prédios, junto com cortinas azuis. No parque diante do *Säuglingsheim* construiu-se um pavilhão luxuoso, com berços e colchas azul-claras bordadas. Um aposento sala tem brinquedos, um cavalo de balanço etc. E há um laguinho, um carrossel e gangorras. Eles realmente se importam tanto com essa comissão? Talvez nem saibamos como nossa situação é boa.

Mamãe não trabalha mais na fábrica; ela arranjou um emprego como costureira num dos *Kinderheims*. Estou indo novamente à horta, mas demorei muito a me inscrever e me puseram num grupo diferente.

Agora, em vez de comemorar o Dia das Mães, precisamos fazer as malas.67 Há quantas semanas esperamos por esse dia? Quanto sacrifício pessoal e autocontrole foram precisos para economizar esses poucos gramas68 de açúcar e de margarina para um bolo? Quem estará no transporte desta vez?

Francka está na *Schleuse*. E várias meninas com ela. O orfanato inteiro. O que essas crianças inocentes fizeram? Ajudei as crianças do L318 a entrar na *Schleuse.* Algumas nem sabem falar.

Crianças de dois ou três anos, com números de transporte presos em volta do pescoço e a palavra *Waisenkind* — órfão — acrescentada a lápis.

Não sei em quem pensar. Pucka, Doris, Hanka, Růža, Francka. Tudo está tão morto aqui, tão quieto que chega a doer. Ninguém pulando em cima de mim, ninguém rindo, e um beliche vazio ao meu lado. Meu Deus, por favor, permita que Francka seja remanejada.

*

Não sei a que horas adormeci. Deve ter sido muito tarde; as meninas embarcariam no segundo turno do *Hilfdienst*. Ainda estava escuro quando acordamos. Eles nos mandaram sair da *Schleuse*; desde ontem não aceitavam mais pessoas no *Hilfdienst* e não deixavam ninguém passar sem a faixa no braço. Vi que permitiam a entrada de pessoas com faixas vermelhas; cortamos alguns shorts e fizemos as faixas.

Passamos mais ou menos uma hora na *Schleuse*; então nos mandaram embora para não atrapalharmos. Os alemães estavam alucinados e, mais de uma vez, jogaram alguém no trem do jeito que estava. Passei o restante da tarde à janela de Francka, sem tirar os olhos do pedaço de papel amarrado num barbante. Era um sinal de que ainda estavam ali e não haviam embarcado. Às cinco e meia, o apito da locomotiva soou e o trem passou pelo alojamento Jägrovka. O papel ainda estava pendurado no barbante. Francka fora remanejada.

Da horta, vamos para Trav čice, para ajudar com o feno. Na viagem, passamos pela Pequena Fortaleza e encontramos grupos de prisioneiros. Será que o pai de Hanka ou de Lála está entre eles?

Sabem alguma coisa sobre elas? E esses são os pais, maridos e filhos de quem? Não podemos falar com eles.

Como gostaríamos de apenas cumprimentá-los, erguer suas cabeças e dar-lhes força para os próximos — possivelmente seus últimos — dias! Não podemos parar, não podemos fazer qualquer sinal; é provável que eles também não tenham permissão para olhar para nós. Os homens armados da SS os cercam, gritando, batendo, jogando-lhes pedras. Trocamos olhares rápidos com eles.

Estamos com vocês, amigos, tenham coragem, aguentem mais um pouco. Também somos prisioneiras, também desejamos voltar para casa.

Há tanto que gostaríamos de dizer, mas não devemos... Porém, o pensamento já cruzou nossas mentes e começamos a cantar. Canções de Voskovec e Werich; 69 como os alemães poderiam entender? “Enquanto eu ainda tiver minha cabeça, eu a usarei para cantar...” A marcha melhora e sorrisos de reconhecimento surgem em seus rostos. Bem, camaradas, cabeças erguidas. “A liberdade não pode ser presa em correntes. Correntes enferrujadas, ferro velho, não podem nos segurar novamente.”

*

Os pais de Rutka estão presos há dois anos. Ela viu sua mãe pela última vez no ano passado, colhendo castanhas, quando saiu para os campos com os prisioneiros da Pequena Fortaleza. Não tinha notícias do pai até vê-lo, três semanas atrás, num grupo de prisioneiros da Pequena Fortaleza.

Todos os dias ela se levanta às cinco e meia e espera junto à cerca perto da estrada que os presos pegam para ir ao trabalho. Às seis da manhã, indo; às cinco da tarde, voltando. Por quinze dias, Rutka observa em vão, deixando que os SS berrem com ela. Seu pai não está mais entre eles. Talvez tenha sido transportado ou enviado a Praga para mais interrogatórios, talvez esteja doente ou morto. Ninguém ousa mencionar isso em voz alta. Consolamos Rutka, que volta a acordar às cinco

[redacted]

horas para não perder um único grupo.

O número 24 é um convento? Não dirão isso de nós. Solteironas? Ninguém voltará a zombar. O

número 24 está organizando um baile.

Os convites estão prontos, o porão foi reservado, o acordeonista prometeu vir. Faremos um bufê na parte de trás do porão, com sanduíches abertos e limonada. Temos tudo organizado e a margarina separada para o acordeonista (ele vai tocar a noite toda em troca de meio quilo).

Sabemos dançar mais ou menos; Šára e Toni čka são professoras pacientes. Falta apenas distribuir os convites.

*

Foi maravilhoso. Muito melhor do que esperávamos. Tivemos medo de que os rapazes não aparecessem e de que não soubéssemos dançar, o que seria uma enorme vergonha. No fim, todos vieram e o clima foi ótimo. Alguns garotos provavelmente receberam pisões no pé, mas de forma geral nos saímos bem. Dancei quase a noite toda com um garoto. Ele praticamente não tirou outras para dançar. As meninas estão prevendo um relacionamento, mas não sinto nada. Aliás, ele nem me convidou para um encontro.

*

“O número 24 foi corrompido”, é o que as meninas dos outros quartos cochicham sobre nós. Pelo amor de Deus, qual é o problema de algumas meninas se encontrarem com garotos? As outras estão simplesmente sentadas em casa? Pensaram que seríamos um convento para sempre?

Tivemos outra aula de dança. Ele veio e só dançou comigo. Seu nome é Ota; tem cabelo castanho-claro e cacheado, 25 anos. As garotas não me deixam em paz. Eu zombo delas, porém não sei por quanto tempo conseguirei fingir. Na verdade, estou mesmo começando a gostar dele.

Hoje minha mãe fez um exame de raio X. Ela anda com febre há meses, só que eles não atestam que ela está doente. Ela tem uma pneumonia persistente e deveria descansar. Espero que não encontrem nada em seus pulmões. Meu pai quer que ela seja internada no hospital.

Esta tarde vai haver uma comemoração na torre; estou muito ansiosa. Ota provavelmente irá. Faz quinze dias desde a segunda aula de dança e ele ainda não me convidou para um encontro. Sempre que nos vemos, ele para um pouco, mas é tudo. Só espero que ele apareça hoje à tarde. Se nada acontecer hoje, acho que é causa perdida.

*



Ele estava lá. Acompanhou-me até em casa e me convidou para um encontro. Ele é legal; tivemos uma ótima conversa. Não é como esses malucos que algumas das meninas namoram. Afinal, ele tem 25 anos. É um pouco demais para minha idade, mas na verdade isso não importa, já que nos entendemos tão bem. As garotas torcem por mim; minha encenação não funcionou: elas sabiam que eu gostava dele. Francka tem um pouco de ciúme, mas perdoo suas bobagens. Será que eu realmente insisti, um mês atrás, em que compraria um canário e um gato e seria uma solteirona?

Estou animada para amanhã. De novo às seis e meia, na esquina do L410.

*

Há um bando de gente urrando sob nossas janelas; os pavimentos esfregados e

limpos contrastam com as casas que acabaram de ser pintadas; cortinas recém-passadas brilham nas janelas. A cafeteria está lotada, os bancos do parque estão totalmente ocupados e o parque infantil em frente ao *Säuglingsheim* é usado pela primeira vez. Atrás do Magdeburgo, um veículo espera, mas não é um *Leichenwagen*, um carro fúnebre — é um veículo bonito e limpo, com pão e homens de aventais, toucas e luvas. Um grupo das moças mais bonitas e de aspecto mais saudável foi escolhido no *Landswirtschaft* e irá trazer um cesto de frutas frescas, cantando. As crianças ensaiam pela última vez sua saudação jubilosa ao "Tio Rahm", 70 torcendo o nariz para a merenda que lhes oferecem. "*Schon wieder Sardinen?* " — "Sardinhas outra vez?" Hoje teremos dois pãezinhos e patê para a ceia, amanhã teremos carne para o jantar. O cardápio foi elaborado para a semana inteira e, é claro, para a semana passada também. Tudo está pronto; os guardas do gueto correm como loucos de um lado para o outro a fim de garantir que todos sejam informados a tempo. Estamos apenas esperando que os primeiros carros do comitê internacional apareçam na estrada, vindo de Bohušovice, para a comédia começar.

Chegada do Comitê Internacional da Cruz Vermelha (1944)

Para dar a impressão de que os judeus em Terezín eram bem cuidados, tudo estava impecavelmente limpo, harmonizado e organizado como num cenário. O comitê foi tapeado e acreditou que tudo estava na mais perfeita ordem.

Fui transferida para Kréta. Eu queria que isso acontecesse havia muito tempo, mas agora não estou tão feliz. Não sei como vou me adaptar. Mamãe está desde ontem no hospital. Em Kréta, trabalhamos das seis da manhã até as seis e meia da tarde, com uma hora de descanso. Então, duas horas a mais do que até agora. Ao meio-dia, temos uma aula, e à noite, das oito às nove horas, estudamos matemática. Pelo menos as pessoas que vivem no quarto da minha mãe no Q610 são boas e me ajudarão a cozinhar alguma coisa. Aí posso levar algo para vovô e para papai quando ele estiver no turno da noite. Por outro lado, em Kréta poderei "desviar" coisas com mais frequência e, além disso, receberei, dia sim, dia não, um *Zusatz* — um suplemento —, e, a cada semana, três quartos de um pão e dois patês. Preciso conseguir essas coisas agora que minha mãe não pode costurar. Hoje também recebemos um pacote, de modo que espero que tudo dê certo.

Se ao menos Heinl não fosse tão sério... É culpa dele ninguém querer se juntar ao *Landwirtschaft*.

Ele observa a gente como um louco; pega alguém todos os dias. Todos conheciam sua motocicleta e, no momento em que a ouviam, se colocavam em guarda. Aí ele inventou um novo método para chegar silenciosamente. Agora ele usa uma bicicleta e nos observa, nas plataformas opostas, com uma luneta. Agora que enfim cheguei a Kréta talvez seja impossível pegar coisas.

Independentemente disso, preciso conseguir verduras e legumes para minha mãe.

*

É possível "desviar" algumas coisas, mas somos observados de perto. Hoje Heinl bateu num rapaz por causa de uma casca de pepino encontrada na estufa. Quase todos nós tínhamos algo, mas evidentemente ele se satisfez com um soco e um castigo brando: à tarde, tivemos de aplainar o campo junto à cerca. Precisamos ter muito cuidado ao trazer coisas para os alojamentos, entretanto a céu aberto podemos nos encher até estourar. Até o momento, o que mais temos são pepinos; eu os como com pão, sal e até açúcar — estou completamente enjoada deles. A situação em relação às cenouras é bem ruim; o campo fica ao

lado da estrada, onde Heinl pode surgir a qualquer momento. No entanto, estou mais experiente. Tenho uma saia nova para trabalhar na horta, cheia de babados, e os guardas em geral são bem-humorados. Exceto Heinl, e seus olhos estão em todos os lugares.

Hoje faz exatas cinco semanas desde a comemoração na torre — cinco semanas desde nosso primeiro encontro. As pessoas podem dizer que é um período ridiculamente curto, mas é possível



comparar o tempo aqui e lá fora? Nossa vida tem algo em comum com a do restante do mundo?

Estamos separados por alguns muros, mas não foi outra coisa que cortou os laços que nos conectavam? Quando, um dia, os portões de Terezín se abrirem, quando o arame farpado for arrancado e os muros, demolidos, seremos capazes de viver entre aqueles que ficaram e seguiram suas vidas sem interrupções?

Cinco domingos, não mais. Como nos aproximamos nessas poucas semanas… Aquilo que nos liga mutuamente aqui também aprofunda o abismo entre nós e aqueles de cujo meio fomos arrancados com tanta violência.

Não foram apenas cinco semanas, mas cinco vezes sete longos dias, quando não houve uma única hora sem alguma tensão emocional. Fome, sujeira, doença, epidemias e o horrível medo da constante ameaça de deportação. Quando haverá um fim? Qual é a situação política? Se ao menos fosse possível acreditar nas notícias, mas tudo é em parte inventado, distorcido e embelezado, sempre aqueles estúpidos e otimistas *bonkes* — “boatos”.

É impossível conversar com minha mãe sobre esses assuntos; ela está sempre atulhada de trabalho e tentando juntar comida suficiente. Meu pai está sempre acabado depois do dia todo de trabalho no escritório e, se não é escalado para o turno da noite, fica contente por poder relaxar um pouco.

E não dá para conversar com as garotas. Exceto, um pouco, com Francka. Agora tenho Ota, com quem posso ter conversas longas e inteligentes.

Ota esteve em Lípa71 durante dois anos, antes de chegar a Terezín. Ele conta coisas terríveis. Era apenas um campo de trabalho, contudo o tratamento era

similar a um campo de concentração. Ele está sozinho aqui. Não tem mãe desde os doze anos; o pai, ele perdeu aos vinte. Dos quatro irmãos, dois estão na Polônia e só uma irmã ainda está em casa; ela se casou com um ariano. Antes de ser expulso da universidade, ele estudava química; faltavam dois semestres para se formar. Mesmo aqui, ele carrega os livros de um lado para outro. Trabalha na lavanderia como fogueiro. Seus turnos se alternam, mas ele prefere o noturno, porque perto da lavanderia há um pomar e ele pode "desviar"

maçãs. Todas as noites ganho uma; ele sempre me traz comida e me obriga a aceitar. Eu realmente não gosto; ele tem tão pouco além de um pedaço de pão, margarina e açúcar, que recebe em troca de biscates. Ota está na miséria e ainda assim divide comigo o pouco que ganha. Um cara maravilhoso!

Hoje fiquei em casa; tive febre ontem. Não há nada errado comigo, mas o médico me passou um atestado. E daí? Por um mês, bati o ponto todos os dias; posso aproveitar só desta vez. Se ao menos as moças da *Toranut* 72 já estivessem aqui com a ceia... Preciso visitar minha mãe às sete horas, passar um tempinho com Ota e, às oito, matemática.

Noite, quinze para as duas

Eca, esses percevejos nojentos! É impossível dormir. Restam apenas seis de nós aqui; todas saíram para o pátio ou para o corredor. A luz está acesa, não adianta. É por isso que dizem "tão intrometido quanto um percevejo".73 Eles se arrastam pelas paredes, pelos edredons, por todo o

corpo, caem em nosso rosto. Até agora eles me deixaram mais ou menos em paz, mas hoje parecem querer meu sangue. Nem me dou mais o trabalho de matá-los; sacrifiquei um maço de papel e ainda não tenho coragem de esmagá-los com as mãos. Competimos para ver quem consegue pegar mais.

Estou perdendo — até agora, peguei trinta; Hancka está liderando, com 66 pessoais e 33

comunitários, encontrados no chão, nas paredes, nas mesas e nos bancos. Mais três dias até a desinfecção. Se eu não for rápida o suficiente para conseguir um lugar lá fora amanhã (mesmo perto dos banheiros, contanto que não seja aqui), serão três noites sem pregar o olho.

*

Durante a desinfecção, as meninas ficarão no alojamento Hamburgo; estou no beliche livre de minha mãe. Voltei a ter febre, mas preciso trabalhar hoje de tarde. Ouvi dizer que carregaremos cenouras e não posso perder essa oportunidade.

*

Mamãe saiu do hospital; resta apenas uma pequena mancha em seus pulmões. No entanto, ela precisa preservar suas energias. Ontem recebemos um pacote, então pelo menos há algo para ajudá-

la a convalescer.

*

De volta ao L410, mas não no quarto 24. Apesar de nossos rumorosos protestos e pedidos, transferiram-nos para o quarto 27. Nosso preconceito inicial contra esse *Heim* está diminuindo e parece que pode ser até melhor do que nosso antigo lar — porém fomos e sempre seremos número 24.

Aqui somos apenas 21; não há uma cama vazia. Voltei a arranjar um lugar na janela, sozinha numa cama; Francka está ao meu lado; debaixo de mim, Rutka; Hanka está no terceiro beliche, o mais alto. Os rapazes estão fazendo prateleiras para guardarmos nossos sapatos, pratos e comida. As malas estão no sótão; as roupas, no armário colocado no corredor. Não pode haver nada sob os beliches, nenhum entulho; tudo precisa estar em seu lugar. Encarregamos Ota de tingir nossas cortinas e toalhas de mesa.

Vou ficar bem aqui. Se a gente ao menos terminasse a limpeza… Chega de escrever por enquanto… E vamos pintar os beliches…

17 de setembro de 1944

Cortinas passadas, beliches arrumados e tudo limpo, tão limpo quanto possível aqui e em todo o prédio. As meninas estão se vestindo muito rápido (todas em blusas brancas e saias azuis) para preparar o jantar. Cochichamos entre nós — realmente, não se ousa falar em voz alta, que hoje tudo está lindo e festivo. É a noite da festa do Rosh Hashaná.74



*

Uma competição pelo *Heim* mais limpo, mais bem decorado e mais bonito. Nós ganhamos. Acho que merecemos o prêmio. O número 27 estava realmente exemplar. Não só na aparência, mas no comportamento.

Uma festa está sendo preparada; todos os quartos contribuirão com alguma coisa. Nós já temos uma programação e ensaiamos diligentemente todos os dias.

*

Esta tarde, colhemos aipo; eu trouxe três pés. O espinafre demora tanto para sair; os brotos de alface estão aparecendo...

Trabalho na horta (13 de março de 1943)

Havia algumas vantagens em cultivar verduras para os alemães.

Quem trabalhava ao ar livre, do lado de fora do gueto, apesar das proibições, podia contrabandear algum alimento ou pelo menos comer algo às escondidas.

Isso foi uma semana atrás, ontem e esta tarde. Há uma hora, Ota e eu saímos; não tínhamos ideia...

E não? Ah, meninas, estou sentada entre vocês... Não, não vou contar. Ensaiem suas falas, riam, brinquem, sejam felizes — pelo menos por hoje. Quando eu contar, talvez nunca voltem. Cantem, brinquem... Como eu gostaria de me juntar a vocês, mas agora eu sei, não vou conseguir.

Uma hora atrás, estávamos voltando de um passeio perto do alojamento Magdeburgo. Alegres, despreocupados. Havia um monte de gente em frente ao prédio. “Cinco mil homens.”

Não encontrei meu pai no escritório. De qualquer forma, não era preciso que ele confirmasse. Os corredores do Magdeburgo falam por si. Passos pesados, barulho de roupas, gritos dos guardas do gueto, portas batendo e choros histéricos sempre soam iguais e significam a mesma coisa.

Cinco mil, todos homens. Teoricamente para trabalhar, para a construção de um novo gueto.

Em algum lugar perto de Königstein. Dois mil e quinhentos amanhã; 2.500 no dia seguinte. Tio Jindra está no primeiro grupo; papai e Ota, no segundo.

*

A *Schleuse* fica no alojamento Hamburgo. Jindra embarca pela manhã, cedo. Preciso ajudar Ota a empacotar suas coisas. Meu pai está pronto. Ele provavelmente não precisaria ir; poderia ser remanejado. Poderia se safar, mas não seria ele. “Pedir por mim? Cinco mil irão, por que eu não deveria ir também? Alguém precisaria ir no meu lugar.”

28 de setembro de 1944

Yom Kippur. 75 Faço jejum e que ninguém me diga que não tem sentido. Não este ano, não neste momento.

O primeiro grupo ainda está na *Schleuse*. O segundo ainda não precisou embarcar. Os vagões do trem não chegaram. Estou jejuando e — provavelmente é uma bobagem — acredito que acontecerá um milagre.

Os vagões chegaram, os primeiros 2.500 partiram, contudo a segunda deportação não está embarcando. O boato é de que estão sendo obrigados a fazer arranjos — parece que não há trens; os trilhos estão quebrados; talvez eles não partam. Os otimistas estão desfazendo as malas.

*

Nove da noite

Uma brisa fria sopra pelo quarto através das janelas abertas. Lá fora está silencioso; aqui e ali, uma carroça range e uma pessoa remanejada volta da *Schleuse*.

Número 27 hoje. Camas desfeitas, prateleiras reviradas, meias rasgadas e cerzidas, camisas e lenços masculinos pendurados sobre o fogão; embaixo dele, bacias com água a ser jogada fora. Malas sob os beliches, bolsas no chão, um pote de margarina, um pedaço de pão.

Cada uma tem alguém convocado — pai, irmão, ambos. Este é o antigo número 24, que apenas três dias atrás ensaiava uma peça; essas são as garotas que podiam rir com tanta intensidade.

Nós nos sentamos em volta da mesa; Milan, o namorado de Miluška, e Ota estão aqui.

Cantamos. Canções folclóricas, paródias de Terezín. Os rapazes também cantam, e alto, abafando nossas vozes, soltando piadas. As moças riem, e rio com elas. De repente, silêncio, e mais uma vez os

[redacted]

rapazes salvam a situação com seu humor. Pelo amor de Deus, calem-se agora, não finjam, vocês estão nos enganando e a si mesmos. Não riam, estão apenas tornando as coisas piores. É o que chamam de bom humor? É o humor de condenados, isso sim; não banquem os heróis. Talvez eu seja covarde, mas minhas lágrimas são mais sinceras que suas risadas. Deixem-me chorar...

*

Os rapazes se foram; estamos na cama, ninguém adormeceu. A luz está acesa; ajuda a noite a passar mais depressa.

*

A escuridão é rompida pelos primeiros raios do dia. Tudo ainda está sossegado. Nós esperamos. A qualquer momento as rodas dos vagões podem rugir — e então toda a esperança acabará; significará que chegou o fim.

29 de setembro de 1944

Os vagões estão aqui, o segundo transporte está começando na *Schleuse.* Minha mãe está aprontando o jantar depressa, para que meu pai tenha uma última boa refeição. Ota também está aqui; ele jantou conosco durante esta semana de transportes. Encho-me de comida; nem sei o que estou comendo. E importa? Engulo porções inteiras; não tenho fome, mas com cada colherada engulo uma lágrima. Não há comida suficiente; há muito mais lágrimas.

Meu pai e Ota estão enrolando cigarros ao estilo russo, enchendo-os com chá e rindo. Outra vez o humor de condenados!

Quinze para as seis; precisamos ir.

Cigarros enrolados sobre o banco e risadas abandonadas com eles. Nós três costumávamos nos sentar aqui todas as noites — não por muito tempo, apenas nos últimos nove meses. Foi nossa melhor época em Terezín, nossos dias mais felizes aqui.

Se ao menos a guerra tivesse acabado... Seria maravilhoso demais.

Então nos sentamos juntos pela última vez. A partir de amanhã, minha mãe e eu estaremos sozinhas. E você, pai? Sua mão joga no chão o cigarro que ainda está queimando e puxa-me para perto dele, com minha mãe do outro lado. Não conseguimos conter as lágrimas; contivemos muitas na última semana e não podemos resistir. Com a cabeça apertada contra o peito do meu pai, posso ouvir claramente as batidas de seu coração. Hesitantes, tristes, como o estado de espírito desta noite.

Ah, pai, se ao menos suas mãos fossem tão fortes que ninguém pudesse me arrancar de seu abraço...

Ouço seu coração; sinto seu tremor e, mesmo assim, suas batidas são firmes e resolutas. Resolutas para enfrentar a batalha que o aguarda, pronto para os

ferimentos que irá sofrer, sangrando por um machucado que o atingiu no mais vulnerável dos lugares: um adeus. E ainda assim ele bate, baterá e precisa continuar batendo! Nossos corações estarão com ele, lutarão e sofrerão com ele, esperando e



acreditando. E, como os nossos, o coração dele baterá por nós...

*

Hamburgo, terceiro pátio. Uma e meia. Estamos embarcando. Usamos vestidos brancos e faixas nos braços *Hilfdienst*; podemos acompanhá-los até os portões. Ota já deve estar no trem. Que pena; não pude ajudá-lo com sua bagagem ou não conseguiria voltar.

“Não nos conhecíamos há muito tempo, mas... Foram tempos maravilhosos. Lembrarei com alegria, e não se esqueça deles. Você tem o endereço onde me procurar depois da guerra. Talvez a gente se reencontre.” Ele me deu uma foto como lembrança. Atrás, escreveu um verso de *Manon Lescaut*, de Nezval:76 “Quando a chave chacoalhar os portões sombrios do seminário, não me deixe, venha afagar meu rosto.” Um beijo, um aperto em minha mão, e aí ele me ajudou a escalar a cerca.

Agora está no trem e partirá em poucas horas...

Aproximamo-nos rapidamente do portão; mais quarenta pessoas, agora apenas trinta. Meu pai pega a bagagem em nossas mãos, vamos nós mais uma vez... Vinte pessoas à nossa frente. O que é isso? Estão fechando os portões... “Todos de volta aos alojamentos!” Ninguém mais embarca; não há vagões suficientes. É possível? É possível que realmente fiquem? Talvez tenha ocorrido um milagre...

Quinhentas mulheres precisam se apresentar como voluntárias para se juntar aos mil homens que ficaram. Minha mãe quer se apresentar; meu pai não deixa. Ele diz que sabe o que está fazendo.

Queremos ir, mamãe e eu. Afinal, se ele vai, é nossa responsabilidade ir junto. Não, é responsabilidade dele garantir que fiquemos aqui.

Todos os homens falam isso. Por que não é óbvio que queremos ir com eles? Eles nos deixariam sozinhas se acontecesse o contrário? Eles não permitem;

prometeram que seríamos poupadas de futuros transportes.

1o de outubro de 1944

Ainda posso vê-lo nos degraus, acenando, sorrindo... Ah, Deus, que tipo de sorriso foi aquele? Eu nunca o vi daquele jeito. Ele provavelmente quis rir, mas tudo o que saiu foi um sorriso amarelo.

Os cantos da boca se repuxaram de maneira estranha. “Papai!”



O embarque para o transporte (4 de abril de 1943)

Ghettowache *(guardas do gueto) ordenam os transportados em grupos para separar os que vão partir e também para mantê-los a uma distância segura.*

Ele se foi, perdido na multidão, entre o restante deles. Minha mãe e eu procuramos em vão por ele através da janela. Ele não estava em lugar nenhum. Provavelmente não conseguiu passar pela bagagem. Seus lábios esticados, a tentativa forçada de um sorriso. Papai, por que não permitiu que fôssemos com você? Não acreditava que construiriam um novo gueto! Seus olhos brilhavam estranhamente e a sua mão tremeu quando você me apertou contra si pela última

vez. O que queria dizer? Até logo ou adeus? Papai, você acreditava que iríamos nos encontrar de novo?

3 de outubro de 1944

Estão trazendo as convocações para mais um transporte esta tarde. Mil e quinhentos familiares daqueles que partiram. É claro que tinham prometido a eles que suas famílias seriam poupadas.

Outra grande mentira. Poderíamos ter partido ontem e, ao menos, estaríamos juntos. Quem sabe se irão nos mandar para o mesmo lugar? Se fosse como queríamos, já teríamos partido, porém meu pai não deixou. E agora estaremos em lugares diferentes. Temos quase certeza de que seremos convocadas nesse transporte. E, se não hoje, então amanhã ou depois de amanhã. Não haverá intervalo. Vou visitar minha mãe; talvez ela saiba alguma coisa. Espero que tenhamos acertado em não nos apresentar como voluntárias — é o destino e não se pode fazer nada. Talvez a gente pensasse de outra maneira se as coisas tivessem dado errado.

*

Estou terminando aqui meu diário de Terezín. Uma fase de minha vida terminou. Restam apenas as memórias.

Estou abrindo um novo caderno;77 começarei a preencher suas páginas vazias amanhã. Será que também chegarei ao seu fim?

3. Auschwitz, Freiberg,

Mauthausen, Praga

4 de outubro de 1944

Talvez conseguíssemos escapar, mas não quisemos. Se estamos dentro, nós vamos. Neste caso, é melhor deixar as coisas como as encontramos. Tivemos permissão para levar toda nossa bagagem —

um bom sinal. Talvez eles tivessem razão e estejamos seguindo os homens. Espero ansiosa; talvez eu veja meu pai no final das contas.

É meio-dia; o trem deixou a estação. Tivemos sorte por entrar. Estamos no último vagão. Foi bom sairmos cedo para o pátio; houve um empurra-empurra no portão. Sinto-me como se tivesse quebrado as costas. Não foi fácil para mim abrir caminho desde as quatro horas da manhã com uma mochila nas costas. Nunca houve tanta briga para subir no trem. Este transporte é diferente dos outros. Estamos seguindo nossos homens. Estou seguindo meu pai e Ota.

Pergunto-me se um *Transportleitung* nos ajudará com a bagagem como aconteceu quando chegamos a Terezín. Talvez meu pai ou Ota estejam na estação. Eles ficarão surpresos em nos ver.

Chegaremos logo — Königstein, disseram, deve estar perto. Estamos viajando há umas seis horas.

*

Pelo amor de Deus, ainda não chegamos? Viajamos a noite toda. Não é possível. Köningstein nem é tão longe. O que aconteceu? O trem parou por alguns instantes. Não, agora está voando em frente. Ouvimos uma sirene, talvez haja um ataque aéreo em algum lugar. E se nos atingir? Estamos na Alemanha agora, há ataques aéreos aqui. Por que o trem está andando tão depressa?

*

Está clareando. Onde estamos? Passamos por uma estação. Katowice. Meu Deus, é a fronteira polonesa. Aonde estão nos levando? A linha de frente está na Polônia agora. Será que é para Birkenau? Ouvimos dizer que esse campo estava encerrado, que os transportes não levavam mais para lá. Então, para onde vamos? Nossos homens estão lá? Se estiverem, não importa onde seja contanto que fiquemos juntos.

*

Estamos viajando há 24 horas. Para onde, só Deus sabe. Começamos a ficar nervosas. As pessoas diziam todos os tipos de coisas; pelo que diziam, o front está muito atrás de nós, e, no entanto, estamos viajando através da Polônia há doze horas e nem sinal de combate. O trem diminui a velocidade. Finalmente chegamos? Não quero acreditar — comecei a pensar que esta viagem nunca terminaria. Estamos perto, definitivamente — já se veem construções. E são tantas... É um campo enorme. Posso ver pessoas, mas o que estão vestindo?

Parecem pijamas, todos iguais.

Meu Deus, são roupas de prisioneiros! Para onde nos trouxeram?! Isto é um campo de concentração! Há alguns homens trabalhando, amontoando pranchas. Por que aquele homem bate neles com tanta força? Deve doer muito; ele usa um cassetete. Como pode ser tão cruel? Nem é alemão — também usa um macacão listrado, mas tem uma faixa no braço.

Devo estar enganada; não é possível que esta seja nossa parada. Por que nos levariam para um campo de concentração? Nós não fizemos nada de errado. É horrível a maneira como tratam as pessoas aqui. Não consigo olhar; me sinto mal. Ele bateu em outro, um velho. Que desgraçado; ele não tem nem vinte anos. Que vergonha; aquele homem podia ser seu pai e ele o trata assim. Deu mais uns chutes até o velho cambalear.

Então é assim um campo de concentração; eu nunca poderia imaginar. As pessoas vivem dessa forma há vários anos. E nós nos queixávamos de Terezín. Era um paraíso absoluto comparado a isto aqui.

O que aconteceu? O trem parou. Um grupo de pessoas listradas corre em nossa direção. Há entre elas alguém de Terezín? Talvez venham nos ajudar com a bagagem. Talvez meu pai esteja entre elas.

Mas, não, provavelmente vieram ver que tipo de trem é este. Com certeza, não vamos saltar aqui, não é? Ou então — por que não me ocorreu antes? — é Auschwitz, é claro. Birkenau é perto; talvez os trens não cheguem até lá e tenhamos de andar um pouco. É isso. Auschwitz, o campo de concentração; nós vamos para Birkenau, o campo de trabalho.78

*

O vagão ao nosso lado já está sendo descarregado. Por que tanto barulho? Estão batendo à nossa porta. Acho que é nossa vez. Por que há tantos homens da SS? Estão aqui para tomar conta de nós?

Para onde fugiríamos? E, de qualquer maneira, não ia adiantar. Já estamos dentro, não temos saída.

“Todos para fora! Deixem a bagagem onde está! *Alle heraus, schneller!!!* ” Deixar tudo aqui?

Inclusive a bagagem de mão? Por que berram tanto e o que são esses sorrisos maldosos? Agarram-nos pelo pulso; o que procuram, relógios? Se ao menos não gritassem tanto. E o que significam esses sorrisinhos e comentários? Estão nos tratando como se pertencêssemos a este campo de concentração. Uma mulher recebeu um tapa por tentar levar um pão consigo. Aqui é Birkenau?

Por que sinto um nó apertar tanto em minha garganta? Não quero que eles saibam como me sinto.

Estúpidos olhos — por que têm vontade própria? Não posso chorar! Por tudo o que há no mundo, agora não!! "*Alles da lassen!* " — "Deixem tudo aqui!" — "*Schneller, heraus!!!* "

*

Eles nos separam em dois grupos. Um — mulheres mais velhas e mães com crianças pequenas —

segue para a esquerda; o outro, para a direita. "Pessoas doentes devem ficar quietas", repetem vozes sussurradas; "você está bem", cochicha em tcheco um dos homens com roupa de prisioneiro atrás de mim. Um tcheco, então. As filas à nossa frente avançam; logo será nossa vez. Contanto que mantenham minha mãe e a mim juntas. De certo não podem nos separar se dissermos que estamos juntas. Ou é melhor não dizer? Provavelmente; talvez não nos deixem juntas se souberem quanto é

[redacted]

importante para nós.

Estão até separando as mães de seus filhos. Conheço aquela menina ali; ela está indo para a direita, sua mãe para a esquerda. Mas a mãe é velha, tem cabelos grisalhos. Minha mãe ainda parece jovem. Mas... Será que eu tenho cara de criança? Talvez me perguntem qual é a minha idade. Devo dizer a verdade? Quinze; não, é muito pouco — eles me mandariam para a esquerda e me separariam de mamãe. É melhor dizer que sou mais velha; dezoito anos, talvez. Pareço ter essa idade? Claro, talvez acreditem.

A fila está menor; o grupo de cinco pessoas à nossa frente já se foi. Meu Deus, eu lhe imploro, deixe-nos juntas. Não permita que nos separem.

Mais duas pessoas e será nossa vez. Pelo amor de Deus, e se ele me perguntar em que ano nasci?

Rápido: 1929, eu tenho quinze anos, então, para ter dezoito... 29, 28, 27, então 1926. Minha mãe está parada em frente ao homem da SS; ele a mandou para a direita. Senhor, permita que fiquemos juntas! "*Rechts!* " O homem da SS rosna para mim e aponta o caminho com o dedo. Louvado seja, estamos no mesmo lado. Obrigada, Deus, mil vezes obrigada por nos ajudar.

Primeiro nos levaram para os banhos, onde tiraram tudo o que ainda tínhamos. Literalmente não sobrou um fio de cabelo. Eu me acostumei com as cabeças raspadas, mas a primeira impressão foi horrível. Sequer reconheci minha mãe até ouvir sua voz. E daí? O cabelo volta a crescer, não é tão trágico, contanto que a gente sobreviva. Não tenho muita esperança. Logo que chegamos aqui, eles nos retiveram com um longo discurso, porém não me lembro de nada além da primeira frase, que foi o bastante: "*Ihr seid in Vernichtungslager!* " — "Vocês estão num campo de extermínio". Em seguida, trouxeram-nos para cá, para este prédio, para cubículos onde não conseguimos nos mexer.



Judeus húngaros na rampa de seleção em Auschwitz, maio-junho de 1944.

Aqueles considerados aptos para o trabalho seguiam para a direita; os enviados para a esquerda iam direto para a câmara de gás.

Estou extremamente faminta; não comemos desde a manhã e já devem ser sete da noite, mas não parece que receberemos alguma coisa para jantar. Quem sabe? Talvez eles não nos alimentem e nos deixem morrer de fome. Se ao menos houvéssemos comido o patê no trem; estávamos guardando-o para meu pai, para termos algo para dar a ele.

Meu Deus, como somos idiotas. O que estávamos pensando? “Vocês estão seguindo seus homens para um novo gueto.” E nós acreditamos. Algumas pessoas até se apresentaram como voluntárias.

Por isso nos deixaram trazer toda a bagagem. Uma bela pilha de coisas que podem guardar em seu depósito hoje.

É melhor deitarmos e dormirmos para esquecer a fome. Talvez nos deixem em paz por hoje.

Descobrir como alocar dez pessoas num espaço para quatro será um problema, é claro, porém vamos dar um jeito. Se deitarmos de lado e na mesma direção, pode dar certo. Temos três cobertas (não é a palavra certa, só que não consigo achar outro termo para os trapos imundos que talvez tenham sido cobertas) que precisamos dividir; colocaremos nossas roupas sob as cabeças — sim, vai funcionar. Não será confortável, mas estou tão cansada depois de todos os acontecimentos e as aflições das últimas 24 horas que acho que poderia dormir bem até em cima dessas tábuas.

O que será que as meninas no *Heim* estarão fazendo *?* Francka, Šáry e as outras? Será que se lembrarão de mim? E quanto ao meu querido beliche? Não verei o fim da guerra deitada nele.

*

Eles não nos deixarão morrer de fome. Não quero dizer que havia comidas gostosas e fartas, nem algo parecido, mas não faz mal: o principal é que houve alguma coisa.

Pela manhã, cedo, veio o chamado para acordar; depois cada cubículo recebeu um pote de ração.

Disseram que somos novas aqui e por isso não sobrou muito para nós. Eu estava imensamente infeliz. Se nos alimentarão assim, será o nosso fim. Embora não fosse absolutamente comestível —

fria, grossa e amarga —, comemos à força. Em parte para encher nossos estômagos com alguma coisa, qualquer coisa, e porque temíamos ser punidas por desperdiçar comida.

Depois do café da manhã, houve a chamada, quando fizeram a contagem, deixando-nos esperando por uma hora, talvez duas, não sei ao certo, porque não tenho relógio — em todo caso, foi interminável. Por que, eu não sei; parece que é parte do cronograma diário. Só nos deixaram voltar ao prédio quando lhes parecemos cansadas e congeladas. Ainda estamos em outubro, porém é um frio cortante quando ficamos paradas a céu aberto às quatro horas da manhã (deve ter sido nesse horário; ainda estava muito escuro) e quase nuas, pois os trapos que nos deram não podem ser chamados de roupas e os pés descalços precisam ser enfiados em tamancos holandeses (às vezes apenas um pé, se você não for suficientemente esperta, enérgica para levantar a tempo e não houver tamancos suficientes para todos). E, o pior, as cabeças raspadas; é a parte que fica mais fria.

Além disso, esse clima polonês é muito estranho. Durante o dia, o sol bate na cabeça até as pessoas desmaiarem de calor, ao passo que de manhã bem cedo é mais gelado do que minha casa em dezembro. Tenho que rir quando me lembro de como mamãe ficava brava quando eu não queria vestir um gorro ou meias longas no inverno. Se algum dia voltar para casa, não usarei nada na cabeça até o dia em que eu morrer.

Mal nos arrastávamos para os beliches (no verdadeiro sentido da palavra; não há escadas aqui como em Terezín) e envolvíamos nossas pernas e mãos dormentes em trapos, era hora de levantar outra vez e irmos à latrina e ao *Waschraum*. Tudo se passava num ritmo tal que era impossível usar qualquer destes dois recintos. Mal dávamos dois passos e as guardas já nos mandavam sair, usando cassetetes e outras coisas parecidas.

Marchando num ritmo rápido o bastante para perder os tamancos na lama, abundante por aqui, voltávamos ao prédio. Pouco depois, eles traziam sopa — aqui chamada *zupa* —, não muito gostosa e na qual boiava tudo o que era possível (e impossível). Nabo podre, sabugos de milho, pedaços de tutano

congelados, talos e raízes de beterraba, o que dava à mistura uma cor rosada. Da mesma forma que no começo daquela manhã, cinco a dez pessoas comeram num único pote. Isso não ajudava o sabor, porque não temos colheres. Muitas torceram o nariz ou nem comeram, mas eu não. Precisamos comer — não importa como ou o quê. Como o provérbio “um bom porco come tudo”, eu me entupi o máximo que pude. Usei os dentes e as mãos — exatamente como as outras que entendiam o que estava acontecendo e não se faziam de rogadas.

À noite havia outra chamada e eram distribuídas porções de pão — um pedaço de pão de centeio escuro para cada pessoa e uma colher de geleia. Não temos facas, então quebrávamos o pão em pedacinhos e espalhávamos a geleia com a crosta. Minha mãe e eu escondemos uma porção para a manhã seguinte e comemos a outra no jantar. Uma das guardas me deu um lenço — me

surpreendeu, pois são todas terríveis. Ela viu mamãe cobrindo minha cabeça com as mãos, o que deve ter despertado nela um pouco de bondade humana; as outras não são suscetíveis.

*

Estou tão brava comigo; deixei que me tratassem como uma criancinha e estou soluçando o dia todo. Não posso evitar; tudo é tão horrível! A hora de dormir está chegando e já não presto para nada. Deitada, imóvel, numa única posição até amanhã. Não acordei na noite passada, porém estava totalmente dolorida hoje de manhã; meus ossos pareciam quebrados, é assustador. Não se pode dormir bem numa superfície dura e aqui estou mais uma vez. Ah, Deus, por que está nos punindo assim? “*Ruhe, alle schlafen, schneller!* ” “Silêncio, todos dormindo, rápido!” A responsável por patrulhar o interior do prédio e as guardas zanzam de lá para cá, berrando como loucas.

“*Schlafen, schneller!* ” As luzes foram apagadas.

*

Esta manhã foi como a de ontem, exceto que não deixaram que voltássemos das latrinas para o bloco 9, de onde viéramos, e nos mandaram para outro bloco mais abaixo. Depois do almoço, mudaram-nos para outro lugar, onde passamos muitos momentos desesperadores. Era após o *Lagerruhe*, o toque de recolher no campo;79 estava escuro e de repente... Tiros, um berro, o barulho de passos correndo e outro tiro... Um choro, vozes assustadas, a porta de nosso alojamento

se abriu ligeiramente e várias silhuetas infantis, com olhos arregalados pelo medo, passaram pela pequena abertura. Elas se espalharam e se meteram nos beliches entre as mulheres. Minha mãe e eu estávamos no terceiro nível e três deles se enfiaram na cama abaixo.

Nós encaramos, petrificadas, o nada, e só um pouco mais tarde, a partir de algumas palavras cochichadas com medo, entendemos o que acontecera. Eles estavam transferindo as crianças do campo para o outro lado. O outro lado! As pessoas falam tanto sobre isso; as guardas usam isso como argumento para nos ameaçar por qualquer coisinha, mas não consigo descobrir o que acontece por lá. Uma expressão misteriosa — o outro lado — que faz todos estremecerem. Eu acho que significa gás...

Outra vez as batidas, vozes masculinas irritadas, gritos, tiros e choro alto. O baque de botas pesadas, com tachas, em frente ao prédio. Estão vindo para cá! Viram as crianças correndo para nós!

Estamos sentadas no primeiro cubículo, perto da entrada, e as crianças escondidas estão embaixo de nós. Eles as encontrarão. Atirarão. Eles matarão todas nós. É o fim! Esses pensamentos passaram pela minha cabeça como um raio; abracei minha mãe ainda mais forte e rezei: “Deus, se eu morrer, então pelo menos deixe mamãe e eu morrermos juntas. Não me deixe aqui sozinha. Não permita que eu morra depois dela. Embora eu não queira morrer... Deixe-me viver, deixe que minha mãe e eu sobrevivamos até a guerra terminar.”

Os passos aos poucos morreram a distância; o choro cessou. Estávamos a salvo, como as crianças que correram para nós.

Antes de virmos para o número 18, nos deixaram sentadas por um tempo num prédio, onde minha mãe encontrou um balde de batatas cozidas. Provavelmente esquecido por uma das guardas. Nós as dividimos com todas no cubículo; sobraram apenas oito batatas. Mas elas também servirão, caso passemos outro dia sem pão. Ontem, com todas as mudanças, eles esqueceram ou então é algo que acontece com frequência aqui, não sei. Até consegui lavar o rosto pela manhã.

Hoje fez um calor terrível; muitas pessoas desmaiaram durante a chamada. Aprendi algo interessante: eles têm um jeito estranho de reanimar pessoas

desmaiadas. Nada de respiração artificial ou água fria jogada no rosto. Pareceu estranho no começo, mas percebi que nenhum procedimento científico ou médico funciona melhor ou mais depressa do que este método simples: tapas. Todos se recuperam imediatamente.

*

Permitiram que escrevêssemos para Terezín. Não adianta muito; duvido que sequer enviem cartas e, de qualquer maneira, não podemos escrever a verdade. Como endereço, disseram para escrever

“Arbeitslager Birkenau”. Pelo nome, ninguém vai imaginar o que é isto aqui e não vai saber que é o mesmo que Auschwitz. Da mesma forma que a gente não tinha ideia do que acontecia pelas cartas que chegavam a Terezín enviadas daqui.

No entanto, temos alguns sinais: eles saberão que escrevemos exatamente o contrário. O principal é que tenham alguma notícia de nós; a questão, obviamente, é se as cartas chegarão. Também nos disseram para escrever que voltaremos a viajar para trabalhar. Há conversas sobre o assunto desde que chegamos e espero que aconteça, mas agora, por nos permitirem escrever sobre isso, não acredito mais.

Nós ficamos alojadas no número 18 por dois dias. Uma das guardas gostou de mim; eu a ajudei com a limpeza e ganhei como recompensa, na hora do almoço, três potes de *zupa*. Ela é polonesa; seu nome é Broche. Uma moça realmente simpática; ela não é como as outras, motivo por que me tornei sua amiga. Eu não me envolveria com as outras — são monstros — nem que me dessem um caldeirão inteiro de *zupa*.

Se ao menos nos deixassem no 18... Pode esquecer a ideia — aqui, aparentemente, dorme-se cada noite num lugar. Eles devem economizar um bocado de pão, porque, na confusão, um prédio sempre é esquecido, como aconteceu hoje com a gente, pela segunda vez.

*

Um transporte chegou de Terezín ao meio-dia. Estávamos esperando ao lado da latrina quando elas passaram. Vi Laška e Růža Vogelová; disseram que sua mãe, Líza e Zuzka tinham ido para o outro lado. E Rutka? Ela chegou comigo e não a vi mais. Rutka é menor que eu; provavelmente foi mandada para a esquerda. E a

Sra. Spitzová e Anita também. Não posso acreditar que seja possível que nenhuma delas esteja viva ou que possam seguir a qualquer momento para a câmara de gás. A alegre e sorridente Rutka, nossa pequena Rutka; a pequena Líza e sua minúscula irmãzinha Zuzka,

que nasceu em Terezín.

Talvez as guardas queiram apenas nos assustar, nos aterrorizar. Será que alguma delas já esteve no outro lado? Há realmente câmaras de gás? Olho em vão para onde esse lugar horrível supostamente está. Todas as nossas perguntas são inúteis. A única coisa que vejo, que serve como resposta, são duas chaminés que soltam fumaça dia e noite. O crematório, dizem elas.

As tábuas nem me machucavam tanto, mas esta noite foi desgraçadamente ruim. Começou com o que chamavam de *Entwesung*, desinfestação. Pensei, o tempo todo, que despejariam gás em nós.

Não foi tão ruim, só que estou farta.

Fomos obrigadas a tirar as roupas e, então, nos deixaram esperando. As primeiras receberam roupas duas horas depois; algumas esperaram até o amanhecer. O objetivo principal provavelmente era assegurar que pegássemos um bom resfriado e que trocássemos as roupas. Eu esperava receber roupas diferentes, desinfetadas, mas pode esquecer a ideia! Elas distribuíram as roupas que jogamos numa pilha quando nos despimos — é claro que recebi a roupa de outra pessoa, além de um vestido ou uma roupa íntima, mas não os dois, como tínhamos antes.

O banho terminou em instantes. Passamos por alguns chuveiros e enfim nos aspergiram com desinfetante. Para ter certeza de que tudo correria com tranquilidade, sem bagunça, homens da SS

nos observavam, uns rapazes jovens de nariz empinado, que provavelmente estavam se divertindo muito. Não tínhamos toalhas, é claro, nem outra opção senão nos metermos em nossas roupas com o corpo ainda molhado. De qualquer maneira, não adiantaria nos secarmos, porque chovia muito e ficamos ainda mais encharcadas.

Houve um tiroteio muito mais audível que na noite anterior. Ouvimos dizer que estão bombardeando a Cracóvia; o front se aproxima. Quem sabe não nos

libertam em breve? Queira Deus.

*

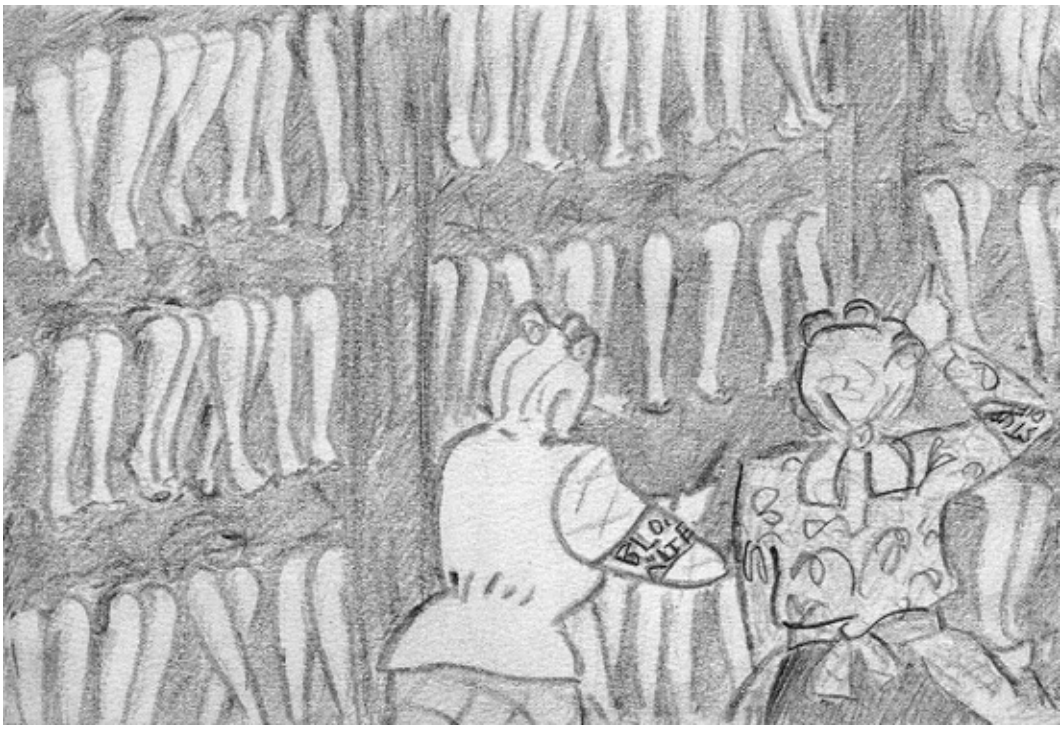
Este prédio tem uma guardiã; ela deve ser mesmo uma vaca. Desfila como uma pavoa numa camisola e num roupão de cetim. Manteve uma mulher ajoelhada nos ladrilhos por pedir permissão para ir ao banheiro. Vaca — bem, não há outra palavra para ela. Ainda assim estou sendo gentil; a comparação é uma ofensa às vacas.

Elas sequer nos deram cobertores, só uma colcha fina como papel, feita de palha, para cobrir cinco pessoas. Mas agora nem sinto frio; não peguei a gripe e acho que ninguém terá sequer resfriados. Pode-se suportar muito mais do que se imagina. É quase inacreditável: minha mãe estava se recuperando de uma pneumonia e desde que chegamos aqui ela parou de tossir.

*

Pouco depois da chamada (tivemos permissão para ficar nos cubículos; elas simplesmente contaram nossas pernas — talvez tenham sentido um pouco de pena por passarmos frio a noite inteira) um sujeito da SS entrou no prédio; parecia ter uns dezesseis anos. “*Alle nackt auzsiehen und heraus! ” —*

“Todas para fora, nuas!” Mais uma vez, nos dividiram em dois grupos. Outro momento de nervosismo: ficaríamos juntas? Tudo deu certo. Mal vestimos as roupas e já nos enxotavam para a



frente. As pessoas no prédio nos olharam com pena e ocorreu-me que estariam nos levando para a câmara de gás. Tentei, de todas as maneiras, tirar esse pensamento da cabeça. Todas diziam que trabalharíamos e que deveríamos estar contentes. Não adiantou: o gás e as câmaras davam voltas em minha cabeça sem parar.

Contagem de pernas

Passamos pelo portão do campo C e ao lado do *Männerlager*, o campo masculino; procurei meu pai — talvez ele estivesse num dos prédios; certamente foi mandado para cá, para Auschwitz. Logo abandonei qualquer esperança de encontrá-lo. Teria sido uma coincidência incrível: caminhávamos tão depressa que não dava tempo de olhar em volta. Já era difícil conseguir manter o ritmo e não perder os tamancos na lama. Aí veio outra ordem: "*Stehen bleiben!* " — "Parar!"

Nesse momento, começou um tremendo temporal. Ficamos encharcadas até os ossos quase imediatamente. Agarramo-nos umas às outras para proteger nossos corpos da tempestade. As roupas grudavam no corpo e a tinta delas escorria por nossas pernas em pequenos fios d'água.

Apesar de todos os xingamentos, apelos e orações, a chuva só parou no final da

tarde. O sol poente pousou sobre nós por um breve momento e a água começou a evaporar; desaparecemos completamente no vapor. Somente depois nossos dentes começaram a bater e a pele se arrepiou.

Já escurecia quando a fila voltou a se mover um pouquinho. Eles registraram todas nós; por precaução, respondi novamente que nasci em 1926 e minha mãe tirou quatro anos de sua idade, para que a diferença não fosse tão grande. Não contamos a ninguém que somos mãe e filha; parece ser melhor assim.

Os banhos foram muito parecidos com a *Entwesung* ontem, porém bem maiores; chamam-se sauna. O tempo foi terrivelmente curto e nem tivemos a chance de nos lavar. Depois esperamos

[redacted]

numa sala vazia, em que as vidraças estavam escancaradas. Toalhas seriam desnecessárias: a corrente de ar nos secou por completo. Tudo aconteceu sob o olhar severo dos SS mais jovens.

Tive uma sorte incrível quando as roupas enfim foram distribuídas. Tenho um vestido de mangas compridas, sapatos altos (não são um par, mas tudo bem; todas usam sapatos assim) e um casaco com forro. Ele desce até meus tornozelos e pode ser abotoado no pescoço. Nunca fiquei, nem ficarei, tão contente com alguma coisa quanto com este casaco. Estou tão quentinha dentro dele e tão feliz!

*

Mais tarde naquela noite, pegamos um trem (vagões para gado cobertos). Nos portões do campo, cada uma recebeu um pão, um pouco de margarina e uma fatia de salame. Destrocei o pão enquanto caminhávamos e embarcávamos. Não comíamos desde a tarde de ontem. Agora tenho o salame na barriga e me sinto bem outra vez. Minha mãe e eu embrulhamos a margarina num pedacinho do forro de meu casaco, que penduramos num prego. Também rasgamos um pouco do forro para cobrir nossas cabeças.

Estamos sentadas no chão; somos cinquenta neste vagão. Precisamos deitar e dormir, de alguma forma. Há algo duro atrás de mim — uma tábua ou qualquer coisa parecida — que faz uma pressão terrível, mas não posso me levantar. Precisarei ajeitar isso pela manhã. Estou curiosa para saber aonde vamos.

Teoricamente é um bom transporte. Veremos; pode ser a mesma coisa que aconteceu com Königstein. Mas não é possível que haja lugar pior. Pelo menos espero que não.

Depois de uma viagem de 24 horas, eles descarregaram quinhentas de nós na estação de Freiberg. O

restante seguiu viagem. Após uma breve caminhada, chegamos a um prédio enorme. Provavelmente uma fábrica. Havia um homem da SS à espera — tudo indica que é o diretor do campo; eles o chamam de *Unterscharführer* — com um monte de *Aufsehers* — supervisores. Ele leu a lista, para checar se estávamos todas ali, disse como deveríamos nos comportar e nos dividiu em quartos. Já era tarde da noite.

Não pudemos crer em nossos olhos. Nós vamos morar aqui. Num edifício decente, com paredes, não naqueles barracões horríveis de Auschwitz. Dormir em camas decentes, não naquelas gaiolas terríveis. Duas em cada cama. Tenho a vantagem de ficar com minha mãe e não precisar dormir com uma estranha. Subimos ao terceiro nível. É uma delícia deitar aqui — tão macio e tão quente!

Tem até aquecimento central. Tivemos muita sorte em sair — este certamente não será um campo ruim.

*

Nunca dormi tão bem quanto esta noite. A coberta era apenas palha e usei meu casaco dobrado como travesseiro, mas foi como estar numa cama de plumas. Estou tão feliz por chegarmos aqui. Eu me sinto um ser humano. Cada uma de nós recebeu uma colcha (agora há três pessoas em cada



beliche), uma toalha para cada duas e uma tigela, uma caneca e uma colher individuais. Esta última nos deixa mais feliz: não precisamos comer com as mãos, como animais; somos gente de novo.

Moramos todas no mesmo corredor. Diz-se que há algumas mulheres polonesas no segundo andar, mas não temos permissão para subir — nem para sair desta ala. Não tem importância. Aqui temos tudo o que precisamos. Até mesmo vasos

sanitários com descarga e um lavatório azulejado. Se ao menos houvesse água corrente… Eu queria tomar um banho; acho que o encardido nunca sairá.

Nós não temos sabão, e durante o tempo em que estivemos em Auschwitz, mesmo nos momentos de banho, não havia tempo para nos lavarmos. Além disso, não tomamos líquido algum nas últimas 24 horas e a exaustão depois da viagem... Estou morrendo de sede.

*

Desmaiei durante a chamada. A sede é medonha, pior do que a fome. Minha mãe secou as torneiras do lavatório; havia algumas gotas de água, com as quais ela me reanimou. A água começou a correr naquela noite. Ouvi e fui beber. Imediatamente me senti melhor.

Houve sopa de tutano para o almoço; havia até pedaços de carne. Podíamos comer quanto quiséssemos. Se continuarem nos alimentando assim, poderemos sobreviver. Tomara que meu pai esteja tão bem quanto nós.

Estamos aqui há duas semanas, mas parece uma eternidade. Comemos sopa de tutano todos os dias

— um litro por pessoa, não tudo o que queremos como naquele primeiro dia. Não contém nada além de água, e a fome volta uma hora depois. Recebemos quatrocentos gramas de pão, mas os guardas são trapaceiros terríveis.

Deveríamos trabalhar, mas houve alguns casos de escarlatina, então estamos em quarentena. Nem podemos ir ao corredor; não saímos deste quarto há duas semanas. Se ao menos pudéssemos esperar em nossas camas; eu dormiria o dia todo, porque à noite é impossível devido aos percevejos. Em toda a minha vida, nunca vi tantos; Terezín não era nada. Eles andam pelas paredes mesmo à luz do dia. Durante o dia, precisamos arrumar as camas de maneira impecável e sentar em outro canto.

Nós nos sentamos no chão; não há cadeiras para todas. Nosso programa diário consiste em esperar a comida e num tédio interminável. Se não houver outro caso de escarlatina, trabalharemos amanhã.

Estamos trabalhando numa fábrica de aviões. Trabalhamos em turnos, de meio-dia à meia-noite.

Na semana passada, começamos ao meio-dia e tudo correu bem. Nesta semana, começamos à meia-noite; nunca dormimos o suficiente. Chegamos em casa ao meio-dia e esperamos a chamada de pé, durante uma hora, enquanto nossas sopas esfriam por completo. Depois do almoço, nos lavamos; são três horas quando nos deitamos. Dormimos por uma hora e meia e então é distribuído o pão.

Quando eles distribuem os *Zulags* (os “bônus” consistem em dez gramas de margarina e uma colher



de geleia) são seis horas e, às oito, trazem o café. Os guardas fazem tanto barulho entre as duas distribuições que é impossível dormir. Depois do café, dormimos por duas horas e acordamos às dez da noite. Precisamos nos aprontar em trinta minutos e entrarmos em fila para a chamada.

*

Se ficarmos nesse turno por mais tempo, não sei como sobreviveremos. Além disso, a fome é muito pior. Nós jantamos pouco antes de dormir e o pão precisa durar pelas doze horas de atividade — e o trabalho também é uma estupidez. Não temos permissão para sentar e, no entanto, não há o que fazer. É o pior, porque não podemos deixar que percebam e precisamos fingir que estamos trabalhando. Polimos partes de aviões, o que é muito maçante. Ficamos no mesmo lugar, repetindo os mesmos movimentos com as mãos. Engolir limalha de ferro o tempo todo é terrível para a saúde e nunca tomamos ar fresco.

*

Pensei que alguma coisa aconteceria em 28 de outubro,80 porém não houve sequer um ataque aéreo.

Meu aniversário será daqui a quinze dias. Se ao menos tudo acabasse! Seria um presente.

Agora os turnos de trabalho são das seis da manhã até as seis da tarde. No entanto, não dou sorte; nossa ala, em particular, trabalha até as oito horas. Ainda o mesmo polimento monótono. Minha mãe foi transferida para o segundo andar,

para montar pequenas asas.

*

Todas as manhãs, durante a chamada, Šára (é assim que chamamos o *Unterscharführer*, ou às vezes Uša)81 arranja uma desculpa para bater na cara de alguém. Tenho o azar de sempre estar perto. Eu me sentia mal no começo, agora não me incomodo com essas coisas. Foi pior quando ele se lembrou de que alguém deixara seus papéis no *Waschraum* e não nos deu pão. Estou me tornando completamente indiferente a tudo.

“Eles já estão em Görlitz e em Bautzen, a oitenta quilômetros daqui. Tudo terá acabado até o ano-novo. Há uma conferência de paz. Os jornais admitem que Colônia foi perdida.” Todas essas notícias circulavam por aqui, mas o único fato, por enquanto, é que se passou uma semana desde o Natal, a sopa está cada vez mais rala e recebemos apenas trezentos gramas de pão.

Ouvimos que mudaremos para prédios comuns.

As áreas de trabalho não têm aquecimento. O piso é de cimento; nossos sapatos estão em frangalhos e não temos meias. Šára proibiu que vestíssemos casacos. Não conseguíamos aguentar o frio, então usamos o enchimento (aquelas que por acaso tinham casacões) e os forros de nossos

[redacted]

casacos para fazer panos para os pés, lenços para a cabeça e coletes para usar sob o vestido. Hoje Šára confiscou todas as peças. Então nos restaram casacos finos e estamos congelando. O frio é horrível, talvez ainda pior do que a sede e a fome.

*

Hoje fiquei em casa, com quarenta graus de febre e amigdalite. Desmaiei duas vezes no pátio. Ainda hoje atestaram que estou apta para o trabalho.

Tivemos medo por tanto tempo e agora aí está. A mudança para os prédios. Ao ar livre pela primeira vez em quatro meses. Estava terrivelmente frio: uma tempestade de neve. A fábrica fica a cerca de trinta minutos daqui. Achei que não conseguiria. Tive febre ontem, mas hoje estou bem e acho que vai passar. Por outro lado, tenho certeza de que nunca mais terei um resfriado.

Aparentemente eles têm meias e tamancos no depósito, mas não os distribuem. Não sei o que estão esperando.

*

Os prédios foram concluídos há pouco tempo e ainda não estão totalmente secos. Há goteiras no teto, então todas as noites nossas cobertas e colchões de palha ficam completamente molhados. Seria melhor dormir nas camas mais baixas — aqui os beliches têm apenas dois andares —, porém ali a umidade se infiltra por baixo. Há partículas de gelo nas paredes e o forno de aquecimento nunca é aceso. Recebemos dois baldes de carvão por dia, mas os guardas roubam metade enquanto trabalhamos. Ainda não pudemos nos lavar — somente um pouco, às escondidas, na fábrica, usando o cano de água do lavatório. Šára nos esbofetearia se descobrisse. O *Waschraum* fica quatro prédios além de onde moramos, mas a água, até o momento, está congelada.

Sequer tiramos a roupa à noite; dormimos três numa cama, pois não há colchões de palha suficientes. É pavoroso. A menos que aconteça um milagre, não sobreviveremos. Talvez o fim esteja próximo; teoricamente eles já estão em Bautzen; um dos capatazes nos disse que desta vez é verdade.

*

Por mais chocante que pareça, Šára teve pena de nós. Ele admitiu que não é possível viver nessa umidade. Não que realmente se importe conosco, mas percebeu que todas adoeceríamos, e o que aconteceria à fábrica sem nós? Somos uma força de trabalho treinada e muitos especialistas partiram para o front. Pelo bem da fábrica, eles nos mudaram para um prédio melhor. Aqui também é gelado, mas pelo menos não pinga água do teto (ao menos não tanto).

*

Há água corrente no lavatório, porém é impossível se lavar ali; todas as janelas estão quebradas.

Roubamos baldes da fábrica e nos lavamos nos prédios. É claro que Šára descobriu e, durante a chamada, nos proibiu explicitamente. Ou ele ou algum supervisor nos verifica todas as manhãs. Nós nos lavamos à noite; é o jeito mais

seguro.

Hoje é 29 de janeiro.

Distribuíram as meias e os tamancos. Tivemos sorte: minha mãe e eu ganhamos os dois. Não havia o bastante para todas; algumas precisarão passar o inverno descalças. Há mais no depósito, mas aparentemente não serão distribuídos.

Enfim me livrei do polimento. Me alocaram no térreo, na montagem. É um trabalho de homem, difícil. Nós montamos asas enormes, equilibradas em andaimes. Meus dedos estão furados de tanto fixar rebites. Parece que não consigo aprender. Tenho medo de que o *Salmeister* encarregado reclame com Šára. Ele é mesmo um desgraçado; até os especialistas têm medo dele. Algumas das pistolas de rebites são tão pesadas que nem consigo levantá-las.

Trabalhamos da uma da tarde até a uma da manhã. Devemos despertar às nove horas — deveria ser às dez, mas os guardas estão sempre com pressa. Às onze e meia da noite, saímos do prédio; à meia-noite e meia precisamos estar em fila, na fábrica, para a chamada. Šára está sempre com uma pressa danada e aguarda na escada com uma cinta de couro nas mãos.

Guardávamos o pão para comer antes da chamada, mas Šára já não permite. Diz que devemos comer antes de sair. Nós comemos escondidas no trabalho, porque é impossível aguentar o serviço sem algo na barriga. O jantar é às sete da noite. Os intervalos são horrivelmente curtos. As últimas pessoas a receberem uma das mil porções sequer têm tempo de beber a água (é tudo o que há).

As porções são muito desiguais, mas é culpa dos guardas, que não mexem o caldeirão. Como se fosse muito trabalhoso. Assim, algumas pessoas recebem um prato praticamente com água e outras ganham todos os pedaços sólidos. É claro que isso só acontece com as favoritas dos guardas. Para mortais comuns como eu há apenas água. O mesmo acontece com o pão, que recebemos com a sopa. Šára anda de um lado para o outro enquanto fazem a distribuição e mantém a ordem com sua cinta de couro. Se ao menos ele usasse a cinta quando as porções são divididas; aí ela é necessária.

Mas ele e os guardas são ladrões descarados, ou não seriam tão maldosos conosco. É claro — ele não precisa ser justo.

*

Minha parte preferida no dia é quando voltamos ao pátio de trabalho. Os especialistas ainda não retornaram do jantar e as luzes estão apagadas. Šára nos manda para o trabalho cedo, sem a menor necessidade. Eu sempre subo ao topo do andaime para ficar sozinha por alguns minutos. É o único momento do dia em que não vejo outras pessoas... Papai e eu prometemos que sempre pensaríamos um no outro às sete da noite. Não é possível no meio da confusão, do aperto e do barulho da refeição. Então penso nele meia hora depois. Talvez meu pai também não tenha tempo às sete em ponto. Talvez esteja dormindo após o turno do dia, ou começando a trabalhar, ou talvez tenha um



intervalo exatamente na mesma hora e esteja pensando em nós.

Agora sei rebitar tão bem quanto qualquer especialista, porém não me importa terminar o avião ou não. Embora eu queira ganhar o bônus. É uma besteira ganhar uma recompensa por trabalhar para os alemães, mas não faria mal. Uma vez, minha mãe e eu ganhamos um pacote de sabão em pó.

Durou quase dois meses. Ontem comprei três colheradas de sabão em pó com duas fatias de pão. É

caro, não tem jeito. Ainda usamos a roupa íntima que nos deram em Auschwitz. Minha mãe ganhou trezentos gramas de pão. Comemos tudo de uma vez; ao menos pudemos ter a sensação de alguma coisa no estômago. O *Salmeister* me promete todos os dias que vou ser beneficiada, mas ainda não aconteceu. Quando finalmente for a minha vez, eles já não estarão distribuindo bônus.

Este é meu destino: nunca ganhei nada, nem *Nachshub* — porções extras —, nem bônus, nem nada. Quase todas têm casacos, mas eu sempre chego tarde demais.

Ganhar um macacão sem precisar desistir das meias foi realmente uma sorte; não sei onde consegui a coragem e a ousadia. Simplesmente tirei as meias, escondi-as em meu casaco e disse que não tinha. Foi um risco enorme — e se Šára conferisse? —, mas é o único jeito por aqui. Preciso aprender um pouco com as polonesas; elas sabem como essas coisas funcionam.

Eles distribuíram *Zulags* especiais, meia porção de pão e queijo de fazenda para as crianças. Não ganhei porque consta que nasci em 1926. E quando trabalhamos

até as oito horas, as crianças podem voltar às seis horas, eu não. Disse uma mentira uma vez na vida e ela só me trouxe desvantagens. É claro que eles poderiam, se eu dissesse a verdade, separar minha mãe e a mim. Que fiquem com seus queijos, então.

*

Há ataques aéreos diariamente, com uma frequência cada vez maior. A sirene dispara a todo momento e o *Voralarm* antes dos ataques nunca cessa. Houve um grande bombardeio em Dresden ontem. Podiam-se ouvir tiros, e à noite, quando voltávamos do trabalho, o céu estava completamente rubro. O brilho ainda é visível hoje.

Veículos com refugiados passam pela estrada há dias. Isso me faz sentir tão bem; fico sempre mais animada em meu caminho para o trabalho. Três anos atrás quem fugia dos ataques aéreos éramos nós. Eles nos deixavam usar os abrigos, mas pensaram melhor; eles mesmos temem não chegar lá a tempo. Então andamos propositalmente devagar. O destino decide se pereceremos ou sobreviveremos. A vida importa tão pouco para nós; não temos nada a perder.

A única coisa de que tenho medo é que apenas uma de nós duas seja morta. No momento em que a sirene soa já estou no segundo andar ao lado da minha mãe. Aí não me importa se seremos atingidas ou não.

Não permitem mais que utilizemos o abrigo; todas as mulheres esperam no pavilhão, no térreo.

Por enquanto não houve ataques aéreos diretamente a Freiberg, mas os aviões circularam sobre a fábrica algumas vezes. Hoje um deles foi derrubado; os especialistas ficaram loucos de alegria.

Falaram sobre esse assunto o dia inteiro, e à noite haviam transformado o avião em três.

Pessoalmente, gosto bastante dos ataques aéreos (e acho que não sou a única). Não precisamos trabalhar, posso passar algum tempo com minha mãe e é muito divertido ver os especialistas —

desculpe a expressão — se molharem.

Kapteiner, meu *Salmeister*, aquele que grita tanto e nos trata de maneira tão dura, aquele que faz todos tremerem à sua frente, é sempre o primeiro a sair do pavilhão. Um dos especialistas até quebrou a perna, um tempo atrás, ao correr para o abrigo. Esperem até começarem mesmo os ataques aéreos, diariamente, para os alemães verem do que eles são capazes — esses idiotas ainda acreditam que vencerão a guerra. Com os aviões que fazemos aqui?!

Estou de novo no turno diurno. Hoje o dia está lindo. O sol brilha, os passarinhos cantam; é primavera. E nós aqui, trancadas nesta fábrica cinzenta e fria. Ainda não fiz nada, não consigo —

preciso olhar para fora. Estou longe da janela; tudo o que posso ver é um pedacinho de céu e as copas das árvores. Estão começando a florescer. A caminho do trabalho, vimos crianças jogando bolinhas de gude e girando piões — em suma, a primavera chegou.

Os especialistas não prestam muita atenção em nós; eles são poucos porque a maioria foi mandada para a linha de frente. Trabalhamos de forma totalmente independente — se ao menos aquele Kapteiner não prestasse tanta atenção... Geňa — uma moça polonesa que trabalha comigo — e eu quebramos várias lâmpadas de propósito para sairmos e buscarmos outras. Não estou com vontade de trabalhar hoje; nunca estou, mas ultimamente não fazemos mais nada. Porém, a gente precisa estar sempre atenta para que Kapteiner ou Šára não nos flagrem. Fico com o martelo na mão; assim que chega alguém, começo a bater nos rebites. Geňa, por sua vez, me entende. Sempre o mesmo trabalho. Por quanto tempo? Essa guerra nunca vai terminar?

*

As pernas da minha mãe foram escaldadas enquanto distribuíam o café. Essas horríveis holandesas

— sempre brigam por comida como loucas. Mamãe está na enfermaria. É triste estar sozinha.

Agora vejo como tivemos sorte por ficarmos juntas.

*

Parece que não vamos mais trabalhar na fábrica. Ela será fechada; o front está se aproximando.

Partiremos — não há trens; os especialistas dizem que iremos a pé. Não é possível. Até onde chegaríamos? Veremos... Nem tudo o que se diz precisa ser verdade. Por enquanto, o trabalho continua como antes.

Começamos a trabalhar normalmente nesta manhã; os especialistas não disseram nada e nem



tinham informações. De repente, veio a ordem: “Baixar ferramentas.” Aparentemente não voltaremos à fábrica.

Uma mulher desapareceu em nosso último dia de trabalho. Ameaçaram cortar nosso cabelo se não contássemos o que sabíamos. Será que a encontrariam? Só descobriram o desaparecimento após doze horas. Que tentem achá-la. Dizem que fugiu com um especialista. A esta altura, sabe-se lá onde estará.

Eles me amedrontaram um pouco com a ameaça de corte do cabelo. Não me importei em Auschwitz, mas agora não gostaria. O fim está próximo, com certeza, e não seria agradável voltar a Praga com a cabeça raspada. De qualquer maneira, não escaparemos; Šára está mal-humorado ultimamente e raspa a cabeça das pessoas por qualquer coisinha. Por exemplo, mandou cortar o cabelo de uma mulher porque dava para vê-lo sob o lenço (podíamos usar lenços no caminho para o trabalho durante o inverno). Outra mulher fez um anel com um pedaço de arame; uma terceira se lavou por completo. Coisas que foram explicitamente proibidas para nós.

*

Šára foi embora há alguns dias. Dizem que ele foi organizar nossa partida para Flossenbürg.82 Esse é o campo de concentração ao qual pertencemos e que emitiu nossos números de prisioneiras (*Häftlingsnummer*). Meu número é 54391. O número é impresso num disco de metal e afixado à nossa roupa.

*

Šára retornou. Ele zombou de nós durante a chamada, dizendo que ouvira boatos bobos de que partiríamos. Ele não sabia nada sobre o assunto e nos proibiu de

espalhar histórias parecidas. Então é mesmo verdade, ou ele não inventaria tantas desculpas.

Minha mãe decidiu voltar da enfermaria. Se formos a algum lugar, os doentes talvez precisem ficar ou sejam mortos. Nunca sabemos o que pode acontecer e o mais importante agora é permanecermos juntas.

Não há trabalho algum aqui, mas eles nos pressionam. Capinar os canteiros, consertar as trilhas, arrancar matos e todos os tipos de tarefa sem sentido. Há ferramentas para umas cem pessoas e somos mil. Quem não consegue uma, é obrigado a carregar e quebrar pedras. Ainda está um frio terrível — nossos prédios ficam no alto de montanhas —, mas Šára resolveu que trabalharemos sem casaco. Ele e seus *Aufsehers* estão quentinhos e de barriga cheia.

Faz duas semanas desde que trabalhamos na fábrica. Não resta uma pedra em todo o campo, mas ainda precisamos transferi-las. Nós as carregamos de uma pilha para outra apenas para parecer que estamos fazendo alguma coisa.

A situação em relação à comida é terrível. Já não recebemos um litro de sopa. É sem sal; o sal acabou. Só 170 gramas de pão.

Minha mãe está com um aspecto horrível; pele e ossos. Recentemente começou a ter problemas de coração. Está tão fraca que mal consegue ficar de pé. Quase todas estamos assim; mesmo sendo jovem, meus joelhos cedem quando ando.

Estávamos sempre com fome; a esperança nos sustentava. Já não éramos sustentados por aquele litro de água e aquela fatia de pão; é impossível. Vivemos de nossa força de vontade. E

sobreviveremos! Afinal, algum dia o fim vai chegar.

Podem-se ouvir explosões. De um lado, atacam Dresden; do outro, Chemnitz.

Houve um *Hochalarm* quatro vezes durante o dia; aparentemente já estão em Dresden e os paraquedistas entraram em Chemnitz. Algumas mulheres foram limpar a fábrica e trouxeram um jornal. Há batalhas imensas perto de Berlim, diz o jornal — já estão em Berlim.

Frequentemente me sento junto à janela e olho para a estrada branca à nossa

frente. Em breve, talvez amanhã ou depois. É por ela que eles virão. Deus, quando chegarem os primeiros tanques!

Eles nos libertarão; e estaremos livres. E o fim chegará logo. Afinal, os jornais dizem que Berlim caiu.

*

Chamaram Šára ao telefone esta manhã, antes da nossa chamada. *"Vorbereiten zum Abmarsch!*

Schüssel und Decken mitnahmen!" — "Preparar para marchar! Tigelas e cobertas com vocês!" Isto aconteceu às três da manhã; às quatro horas tivemos a chamada; às cinco partimos.

Eu quis me esconder. Talvez num vão ou num dos fossos que cavamos ontem. Eles não perderiam tempo nos procurando; Šára estava extremamente transtornado e apressado. O front deve estar muito próximo. Talvez chegue a Freiberg hoje. Se ao menos eu tivesse certeza que não demoraria — e se levarem uma semana ou duas para chegar? Com um pão nas mãos, eu não teria hesitado, mas seria difícil aguentar quinze dias sem comida.

Talvez eu ficasse de qualquer maneira, mas minha mãe começou a hesitar. E hesitou até ser tarde demais.

Eles nos dividiram em grupos de cinco, nos contaram e partimos. A toda. Sempre andamos depressa quando íamos ao trabalho, mas nunca como hoje.

Havia refugiados ao longo do caminho e na estação de trem, um atrás do outro, carregando trouxas. Os *Aufsehers* levavam sua bagagem consigo. Šára trouxe a esposa. Todos estão fugindo; a cidade inteira está em debandada. Será que só perceberam agora? Demoraram um tempo para entender. Não estão fugindo dos americanos; estão morrendo de medo dos russos. Eles não escaparão.

Eles nos embarcaram em vagões abertos, para o transporte de carvão, com sessenta a oitenta pessoas em cada. O trem deixou a estação às oito horas.

Nunca mais verei Freiberg. Não sentirei falta, embora me entristeça não ver a chegada das tropas.

Talvez já estejam lá, descendo a estrada que observei com tanta esperança. Por que não me escondi,

[redacted]

afinal?

Estamos cruzando os Sudetos. Na conversa dos *Aufsehers* (há dois em cada vagão) ouvimos alguma coisa sobre a Bavária. Flossenbürg.

Está começando a escurecer. Não deixaram que descêssemos dos vagões o dia todo e não nos deram o que comer.

Então estamos indo para Flossenbürg. Não pensei que veria o interior de outro campo de concentração. Eu estava animada esta manhã, enquanto observava a fuga dos alemães, mas Flossenbürg?! Pensávamos que, quando o perigo chegasse, eles fugiriam e não se preocupariam conosco. E agora isso. No fim das contas eles simplesmente nos eliminarão e ponto final.

Não consigo acreditar que algum dia isso terminará. A guerra já dura tanto tempo! Era sempre

“no outono, no outono”; já é quase verão e ainda nada. Anteontem, mesmo ontem, fazíamos planos, imaginando a chegada das tropas para nos libertar, e agora estamos a caminho de outro campo de concentração. Eles sempre terão tempo para nós.

Atravessamos Most e seguimos viagem rumo a Chomutov.83 Tudo aqui está destruído; o alarme acabou de soar. Um dos trabalhadores da ferrovia, um tcheco, gritou para nós que eles estariam aqui em dois dias. Dentro de uma semana, disse ele, tudo terá acabado. Tomara que tenha razão.

Agora seguimos em outra direção. Talvez o trem tenha sido obrigado a desviar. Não, está voltando pela mesma rota. Por quê? Não posso me preocupar agora; precisamos nos deitar e dormir um pouco. Pela manhã veremos onde estamos.

*

Não dormimos; apenas cochilamos um pouco, sentadas. A neblina está sumindo e o sol começa a sair. Por favor, que o tempo fique bom. A noite toda sob o céu aberto, coberta apenas por um cobertor fino. Algum dia me sentirei aquecida?

Parece que não.

Alvorada. Reconhecemos lugares pelos quais passamos ontem. Estamos parados nos trilhos próximos a Most. À nossa frente há fileiras de construções e arame farpado. Um campo de concentração. Talvez nos deixem aqui. Provavelmente não chegaremos a Flossenbürg agora. Nos mandaram de volta de Chomutov; pelo jeito não podemos seguir adiante por causa da linha de frente. Há pessoas, homens, andando em frente aos prédios. Talvez meu pai esteja aqui. Se ao menos nos descarregassem no solo e nos deixassem dormir, mesmo sem cobertas, só para termos um teto sobre nossas cabeças…

*

Eles nos mandaram para um caminho sem saída. Faz cinco dias. Provavelmente não sairemos dos vagões até a guerra terminar. Durante todo o dia, passam trens com soldados feridos. Vinte e quatro horas depois eles voltam na mesma direção em que vieram. O front está por todos os lados; já nem tocam as sirenes para os ataques aéreos. Há aviões sobre nós constantemente. Eles atiram

nelas sem parar; o fogo antiaéreo passa sobre nossas cabeças. No primeiro dia, tivemos um pouco de medo, mas agora não nos perturba. Uma bomba poderia cair aqui, mas nem penso sobre o assunto.

Acredito que nada nos acontecerá. E, se acontecer, pelo menos não saberemos. Não sentiremos mais frio e fome.

O campo chama-se Triebschitz. 84 Eles enviam nossa comida. Uma fatia de pão e meio litro de café. Bebemos a metade e usamos o restante para lavar. Com isso, roubamos de nosso corpo um pouquinho do líquido de que ele tanto precisa, porém não queremos ter piolhos. Todas as manhãs, mesmo que esteja frio, despimo-nos e ao menos arejamos nossos trajes e roupas íntimas.

Conseguimos varrer o pó de carvão e cada uma tem seu lugar. Fomos obrigadas a organizar as coisas; quem sabe quanto tempo ficaremos neste trem?

O dia é suportável, mas as noites podem deixar a gente louca. Descobrimos que só existe um jeito para todas se deitarem. Nós nos enfileiramos como sardinhas, começando antes do anoitecer para estarmos prontas enquanto ainda há luz. Deitamos todas sobre o lado direito do corpo e, se alguém se virar — o que nos proibimos de fazer —, o vagão inteiro precisa fazer o mesmo naquele exato

instante.

Três dedos dos meus pés foram ulcerados pelo frio — um caso tão grave que nem consigo calçar o tamanco. Temos sorte; o tempo está relativamente bom, mesmo com geadas à noite, pois ainda estamos em abril.

*

Tenho medo das noites; são as piores provações. Essas mulheres podiam pelo menos ser mais compreensivas… Cada uma pensa em si e é indiferente às outras. Pessoas egoístas. Contanto que elas consigam dormir, o restante que fique acordado. Cada uma pensa que seu lugar é o pior e acusa as outras de terem mais espaço e de atormentarem-na. Ela se levanta e, com isso, acorda todo o vagão. Todas as contagens e medições feitas no final da tarde foram em vão; não conseguiremos nos deitar de novo antes do amanhecer.

O *Posten*, nossa sentinela, apareceu duas vezes por causa do barulho. Pensei que éramos apenas nós, porém, quando escurece, podem-se ouvir discussões em todos os vagões. Provavelmente é também a fome que nos deixa tão nervosas.

Agora está ainda pior para mim — alguém pisa toda hora no meu pé e a ferida dói demais.

Pisaram numa bolha no meu dedão, que estourou e sangrou. Eu o enfaixei com a velha bandagem usada na queimadura de minha mãe, que já está cicatrizando — mesmo aqui, nesta sujeira!

Esta será nossa sexta noite no trem; uma semana inteira em Triebschitz. Não aguento mais. Penso sobre o assunto todas as noites; talvez eu simplesmente o faça hoje. Pularei na frente de um trem e cometerei suicídio. Não aguento mais uma noite assim. E se for o fim? E se for a última vez? Vou tentar mais uma vez.

*

Adicionaram dois transportes ao nosso. Mulheres gregas e homens poloneses. O estado deles é terrível, muito pior que o nosso. Disseram que não comem há uma semana e que há uma epidemia

[redacted]

de tifo. À noite podem-se ouvir os lamentos, os pedidos por água. O Šára e os

Aufsehers deles são muito piores que os nossos. Eles os tratam pessimamente. Não podemos encontrá-los; só os vimos quando foram ao campo para comer. Sequer conseguem andar, apenas cambaleiam. Os homens usam roupas listradas e sua aparência é ainda pior do que a das mulheres. Meu Deus, talvez meu pai esteja com esse aspecto!

Um transporte de homens vindo de Buchenwald passou pela manhã. Eles gritaram para nós.

Eram poloneses, húngaros, eslovacos e tchecos, mas ninguém vinha de Terezín. O aspecto deles!

Em comparação, estamos gordas e bem vestidas. Provavelmente têm uma aparência tão ruim porque seus cabelos não foram raspados. De qualquer maneira, passaram por muita coisa. Estão ainda mais aglomerados que nós; não conseguiam se sentar e precisavam ficar de pé para caber.

Procuramos meu pai entre eles, mas provavelmente não o reconheceríamos. É o que sobra de uma pessoa — como podem tratar alguém dessa maneira?! Nem acredito que meu pai esteja vivo.

Ele não sobreviveria. E o fim não chegou.

*

Durante a noite, houve um grande ataque aéreo sobre Chomutov e Most. Parecia ser nosso fim, mas, milagrosamente, nenhuma bomba caiu aqui. Os *Aufsehers* e *Posteners* fugiram, mas não tivemos permissão para deixar o vagão. Ficamos felizes por não precisarmos levantar e dormimos em paz. Eu só me arrastei para ver as velas de Stálin,85 que iluminaram todo o céu. Aí precisei ficar sentada até o amanhecer; não consegui me encaixar de novo.

Foi um ataque aéreo gigantesco, mas não houve sirenes; o front certamente está a apenas alguns quilômetros daqui. Talvez sobrevivamos até a libertação, afinal.

Durante o ataque aéreo noturno, uma eslovaca deu à luz. No escuro, sob a fraca luminosidade de uma lanterna que o *Posten* manteve sob as cobertas. Por enquanto a mãe e a criança estão bem. O

rebuliço que as pessoas fariam em casa por um recém-nascido — e aqui

simplesmente embrulharam-no num cobertor sujo com pó de carvão. É o segundo bebê; o primeiro nasceu na noite anterior à nossa partida de Freiberg.

O s *Posteners*, *Aufsehers* e Šára estão atarefados. Os americanos já estão em Chomutov. Estamos viajando a toda velocidade rumo a Most. Seremos despachadas com eles enquanto fogem do front.

É a segunda vez que se aproximam de nós e, mais uma vez, perderemos sua chegada.

Está chovendo mais e mais forte ao longo da tarde. As cobertas estão ensopadas e pesadas. Logo vai anoitecer. Estamos viajando em grande velocidade. Se ao menos parasse de chover; não conseguiremos passar a noite em cobertores molhados. Talvez nos descarreguem em algum lugar, talvez num celeiro, ao menos para termos um telhado sobre nossas cabeças durante a noite.

Estamos passando por uma pequena aldeia. Crianças brincam em frente às casas. Elas nos olham, curiosas, e acenam; aquelas ali gritam alguma coisa. "*Nazdar!* "— "Olá!" É tcheco — são crianças tchecas! Estamos em casa, na Boêmia. Os adultos se juntam a elas; o *Nazdar!* se intensifica. Meu

Deus, como é lindo ouvir palavras em tcheco outra vez. Que diferença entre essas crianças tchecas, o jeito como nos saúdam, e aqueles fedelhos alemães que jogavam pedras em nós enquanto caminhávamos para o trabalho.

Passamos por uma floresta: uma lebre foge, um esquilo salta entre as árvores. A natureza é tão bonita... E a floresta tem um cheiro diferente. Uma floresta tcheca. Ser aquela lebre ou aquele esquilo. Viver livre, respirar livre. Como esses animais são felizes. E para onde vamos? Šára encontrou um modo de nos levar a Flossenbürg? Então é a última floresta que verei. O último pouquinho de liberdade. Amanhã posso nem estar viva. Há uma câmara de gás em Flossenbürg? Ah, pular do trem, esconder-me na floresta, escapar.

Paramos um momento numa estação de trem tcheca. Pessoas correm até os vagões, jogando pães e bisnagas para nós. Meu Deus, elas são boas. Todas falam tcheco conosco, dizendo que logo tudo terminará.

Aí, seguimos em frente. Está chovendo torrencialmente, mas nem sinto. Não me importa. Meu cobertor escorregou, estão pisando nele, mas não me incomodo. Uma mulher divide seu pão conosco. Não comemos nada desde a manhã. Estou

morrendo de fome, porém não consigo comer.

Aperto o pão contra o peito; não sinto o frio, a chuva ou as lágrimas que escorrem por minha face.

Não consigo comer. É pão de gente tcheca, nosso pão — estamos em casa, em terras tchecas!

Duas mulheres pularam de nosso vagão. O *Posten* fingiu não ver; as sentinelas não se importam.

Eu gostaria de escapar, mas é mais difícil em dupla. E se acontecer alguma coisa durante o salto? E

se eles pegarem uma de nós? Se minha mãe estivesse forte o bastante... No estado em que se encontra, não conseguiria fugir. E se ela caísse em algum ponto do caminho? Não vou pular; deixarei nas mãos do destino. Não há sinal de vida aqui. Não tenho ideia de onde estamos.

*

Estamos na estação em Horní Bříza. É mais ou menos meia-noite. Ainda chove. Os trabalhadores da ferrovia gritam que teremos vagões cobertos pela manhã. Pela manhã — faltam pelo menos seis horas. Minha ferida no pé está começando a arder e meu pescoço dói por causa do peso do cobertor encharcado. Mais seis horas. A chuva não para.

Eles nos transferiram para vagões de gado. Agora que chova à vontade, pelo menos temos um teto. Gostaríamos de ter cobertores secos — nunca vou me aquecer desse jeito.

*

Os cobertores estão quase secos; já não se sente frio. Eles nos separaram do outro transporte. É

melhor assim; havia montes de pessoas doentes e tudo o que não precisamos é ter uma infecção.

*

Deixamos Horní Bříza pela manhã; provavelmente seguimos para Plzeň. Šára sabe que duas mulheres escaparam, mas não parece se incomodar. Provavelmente já não somos responsabilidade dele.

O trem chegou a Plzeň ao meio-dia. Parou atrás da estação, junto a uma floresta. Imediatamente

---

um monte de pessoas veio em nossa direção trazendo comida. Não entendo como conseguiram tudo tão rápido. É domingo; provavelmente já estavam assando esses pratos. Trazem cestas e balaios cheios de pão, biscoitos, frutas. No entanto, entregam tudo para Šára, que diz que distribuirá os alimentos. Isso eu quero ver.

Deixaram nosso vagão aberto por alguns momentos — há duas mulheres de Plzeň entre nós, que se manifestam, então jogamos alguns bilhetes. Chamamos as pessoas, pedindo que entreguem a comida a nós ou assegurem-se de estar presentes quando ela for distribuída. Šára com certeza guardará tudo para si e seus *Aufsehers*.

As pessoas aqui são muito boas. Trouxeram comida o dia todo e prepararam uma sopa para nós.

Desde a manhã até a noite, vieram da cidade até aqui. Todas recebemos uma tigela cheia da verdadeira sopa de batatas tcheca. Após dois dias, algo quente para comer. Eles mesmos distribuíram

— Šára estava fora de si, mas não pôde fazer nada. Ele não pode fazer tudo o que fazia.

Ouvimos sua conversa com o chefe da estação, que tentava convencê-lo a nos deixar aqui. Eles cuidariam de nós, disse o homem; comida, tudo. Aconselhou Šára a não seguir viagem com a gente

— aparentemente não chegaremos a lugar algum. Šára não quis saber. Ele quer ir embora a qualquer custo. Sente que o fim está chegando e tem medo de estar entre tchecos. Perguntou em que direção ficava a Bavária. O chefe da estação diz que ele não conseguirá chegar, mas é impossível persuadir Šára.

Estamos novamente num beco sem saída. Nenhum sinal de vida. Não temos

ideia de onde estamos.

Achamos que pode ser perto de Domažlice. Šára procura algo para comer, mas não encontra. Ele não tem mantimentos, nem para seus *Aufsehers*. Estão comendo hoje os biscoitos que não nos entregaram ontem. Por que Šára não ficou em Plze ň? Teríamos um suprimento de comida; aqui morreremos de fome.

Não podemos seguir. Nos recusaram numa estação. É muito estranho aqui, tão morto. É

evidente que a gente está numa zona de guerra.

Ontem não nos deram comida; hoje prepararam um chá numa fogueira e o adoçaram. Šára ainda tem um pouco de açúcar. Nem descemos dos vagões quando eles nos permitem. Gasta-se muita energia. Já nem aguentamos ficar de pé.

*

Deram duas colheres de açúcar a cada uma de nós. Você não acreditaria no efeito.

Instantaneamente nos sentimos melhor. Minha mãe e eu passeamos ao longo dos vagões.

Recebemos uma xícara de água para nos lavarmos. Estamos horríveis e sujas. Houve um dia em que nos lavamos em Triebschitz com 250 ml de café?

*

Šára arranjou batatas em algum lugar. Eles as cozinharam em baldes sobre uma fogueira. Cada uma

[redacted]

de nós ganhou duas. Se não formos embora daqui, sucumbiremos. Por quanto tempo sobreviveremos sem comida?

Estamos em Klatovy. Mais uma vez, as pessoas surgem por todos os lados com comida, mas Šára não permite que se aproximem. Há um córrego nas redondezas; temos permissão para tomar banho.

Joguei meu casaco pela janela; havia piolhos nele. Sentirei frio, mas é mais fácil suportá-lo do que aos piolhos. Há sempre algo me picando e por isso penso neles sem parar. Tínhamos tanto medo deles que tentamos ao máximo nos manter limpas em Freiberg. Agora que chegaram, nunca nos livraremos deles.

Minha mãe está zangada comigo; ela diz que sou cheia de tolices, que piolhos não me matarão e que ficar sem comida é muito pior. É verdade, mas os piolhos me perturbam mais do que a fome.

Eles me deixam muito infeliz.

As pessoas teriam prazer em nos ajudar; por que Šára não deixa? Uma garota, mestiça, tem os pais aqui em Klatovy. À noite, chamaram seu nome. Ela poderia ter escapado, mas está gravemente doente. Esteve na enfermaria do campo desde o Natal. É horrível, para ela e para os pais. Tão perto de casa, sem comida, sem ajuda.

*

Passamos para uma estação adiante. A mãe da menina está parada ao lado do trem desde a manhã.

Ela pedia a Šára e aos *Aufsehers* para tirá-la do trem e deixá-la aqui, já que está tão doente; até a vigia do alojamento teria permitido. Porém Šára não permitiu e sequer deixou a mulher se aproximar.

Os *Aufsehers* entram na cidade para implorar por comida. Retornam com bolsas e cestas cheias, trazendo até jarros de leite e frutas, mas tudo desaparece nos vagões com Šára e os *Aufsehers*. Se ao menos conseguíssemos transmitir um sinal às pessoas… Elas certamente não têm comida para desperdiçar — dão o melhor que têm e Šára está engolindo tudo.

Esta noite vou fugir. Está decidido, vou escapar — estou planejando há dois dias. As pessoas daqui certamente vão ajudar. Šára mudou de ideia e permite que elas se aproximem do trem. Até a mãe daquela menina. Eles prepararam café com leite e pão para nós. Uma fatia enorme para cada uma de nós e bolachas para as doentes. Que pão! A melhor massa no mundo não teria sabor melhor. E o café! Leitoso e doce. Com o cheiro de uma cozinha tcheca. Era mais do que hora de nos darem algo para comer. Além daquelas duas batatas, metade de uma caneca de chá e duas colheres de açúcar, não comíamos fazia quatro dias. Naquela

manhã, minha mãe desmaiou duas vezes de fraqueza.

Daqui a pouco poderemos sair dos vagões; olharei ao redor e esta noite, sem falta, vou dar o fora.

*

Ainda preciso pensar melhor. Há um guarda observando toda a lateral do trem. Pensei que seria possível deitar sob o vagão, mas há locomotivas nas duas extremidades do trem e não sei em que

direção seguiremos. Ainda resta uma opção. Se deixarem as janelas abertas à noite (as portas estão sempre trancadas por fora), poderemos saltar. As pessoas com quem tive a oportunidade de falar nos advertiram contra essa ideia. Parece que ainda há buscas constantes. Elas podem nos dar comida, porém onde nos esconderemos? Não podemos pedir às pessoas que nos escondam e se desgracem.

Se eu pudesse ter certeza de que o fim está próximo, daríamos um jeito de aguentar.

Dormiríamos nas florestas, em montes de feno... Afinal, estamos acostumadas ao pior. No entanto, por quanto tempo poderíamos viver assim? Em algum momento certamente nos pegariam. Minha mãe ainda não quer fugir; ela teme estar fraca demais. Não quero tentar convencê-la. Estou apenas esperando uma palavra dela. Se ela disser que sim, saio correndo sem hesitar.

Estou aguardando. Quem sabe ela aceita?

*

Fiquei junto à janela até tarde, olhando para fora. Nosso lugar é sob a janela, então não incomodei ninguém. Por volta das onze horas, deixamos Klatovy. Andávamos bem devagar, então seria perfeito para pular. Contudo minha mãe continuou em silêncio.

Suponho que não possamos ir adiante. O chefe da estação em Plzeň falava a verdade quando disse que não passaríamos além de Horažd’ovice.

*

Como essas pessoas sabiam que viríamos nesta direção? Todas trazem pães sob os braços. Um operário da ferrovia jogou seu lanche para minha mãe. Outro perguntou se somos todas tchecas. Ele nos passou um pão, entregando outro a alguém na janela seguinte. “Berlim caiu. Em dois dias tudo terminará...” Então Šára correu e bateu nas janelas, irritado, usando sua arma.

Está escuro aqui, mas pelo menos ele não os viu passando-nos o pão. Nós o repartimos; todas receberam um pedaço. Não comíamos desde ontem; Šára disse que não era necessário nos alimentar, já que as pessoas nos deram comida.

*

Seguimos em frente. Para onde? Afinal, o caminho para České Budějovice está bloqueado.

Pedimos e gritamos que abrissem as janelas; estava sufocante aqui. O *Posten* teve pena e abriu uma, ao menos. Um trem militar estava parado em frente; eles nos deram uma lata de sopa de feijão. Nós a dividimos; cada uma ganhou uma colherada. De qualquer maneira, algo quente para nossas barrigas. Eles nos dariam mais — haviam cortado algumas fatias de pão —, entretanto Šára os assustou correndo e batendo na janela. Apenas uma fresta se manteve aberta. Os soldados fizeram alguns comentários sobre comportamento desumano. Talvez não sejam tão maus; eles apenas sentem medo uns dos outros e principalmente dos SS.

*

Todos os trens estão voltando para Horažd’ovice, mas aparentemente essa não é a intenção de Šára.

Ele sempre precisa que as coisas sejam feitas do seu jeito e está decidido a agir da mesma forma dessa



vez. Ele vai aonde quiser.

Perguntamos a um funcionário da ferrovia se ele sabe aonde iremos. “Mauthausen, provavelmente.” Provavelmente? Não, ninguém diz uma coisa dessas de maneira tão leviana. Dez mulheres saltaram do trem à noite. Os alemães atiraram, mas não creio que algo tenha acontecido com elas.

Provavelmente nem os *Posteners* queriam atingi-las. Eles não se importam conosco; um deles até desapareceu.

Mesmo assim, eu não tentaria algo aqui. Se não fugi na Boêmia, deveria arriscar aqui, em České Budějovice, que está cheia de alemães?

Agora é tarde demais. Ficarei e aguentarei até o fim. Se estou destinada a morrer, que assim seja.

Que seja feita a vontade de Deus.

*

Perceberam que faltam dez mulheres. Ameaçaram nos punir, mas o que pode acontecer? Existe algo pior do que Mauthausen?

*

"Água, beber, só uma gota, molhar nossos lábios. *Wasser, bitte, trinken!* " Eles não ouvem, não querem ouvir. Já não sentimos fome — estamos acostumadas à falta de comida, mas a sede desenfreada nos tortura.

*

Raios de sol penetram através das fendas. Pode-se ver um pouquinho do céu; aqui e ali, um tronco ou uma copa de árvore. Deve ser uma floresta. Ah, ver uma floresta me entristece mais do que tudo.

Eu adoro tanto as florestas... Meu pai também adorava. A grama se move ao vento. Deus, o mundo é tão lindo!

No fim, Šára venceu. E todas aquelas afirmações de que não chegaríamos a lugar algum? Quantas vezes disseram que o fim estava próximo? Nossa viagem de dezesseis dias chegou a um fim. Os vagões estão abertos. Na parede à nossa frente está escrito em letras grandes e negras: MAUTHAUSEN.

*

Vi meu reflexo na vidraça da janela. E me assustei. Como uma pessoa pode mudar tanto em dezesseis dias? Estamos irreconhecíveis. Rostos emaciados,

olhos esbugalhados. Quem se importa? É

risível notar tais detalhes — aqui, em Mauthausen.

Eles nos levam, ou melhor, dirigem-nos pela estrada que atravessa a cidade. Pessoas espiam pelas janelas, crianças curiosas correm, acompanhando nosso trajeto. Quantos transportes passaram por esta estrada? Quantos suspiros, lágrimas e gotas de suor e de sangue molharam essa poeira?

Ontem, a essa hora, ainda estávamos na Boêmia. Eu vi as terras tchecas, ouvi o idioma tcheco.

Nunca mais verei nem ouvirei ambos. E ninguém jamais saberá que perecemos em Mauthausen.

*

Não consigo continuar. Não consigo me mover. Vou me deitar aqui — eles que atirem em mim.

O cobertor é tão pesado; sequer consigo carregar minha tigela. Se ao menos nos deixassem descansar por um momento, por um instante, apenas para recuperar o fôlego. Ou nos deixassem beber. Se pudéssemos beber na bomba na estação de trens, conseguiríamos continuar. A estrada sobe um morro cada vez mais íngreme. Eles nos levam a uma velocidade louca. Uma gota de água, um único gole... Não consigo continuar.

A estrada se estreita até se transformar numa trilha. Já devemos estar chegando. Só mais um pouco. Junto minhas últimas forças. Ali... O que é aquilo? Uma fonte, água correndo por uma encosta. Talvez seja um córrego, água da chuva, talvez um canal que transbordou. Não adianta pensar — rápido, Šára está na frente do grupo e o *Aufseher* se virou. Mais um gole, como é refrescante...

Surge um muro de pedra, torres, os portões do campo. Alguém sai vivo daqui?

*

Paramos para que eles pudessem fazer a contagem. Nossos últimos instantes ao ar livre. Em poucos minutos, cinco, talvez dez, aqueles portões enormes se

fecharão atrás de nós e aí...?

O sol poente bate em nossas costas e a grama verde ondula a uma leve brisa. Um besouro cruza a trilha e, um pouco adiante, uma borboleta pousa sobre uma flor. Eu nunca soube quanto amava este mundo. Quanto dele experimentei? Quinze anos; entre eles, três anos e meio num campo. E

agora, quando fiz tantos planos, agora, quando a vida pode realmente começar...

*

Partimos. O portão está escancarado e à espera. Agora separarão minha mãe e a mim. Talvez a gente vá direto para o gás. “Mãe, obrigada por tudo e, se algum dia você revir meu pai, e eu não, agradeça a ele por mim. Por tudo.” Mais um beijo e os portões nos engoliram. “Deus, não nos abandone...”

De um lado, um muro de pedra com arame farpado; em frente, uma construção de pedra ainda maior. Nos sentamos no chão enquanto os *Schupo* correm entre nós — a polícia estatal, em uniformes amarelos. Šára nos entregou às autoridades locais.

Recebemos café, uma tigela inteira, e podemos repetir quantas vezes quisermos. Bebo uma terceira porção; para onde vai a bebida? Sinto apenas minha língua ligeiramente úmida, mas por dentro nada, pó, secura. Talvez eu não tenha nada dentro de mim. Os *Schupo* distribuem cigarros e chocolate; conversam conosco, acalmam-nos, confortam-nos. Não seremos levadas para o gás? Não iremos trabalhar? Não cortarão nosso cabelo? Ficaremos juntas? Não, nada acontecerá com a gente;

não há para quem trabalhar. O front estará aqui em uma semana.

Por que a resposta irônica à menina que procurava sua irmã: “Sua irmã não existe; aqui estão as coisas dela.” Por que batiam com tanta crueldade nos prisioneiros quando passávamos pelos prédios?

Não quero esse chocolate; de qualquer maneira, foi roubado dos pacotes destinados aos prisioneiros.

Que fiquem com os cigarros. O que estão dizendo não é verdade. Estão mentindo, brincando com nossos medos, divertindo-se à nossa custa. Não

acredito neles.

*

Eles nos enfileiram em pares. Ganhamos café mais uma vez e... pão! Realmente, pão, uma porção inteira de trezentos gramas com vinte gramas de margarina. Pão, meu Deus, algo para morder após dezesseis dias, trezentos gramas para mim; posso comer de uma só vez. Já posso sentir como meus maxilares partirão e esmagarão os pedaços, as migalhas se derretendo em minha língua, o gosto amargo do pão. A fila se movimenta; em poucos minutos, poucos segundos, segurarei o pão nas mãos. Pão, um pedaço de pão!

Ganhei uma bela parte, a ponta. Então eles nos levaram para o outro lado, atrás do prédio. Os *Schupo* começaram a gritar e a bater em nós com açoites de muitas pontas: na frente, empurravam-nos para trás, onde não nos deixavam escapar. Correias, insultos, golpes. Confusão. Jogaram-me no chão, derramaram meu café e pisaram no pão. Minha mãe permaneceu atrás. Com medo de perdê-

la, chamo-a; ela me vê e avança, abrindo caminho; eles a derrubam e o pão desaparece entre a confusão.

Os *Schupo* se acalmaram; nós nos levantamos. As polonesas estão brigando, as húngaras discutem entre si, poças de café, cacos. Minha mãe chegou até mim, abandonando nossa trouxa (um pedaço de sabão, camisas, um paninho de limpeza, um pedaço do forro do casaco, um lenço, um pouco de sabão em pó — um bônus de Freiberg —, uma colher, uma xícara, meu lápis, um pedaço de papel).

E daí? Não precisaremos de nada; estamos em Mauthausen e isto é o fim. O fim da guerra pode não estar longe, mas, mesmo que demore apenas uma semana, nosso fim chegará antes.

Voltamos ao nosso lugar para esperar pelo banho — não pelo gás...? Divido minha margarina —

a única coisa que me resta na mão — com minha mãe.

*

Na verdade, não era gás e nos deixaram com nosso cabelo. Apenas um banho,

com água quente deliciosa e tempo para se lavar.

De quanto tempo eu precisaria para remover toda a sujeira? Não importa; o pior desceu pelo ralo e o principal é ter de novo essa sensação de limpeza. Tiramos nossas roupas antigas; só podemos manter os tamancos.

Eles distribuem roupas íntimas. Cuecas e camisetas masculinas. É tudo o que recebemos, mas ainda assim são roupas novas, nunca usadas. Finalmente estamos livres dos piolhos. E então... Não nos mandaram para o gás, não cortaram nosso cabelo, roupas íntimas limpas e comportamento decente. Então finalmente conseguimos?

*

Atravessamos o portão principal e a lama, subimos as escadas e aqui estamos. Nossos dentes estão tiritando, mas não importa: estão nos dividindo entre os prédios. Eles nos enfiam em beliches atulhados; três ou quatro pessoas em cada um. Algumas estão acordadas. Polonesas, húngaras, gregas, algumas tchecas. O restante dorme ininterruptamente. Ou são cadáveres? É impossível distinguir vivas e mortas: está escuro e as luzes não foram acesas. Veremos pela manhã. Desconfio que estamos na enfermaria.

Na entrada, empurraram uma tigela de sopa para cada uma. “Querem mais?”, perguntam eles.

Nós não entendemos. Investigamos o objeto: uma tigela cheia, o fundo quente. Um cheiro gostoso e um vapor quente penetram pelo nariz. Tomo a sopa enquanto ando. E o gosto é o tão conhecido de Auschwitz. Na época eu não gostava, mas hoje é esplêndido.

Alguém me puxa pela manga e entrega sua porção para mim. Obrigada; uma segunda porção desaparece instantaneamente em minhas entranhas. Minhas bochechas ardem, um calor gostoso percorre meu corpo, meus intestinos começam a funcionar, minhas pernas se fortalecem e tenho mais firmeza sobre elas. Não lamento meu pão perdido; estou com a barriga cheia e me animo.

Ninguém está nos assustando ou gritando conosco; o que isso significa?

Chega um grupo de homens: tchecos que nos trazem comida e procuram cobertores e lugares onde possamos dormir. Eles nos ajudam a subir nos beliches

e prometem mais ajuda; voltarão amanhã.

*

Nenhuma chamada, nada. Podemos fazer o que quisermos. Latas de comida vazias rolam pelo cubículo, embalagens de chocolate, caixas e papéis com o símbolo da Cruz Vermelha. Eu realmente não compreendo. O fim? Deus, agora posso finalmente olhar ao redor e ver onde estamos. Uma enfermaria, sem dúvida, mas em que estado! Ontem à noite estávamos cansadas e não nos importamos. Estávamos felizes com as roupas limpas e as cobertas. À noite tudo parece diferente. As camisetas estão limpas, é verdade, porém infestadas de piolhos. As cobertas nos mantiveram quentes, portanto não jogo a minha fora, embora tenha reconhecido durante a noite aquele cheiro repulsivo.

Uma enfermaria onde as únicas doenças são tifo e diarreia. Como poderiam ser os cobertores que prestaram serviço aqui por anos a fio...

Fedor, sujeira, piolhos, doentes e mortos. Homens ou mulheres? Idosos? Crianças? Já é dia, me enganei quando pensei que poderia distingui-los pela manhã. Eles não se mexem. A respiração, o único sinal de vida, é tão débil que mal consigo percebê-la em alguém na cama ao lado. Alguns ainda estão de pé, ou melhor, oscilando sobre os pés. Apáticos, sem falar, os olhos nebulosos e sem expressão. Bochechas, membros e partes do corpo afundados, cheios de machucados sujos; os ossos cobertos pela pele cinzenta e amarelada, picada por piolhos e coberta de bolhas causadas pela sujeira, desnutrição e deficiência de vitaminas.

A gente tem vontade de falar com eles, chamar sua atenção, alegrá-los, dizer, talvez, que já acabou (afinal, talvez tenha mesmo acabado), mas algo nos impede; quase se tem medo deles — sente-se que a Morte está passando diante de nossos olhos. (Esta deve ser sua aparência). Tentamos um

sorriso, mas não adianta; o olhar deles está fixo num ponto indefinido; sem notar nossa presença, eles se agarram e se apoiam nas cabeceiras, andando — não, flutuando — pelos beliches. Do lugar onde estão até a latrina e de volta.

Você quer colocar um sorriso no rosto dessas pessoas? Sua tola! Semanas, talvez meses, sem comida ou bebida. Sim, esse é o sistema final. Tortura física e espiritual virou lugar-comum e então

— o índice de mortalidade não era alto o suficiente —, aqui no *Krankenlager*, a ala dos enfermos, ao sabor de piolhos e dos bacilos de tifo, o que essas… pessoas?... passaram?

Sim, já foram pessoas um dia. Saudáveis, fortes, com vontade e pensamentos próprios, com sentimentos, interesses e amor. Amor pela vida, pelas coisas boas, pela beleza, com fé num amanhã melhor. O que resta são fantasmas, corpos, esqueletos sem almas.

*

Os tchecos estão aqui de novo, trazendo várias colheres, conforme prometeram, e pedaços de pão.

Eles passam um tempinho com a gente, procurando e perguntando por pessoas que conhecem.

Falamos sobre Praga, Brno, nossas casas, a vida nos campos, notícias vindas do front. Eles perguntam e respondem... “Há judeus aqui?” “Havia, dez dias atrás.” “E não há mais? O que aconteceu com eles?”

Eles não querem responder a essas perguntas. Passam por elas em silêncio ou com alguma desculpa, ou simplesmente dizem “Não perguntem”. Tudo bem, é o suficiente, sabemos o que aconteceu. “E mais uma coisa...” A resposta escorre deles, lentamente, mas sai. O que aconteceu aqui recentemente, em especial aos judeus, não pode ser revelado. Até nosso transporte era destinado às câmaras de gás! Eles mandaram para o gás os últimos mil judeus na quarta-feira e, então, a Cruz Vermelha chegou. Hoje é segunda-feira. Então chegamos quatro dias atrasados. Se não fosse aquela tentativa de ir para Flossenbürg... Foi o que nos salvou. Sorte? Coincidência?

Destino?

“Pratos para o jantar!” Não temos; nós os devolvemos ontem. Há latas e tigelas rolando sob os beliches. Provavelmente os doentes usaram-nas como bacias para se lavar ou talvez para outros propósitos. Não importa; afinal, no trem também tomamos banho e comemos no mesmo recipiente; vão servir.

*

Uma silhueta mantém-se sentada, imóvel, numa caixa virada colocada ao lado do forno. Observo-a desde a manhã e acho que ela estava sentada ali quando chegamos, ontem à noite. Um tempinho atrás, alguém jogou um cobertor sobre ela. Então, é isso... Por que ninguém a leva embora?!

Crianças passam correndo, um bebê chora um pouco mais ao longe. É aquele que nasceu no trem a caminho do campo.

*

Trouxeram uma pilha de roupas até a frente do prédio; são as nossas, supostamente desinfetadas.

Não encontramos as que estávamos usando, então mais uma vez pegamos as roupas de outra pessoa.

Não temos permissão para voltar ao prédio. Recebemos nosso jantar: legumes desidratados cozidos em água. Eles nos anotam no inventário, pela terceira vez hoje ou algo assim.

*

Andamos por uns trinta minutos. O campo está muito atrás de nós. Degraus, uma quantidade terrível de degraus. Há uma pedreira após a outra, aqui e ali encontramos prisioneiros. Estamos sendo transferidas para um campo feminino, dizem eles. E se for para o gás? Disseram que isso acabou, mas quem acredita nos alemães? Os tchecos confirmaram? Simplesmente não queriam nos assustar. “Mãe, nós iremos para o gás, você vai ver.” “Então iremos, e daí? O que eu posso fazer?”

Aí está uma resposta! Sei que sou impotente, mas posso realmente não me importar? Perecer agora, quando o fim pode chegar a qualquer dia, a qualquer hora? Gás! Gás? Não, estamos sendo transferidas para um campo feminino.

*

Não eram as câmaras de gás nem um campo feminino. Um enorme barracão de madeira na floresta, com uma placa: “Wienergraben”.86 Uma cerca de arame farpado, uma fila de torneiras com água corrente, uma tina abaixo dela e uma

latrina por perto. Dentro, catres e lama. Mulheres russas moram aqui; as guardas são ciganas.

Deitamos quatro em cada catre espremido no corredor. Houve uma chamada com duas horas de duração esta manhã; desde então não tivemos autorização para nos mexer ou as ciganas chegam imediatamente com cassetetes e chicotes. As russas estão trabalhando; elas cavam estradas em algum lugar. Não nos deram nada no final do dia; houve uma escassa quantidade de 250 ml de café para duas pessoas como café da manhã e meio litro de sopa para o jantar.

1o de maio de 1945

Segundo dia no campo cigano. Segundo dia sem pão, com 250 ml de café e a mesma quantidade de sopa. Longas chamadas matinais no frio e na lama. Meus tamancos têm tantos buracos que estou praticamente descalça, com água dentro deles. Xingamentos, cacetadas.

*

São três horas da tarde. Ainda não tivemos o que comer. Mal consigo ajudar minha mãe a chegar à chamada matinal e depois levá-la à latrina. Ela se deita; para ela, tanto faz. Implorei algumas cascas de batata às russas e preparei uma sopa. Minha mãe passou mal; juntei um pouco de grama à sopa, que pode ter sido venenosa. Os *Schupo* estão distribuindo cigarros. Consegui três. Ontem as russas trocavam batatas por cigarros. Elas trazem as batatas de fora do campo; provavelmente trabalham perto de uma plantação. Duas batatas por um cigarro.

Talvez troquem hoje novamente. Três cigarros são seis batatas, que poderiam salvar minha mãe.

Se ao menos elas chegassem logo; minha mãe está tão doente... Talvez... Não quero nem pensar.

Não estão aceitando novos doentes na clínica. Estou impotente. Estou desesperada.

*

Então é 1o de maio. O dia que foi motivo de expectativa e de esperança. Podem-

se ouvir estrondos ao longe, provavelmente ocorrem nas pedreiras. E, para completar, esses piolhos repugnantes.

Sempre que verifico, encontro pelo menos vinte. Não me lavei desde que cheguei aqui. Não tenho força. Estou contente por conseguir me manter de pé.

Ouve-se o ruído do caldeirão; trouxeram sopa. Duzentos e cinquenta mililitros por pessoa. Essa é nossa comemoração de 1o de maio. Não acredito em nada. Mundo, eu me despeço.

5 de maio de 1945

Início da manhã. Sento-me atrás do prédio, ao lado da fogueira, e espero que uma russa jogue fora uma casca de batata. Elas não querem nos dar as cascas, que guardam e cozinham para si. Não trabalham desde quinta-feira e não têm mais batatas. Naquele dia, chegaram muito contentes, dizendo que não precisavam trabalhar porque tudo terminaria. Nós comemoramos com elas —

mas, como se viu, cedo demais.

Ouvimos os tiros todas as noites; teoricamente já estão em Linz, a 27 quilômetros daqui. Ah, se fosse verdade... Durante toda a semana, tivemos apenas setenta gramas de pão. Os ciganos são piores do que os alemães. Eles batem em nós, nos xingam, ameaçam fazer chamadas que duram o dia todo e roubam metade, se não tudo, do pouco de comida que recebemos.

*

Minha mãe está mais fraca a cada dia. Um tempinho atrás, levei-a para tomar ar fresco, porém ela ficou tão tonta que não conseguiu voltar. Ela já estava enfraquecida em Freiberg; a viagem de dezesseis dias piorou as coisas e agora ela está há uma semana sem comida. Estou muito assustada.

Também tenho uma aparência horrorosa, é verdade, mas ao menos me sinto forte; posso aguentar mais um mês. Preciso aguentar! Eu quero viver, quero voltar para casa. Deus, tenha misericórdia, dê à minha mãe força suficiente para que ela também nos veja libertadas.

*

Final da manhã. Há montes de alemães por aqui: os *Schupo, Posteners, Aufsehers*. Estão procurando roupas civis. Os ciganos empacotam suas coisas; veículos cheios de bagagem passam pela floresta. As explosões ontem à noite foram muito fortes e fizeram o prédio tremer várias vezes; agora os alemães estão fugindo. Na verdade, houve desaparecimentos individuais desde quinta-feira. Estou voltando a acreditar.

*

Meio-dia

A cabine de guarda em frente à entrada está vazia. Os *Schupo* não passeiam de fronte ao prédio como de costume; os ciganos foram embora. Para onde? Ainda estavam aqui trinta minutos atrás.

Me empurraram com grosseria quando tentei pegar tamancos novos na pilha para substituir os meus, quebrados. (Ainda assim, consegui roubar um par.)

O que está acontecendo?

Começaram a distribuir sopa. Hoje teremos um pouco para comer: tenho algumas cascas de batata cozidas em água e sal — uma russa me deu um pouco de sal.

O que está acontecendo? Interromperam a distribuição da sopa. Todos os que estão perto da entrada se levantam, correm para fora e se abraçam. Por que não param com essas brincadeiras e distribuem a comida? Isso é o mais importante. Minha mãe está doente, esperando um pouco daquela água — um pouquinho de sua força sempre volta depois de comer.

As pessoas estão se reunindo; os gritos de júbilo chegam até nós. Mais alguns *bonkes*, boatos como aqueles que as russas trouxeram? Como rapidamente minhas cascas e tento escutar.

Consigo captar vozes individuais na gritaria. Estou ouvindo bem? Largo minha tigela inacabada e corro para fora do campo. As vozes crescem, unindo-se num tom. “Paz, paz, paz!!!” é o que voa de boca em boca através de todo o prédio. Paro em frente ao portão. Todos têm o olhar fixo no alto; viro a cabeça naquela direção. O que estou vendo? Estou sonhando? Posso mesmo acreditar? Será que

é verdade?

Não estou dormindo, estou acordada. Estou parada atrás do arame farpado de um campo cigano e no alto, na torre de Mauthausen, tremula uma bandeira branca! Uma bandeira de paz.

Mauthausen capitulou; a paz chegou a nós. “PAZ”, repito para mim, e cada nervo em meu corpo treme sob essa palavra como uma corda. Minhas pernas irrompem numa corrida. Enlameada, usando apenas meias, da mesma maneira que havia corrido para fora, chego ao nosso espaço. Minha mãe se levanta — onde ela encontrou força? Penduro-me no pescoço dela e, entre beijos, extravaso, com júbilo, a palavra com que sonhamos há anos. A palavra que acalentamos nos recantos mais secretos de nosso ser e que temíamos pronunciar em voz alta. Aquela palavra sagrada, que contém tantas coisas lindas e inacreditáveis: liberdade, liberdade. O fim da tirania, do sofrimento, da escravidão, da fome. Hoje posso pronunciá-la em público, sem medo; hoje ela se tornou realidade.

As vozes ressoam e as pessoas repetem-na como num êxtase febril: PAZ, PAZ, PAZ... Parece que todos cantam comigo. Os bosques, a natureza e o prédio estão mais calorosos; sinto vontade de dançar, de rodopiar. Nós conseguimos! Sobrevivemos à guerra! A PAZ ESTÁ AQUI.

Noite, 21 de maio de 1945

Dezesseis dias após a libertação, doze dias após o fim da guerra.

Em roupas limpas, costuradas à mão usando as colchas dos SS, com a barriga cheia, num trem local de segunda classe. O último guincho dos freios antes que o alto-falante anuncie por toda a



plataforma: “O trem de Mauthausen está partindo na linha três!”

*

A plataforma da estação Wilson. O relógio mostra quinze para as duas. Estou parada junto à janela; lágrimas grandes e quentes rolam por minha face. Lágrimas de alegria e de felicidade. Finalmente: Praga, a cidade pela qual ansiávamos.

Finalmente estamos em casa.

Crianças assistem a uma apresentação do lado de fora de uma das residências montadas para jovens desabrigados na Tchecoslováquia, depois da guerra, 1945-1947.

Entrevista com Helga Weiss

Neil Bermel conversou com Helga em seu apartamento, em Praga, em 1o de dezembro de 2011.

Há, aqui, uma versão editada da conversa, traduzida do tcheco. Acréscimos e esclarecimentos feitos pelo tradutor e pelo editor aparecem entre colchetes.

Você pode nos contar algo sobre seus pais: seus nomes, o que faziam, como eram antes da guerra? No diário sabemos apenas que eram

“mamãe” e “papai”...

Meu pai se chamava Otto Weiss; ele era muito culto, adorava música e escrevia poesias. Trabalhava como bancário. Na Primeira Guerra Mundial, aos dezoito anos, foi gravemente ferido no braço direito. Minha mãe, Irena, nascida Fuchsová, era costureira; ela ficava em casa e cuidava do lar. Não éramos ricos, mas meus pais criaram um lar cheio de amor. Tive uma infância feliz.

Qual foi o destino de seus amigos, conhecidos, parentes?

De forma geral, as coisas terminaram mal. É triste... Meu pai provavelmente foi para as câmaras de gás. Porém nunca descobrimos exatamente o que aconteceu. Há um livro, *The Terezín Memory Book* [O

livro de memórias de Terezín], em que foram registrados brevemente alguns detalhes sobre as pessoas. Há as datas em que foram mandadas para Terezín e enviadas adiante e, se for conhecido, o campo de concentração de destino. A última menção sobre meu pai é a data em que ele deixou Terezín. É seu último vestígio.

Mesmo com todos aqueles relatórios, listas de presença e assim por diante...?

Procuramos por toda parte, analisamos todos esses documentos, perguntamos às pessoas que voltaram de diversos campos se o tinham visto. Não há vestígio. Provavelmente ele foi mandado do trem para as câmaras de gás. Papai tinha 46 anos, e o fato de usar óculos pode ter sido um motivo

— era um sinal da *intelligentsia*, que era liquidada antes —, ou ter uma cicatriz no braço por causa do ferimento ocorrido na Primeira Guerra. Então podem ter sido duas razões: os óculos e a cicatriz.

Eles não precisavam de razões, precisavam?

E por isso, muito provavelmente, ele foi mandado direto para as câmaras de gás.

E Ota?

Não sei nada sobre Ota. Depois da guerra, visitei sua irmã; ele tinha me dado o endereço. Ela tinha um casamento miscigenado e até teve um filho durante a guerra. Fui vê-la, mas não o encontrei em lugar algum. Finalmente achei seu nome; está escrito aqui em Praga. Está na velha sinagoga Pinkas, que agora é um memorial. As paredes estão cobertas com os nomes das noventa mil pessoas que pereceram. Achei seu nome inscrito ali.

E acho que você escreveu que Francka...

Francka não voltou.

Você escreveu que, entre as quinze mil crianças que passaram por Terezín, cerca de cem sobreviveram...

É verdade. Entre as que saíram de Terezín, apenas poucas foram salvas; eram crianças mestiças, filhos de casamentos miscigenados. É interessante: não sei por quê, mas meninos eram enviados adiante [para outros campos], enquanto as meninas, de alguma maneira, conseguiam ficar em Terezín, de modo que algumas sobreviveram.

Então, de todo o seu grupo...?

Bem, agora somos poucas.

Eu gostaria de saber como vocês viviam em Terezín...

Terezín era uma cidade normal, uma cidade militar com uma porção de quartéis. E, em volta deles, vivia a população civil. Quando começaram os transportes, em novembro de 1941, os civis ainda moravam lá. Assim, vivíamos em alojamentos nos quartéis. Eram dormitórios enormes, onde podiam morar sessenta ou cem pessoas. Mas a quantidade de gente continuou aumentando. Terezín originalmente poderia abrigar mais ou menos sete mil habitantes, incluindo os soldados, e de repente éramos sessenta mil. Após alguns meses, a população civil precisou sair dos alojamentos; eles nos dividiram e passamos a morar em qualquer lugar, até nas casas de civis. É claro que não era uma designação de apartamento para nós; eram uns quartos onde morávamos da mesma maneira. Cada pessoa tinha um espaço de 1,80 metro quadrado. E as pessoas lotavam os alojamentos. Algumas ficaram nos quartéis, outras foram mandadas para blocos de habitação; depois moraram em galpões, em lojas antigas e em vários depósitos — em qualquer lugar, basicamente.

É verdade que alguns habitantes achavam que eram de algum modo melhores que os outros?

Sim, é claro, tais castas existiam em certa medida. Primeiro, havia o *Ältestenrat* [o Conselho de Anciãos]. Esse era nosso corpo autogovernante. Eles compunham o nível mais alto da sociedade e, sim — talvez eu tenha mencionado em algum lugar —, alguns se mostravam um tanto arrogantes.

O primeiro transporte aconteceu em 24 de novembro [1941] e o segundo, alguns dias depois. E

eram todos homens; eram chamados de AK, sigla retirada da palavra alemã *Aufbaukommando*, esquadrão de construção. Eles foram preparar o gueto. Receberam certos benefícios e, por algum tempo, foram protegidos de deportações. Porque diziam: “Nós construímos tudo aqui” e “Nós dormimos no concreto”. Implicando que: “Vocês têm algo melhor em que dormir.” Então era esse o *Ältestenrat* e as gradações desciam a partir deles.

No que se refere às acomodações, uma das melhores ações do *Ältestenrat* foi tentar proteger as crianças, na medida possível, de condições difíceis. Então identificaram os prédios adequados e estabeleceram lares infantis. Assim, havia um lar para crianças e até outro, para mães com filhos pequenos, recém-nascidos, porque algumas crianças nasceram lá. Era o *Säuglingsheim* — de *Säugling*, bebê. Aí havia o *Kinderheim*, para crianças menores, e dois lares, um para meninos e outro para meninas: *Knabenheim* e *Mädchenheim*. Eu morei no *Mädchenheim*. Era para meninas entre dez e dezessete

anos, mais ou menos. E havia o *Lehrlingsheim*, para adolescentes, onde éramos cuidados por *Betreuers.*

Por isso seu pai insistiu tanto que você se mudasse para o lar das meninas?

Sim, é claro, porque ali as coisas eram melhores. As condições eram quase as mesmas dos adultos.

Tínhamos apenas 1,80 metro quadrado de espaço para morar, um beliche, mas obviamente era melhor e mais fácil estar entre crianças do que viver com os mais idosos, pessoas doentes e nervosas, onde havia muitos desentendimentos, mortes e... Bem, era melhor que as crianças morassem em um lugar separado.

Sempre que vocês eram convocados para a deportação, em Terezín, precisavam encontrar imediatamente uma maneira para invalidar o aviso de convocação. Como isso funcionava?

É claro; o medo de ser designado para um transporte nos acompanhava e todos procuravam evitá-

lo. Então, quando se viam num transporte, as pessoas tentavam conseguir um remanejamento.

Uma desculpa, por exemplo, eram as doenças infecciosas. Os alemães tinham um medo terrível de que as pessoas espalhassem infecções. Então, se alguém pegava, sei lá, escarlatina ou algo parecido, pelo menos naquele momento estaria protegido da deportação, junto com sua família.

Mais tarde, as pessoas começaram a apelar para seus patrões em vários departamentos, argumentando que o trabalho que faziam era indispensável. E, se realmente fosse indispensável, eles as deixavam ficar. Por exemplo, havia um alemão em Terezín, chamado Kursavy, que supervisionava um grupo de mulheres na lavoura. E ele de fato as protegia. Às vezes acontecia de, não sei, a mãe de uma das mulheres estar num transporte, então a filha se apresentava como voluntária para acompanhá-la e eles recusavam. Porque a gente não sabia o que teria pela frente, apenas que seria algo pior. Mas eles sabiam e não deixavam que elas fossem. Acho que ele até permitiu que ela salvasse sua mãe. Esse foi um dos remanejamentos de que falei.

Mas vocês sentiam que algo acontecia nesses outros campos e que, no mínimo, seria pior.

Nós sabíamos que seria pior, mas não tínhamos a menor ideia de para onde os transportes iriam.

Sabíamos, sim, em certa medida, que existiam campos de concentração — eles existiam antes da guerra, na Alemanha. Mas não tínhamos a mínima ideia de que seríamos mandados para outros campos, da existência das câmaras de gás e dos trens da morte.

Pelo menos este era o caso quando ainda estavam em Terezín. Porque em Auschwitz...

Mas só ficamos sabendo ao chegar lá.

Mas vocês deviam saber, em Birkenau, porque os guardas faziam ameaças diretas...

Nós sabíamos, sim, porque nos mostraram as chaminés ao fundo quando chegamos, que pensávamos ser algum tipo de fábrica, e nos disseram que era um crematório. E havia um humor negro, por exemplo: “A fuligem subirá pela chaminé amanhã e acabou para você.” Então descobrimos sobre as câmaras de gás quando chegamos.

Essa constante ameaça de deportação, em Terezín, devia afetá-los de alguma forma.

É claro que sim. Algumas pessoas em posições mais elevadas certamente sabiam o que estava por vir.

Porque houve um ou dois prisioneiros, Vrba e Lederer, que saíram de Auschwitz e trouxeram uma mensagem, uma advertência. A mensagem chegou à Inglaterra, creio que até Churchill, e aos Estados Unidos. Ninguém acreditou. Ninguém, em nada. Ou não acreditaram ou não ergueriam um dedo. E creio que os líderes do gueto que sabiam não nos contaram porque o pânico teria irrompido.

Provavelmente o único que disse que iria nos contar, e que aquilo não aconteceria ali, foi Jakob Edelstein.87 Os líderes precisavam buscar suas ordens na *Kommandatur* alemã, um prédio em Terezín

— atualmente é um banco —, e embaixo dele havia um *bunker*, que era a prisão. Edelstein foi ao lugar buscar uma ordem, disse-lhes que contaria às pessoas sobre aquilo e nunca o deixaram sair. Ele ficou no *bunker* e então partiu num transporte de prisioneiros. Na verdade, foi um trem comum de deportação ao qual adicionaram um vagão especial com um aviso, dizendo que era para prisioneiros. Ao chegar, essas pessoas foram imediatamente liquidadas. Sabe-se que, no momento em que chegaram, mataram a esposa e o filho de Edelstein na sua frente e então o assassinaram.

Você descreveu esses acontecimentos quando criança. Na época, certamente lhe pareceu uma confusão sem sentido, mas é preciso que tenha existido um planejamento rigoroso.

De fato parecia uma confusão à primeira vista, porém era uma operação extremamente bem elaborada. Ela foi planejada do princípio ao fim, começando com pequenos decretos e até aquela liquidação final.

O que a levou a começar um diário?

Bem, os fatos eram tais que comecei a anotá-los; pensei que seria importante que fossem registrados.

E consegue se lembrar de algum impulso específico, um acontecimento?

No começo, não... É claro que sempre acompanhei a situação política. Meu pai era bastante ativo, então algumas pessoas estavam acostumadas a se reunir em nossa casa e debater — e eu escutava tudo. Lembro que uma vez eles se esqueceram de mencionar algo para mim e fiquei muito ofendida; por que não tinham me contado? Então acredito que compreendia bastante a situação —

de minha maneira, talvez, mas compreendia. E aí comecei a anotar as coisas.

Para quem escrevia? Para si mesma?

Eu escrevia para mim e não creio que tivesse algum plano especial. Bem, talvez tivesse, talvez não; não sei. Também desenhava. Desenhava para mim, embora talvez também estivesse pensando — só um pouquinho, se eu tentar refazer minha cadeia de pensamentos na época e se conseguir colocá-los em ordem — sobre o fato de que aquilo precisava ser registrado. Eu escrevia para mim, mas talvez houvesse um bocadinho [dessa ideia] em algum lugar.

Muitas crianças mantinham diários?

Sim, acho que muitas. Em Terezín, um monte de gente fazia isso; e não apenas crianças, adultos também, porque todos precisavam se entender com a situação e começaram a escrever. Escreviam

também poemas — pessoas que nunca tinham feito isso antes e queriam participar da vida cultural

[do campo]. Então há uma série desses diários por aí.

Alguns acontecimentos do seu relato foram originalmente escritos como uma

retrospectiva, porém, às vezes, você muda para um estilo de narrativa mais imediato, dando a impressão de descrever as coisas quase no mesmo momento em que acontecem. Em que ponto aproximado dos cadernos essa postura retrospectiva termina e esse ponto de vista mais imediato começa?

Comecei a escrever meu diário em Praga; usei o tempo verbal passado nas primeiras páginas, nas quais descrevo a mobilização em 24 de setembro de 1938 e a ocupação em 15 de março de 1939.

Então há mais oito páginas no passado e gradualmente passei para o presente. Mudei o início para o tempo presente pouco depois da guerra, quando estava escrevendo minhas experiências nos outros campos de concentração. Na época, eu queria que o diário formasse um todo coeso — um testemunho daqueles tempos. Fiz o mesmo com meus desenhos: em Terezín também pintei um acontecimento que ocorreu antes de nossa deportação [*Lista de bens*, acesse aqui].

Na parte que escreveu após o retorno a Praga, você continua a narrar os fatos como se tivessem acontecido naquele instante.

Na época, eu já pensava sobre o fato de que precisava anotar tudo cronologicamente e estava escrevendo pouco depois da guerra, provavelmente ainda em 1945 ou, no mais tardar, em 1946. E

eu ainda estava tão imersa naqueles acontecimentos que posso dizer que era como se eu escrevesse enquanto os vivia. Foi proposital: usei o tempo presente mesmo quando escrevi depois.

E isso estava relacionado à forma como você havia escrito antes, que sempre fora dessa maneira, enquanto as coisas aconteciam?

Bem, retomei no ponto onde havia parado [aos catorze anos]. E da mesma maneira. Quando voltei a Praga [vinda dos campos], eu tinha quinze anos. Então não era uma diferença de idade tão grande, mas penso que psicologicamente eu já estava muito além.

Então faria sentido reescrever no tempo passado agora ou não?

Não, creio que é mais efetivo no presente. E passei por tudo de novo quando escrevi. Ainda hoje, convidam os poucos que voltaram para visitar várias escolas

e participar de encontros para falar sobre suas experiências. Acho que é exaustivo; fisicamente, é claro, mas psicologicamente também.

Porque, enquanto falo, me vejo revivendo tudo, ainda estou naquilo. Então, ainda acontece no tempo presente, mesmo que seja o passado. E ainda é tão vívido quanto antes.

Quando releu seu diário, ao preparar os originais para publicação, alguma ausência a surpreendeu? Quero dizer, coisas que eram tão evidentes que sequer lhe ocorreu descrevê-las?

Acho que anotei a maior parte dos acontecimentos principais. Houve uma ou duas coisas, talvez, que mencionei e que disse a mim mesma que poderiam ter sido um pouco mais longas, então acrescentei uma palavra ou um termo aqui e ali. Mas basicamente acho que anotei todas as coisas fundamentais. Quando o li recentemente, depois de todos esses anos, até notei alguns eventos que eu havia esquecido. É claro que no diário usei várias gírias de Terezín, que hoje em dia ninguém iria entender, e precisaria de explicações.

Uma gíria muito específica de Terezín é šlojska .

A palavra *šlojska* vem da palavra alemã *Schleuse,* que significa canalizar. Quando um transporte de pessoas chegava ou partia de Terezín, as pessoas precisavam ser canalizadas através de um lugar —

em outras palavras, um desvio —, onde confiscavam itens variados de sua bagagem, que não deveriam estar ali. A atividade se tornou um verbo: *šlojzovat*, "desviar". Então ela tem dois significados: um substantivo, o desvio como lugar, ou um verbo, que significa "surrupiar". E, em Terezín, havia uma enorme diferença entre roubar e "desviar". "Desviava-se" da propriedade comum, como os legumes que pegávamos durante o trabalho nos campos, o que era proibido. É

claro que pegar algo que pertencesse a alguém em particular, guardado em sua bolsa ou em sua prateleira, era roubar. Praticamente não havia roubos, pelo menos não lembro que algo parecido tenha acontecido em nosso lar de crianças. E acho que não existia mesmo, porém "desviava-se" em quantidades enormes.

Você também escreveu sobre a ajuda na Schleuse .

Tenho até dois quadros. Um é a lápis, acho que foi uma chegada. E tenho outro,

chamado *O “desvio”*

no pátio [ver encarte]. As pessoas eram canalizadas para vários lugares através do “desvio”, sendo aquele do pátio um deles. Algumas que embarcavam eram velhas e doentes, então serviços eram providenciados. Até nos oferecíamos como voluntárias e ajudávamos os velhos, conduzindo-os, levando a bagagem e assim por diante. Essa era a ajuda na *Schleuse*.

Mais alguns pontos específicos sobre Terezín: por exemplo, a presença diária.

Todos os dias era feita uma lista mostrando a quantidade de pessoas. Todos os dias o *Zimmerälteste*

[ancião do quarto] fazia um relatório, que entregava ao próximo e era passado adiante. E esses relatórios eram levados diariamente para a *Kommandatur* alemã. Assim, eles sempre tinham uma perspectiva geral e sabiam se alguém havia desaparecido. Constantemente precisavam anunciar quantas pessoas havia e quantas tinham morrido. E a lista precisava bater. Diariamente. E a cada dia a *Tagesbefehl* voltava da *Kommandatur*; essas eram as ordens diárias.

E a chamada, que acontecia com mais frequência nos outros campos...

Em Terezín não havia chamada, mas em Auschwitz e em outros campos, sim, e ali eles nos contavam. Fisicamente. Não bastava simplesmente escrever alguma coisa, e acho que nem sempre o objetivo era apenas nos contar, porque isso poderia ser feito mais depressa. Durante as chamadas, ficávamos de pé por horas. Horas no frio, na chuva, na neve — era sempre em algum lugar aberto, onde nos reuníamos em grupos de cinco enquanto nos contavam e recontavam. Constantemente.

Então tinha um objetivo psicológico...

Também, ou nos destruir fisicamente. Você ficava de pé, sem comida, no frio ou no calor, sem ir ao banheiro. E eles nos contavam. Essa era a chamada.

Você também teve contato com pessoas de várias nacionalidades nos campos — tchecos, poloneses, alemães...

Em Terezín, os judeus eram basicamente tchecos e, depois, pessoas da Alemanha, Holanda, Dinamarca e Hungria foram deportadas para lá. Então

podíamos encontrá-las, mas de forma geral cada nacionalidade se mantinha unida e fechada em grupo. Por exemplo, éramos todas tchecas em nosso lar de meninas. Aí havia outro lar, onde moravam as crianças alemãs.

Você pode explicar alguns termos empregados para pessoas? Por exemplo, em Terezín notei Betreuer, Heimleiter, betreuerka...

Exatamente. Como se tratava de assuntos oficiais, a língua era o alemão. E, assim, todos os anúncios e ordens trazidos diariamente da *Kommandatur* também eram em alemão. É claro que passamos essas formas para tcheco, porque o alemão correto seria *Betreuer/Betreuerin*, um encarregado homem ou mulher, mas não usávamos essas palavras; em vez disso, havia termos meio tchecos, como *betreuerka*. A terminação da palavra é tcheca.

Como eram as coisas no campo em Terezín?

Em Terezín, todas as ordens vinham dos alemães; o chefe era um *Lagerkommandant* e havia outros que o obedeciam. Eles podiam fazer verificações a qualquer hora. Nunca sabíamos quando seriam. Mas a manutenção da ordem interna era dividida. Havia guardas tchecos que nos observavam; de maneira geral, eram decentes e em muitos casos tentaram nos auxiliar. Por exemplo, ajudavam a contrabandear cartas ou pacotes para fora do campo e, por essa boa vontade, é claro, muitos pagaram com suas vidas. Então, esses eram os tchecos encarregados de vigiar todos os portões de entrada. Quando saíamos para trabalhar, eles revistavam nossos bolsos e nos recontavam — quantos partiram, quantos chegaram —; essa era sua função. E havia outros elementos, porque em Terezín se estabeleceu algo que se chamava autogovernança. Pelos judeus.

Então os Betreuers *, os* Heimleiters *, eram todos...*

Eram parte do corpo autogovernante judaico. E, no nível mais local, a ordem era mantida pela *Ghettowache*.

Sim, que vocês chamavam de get’áci *. E também eram judeus.*

Sim, é claro. *Ghettowache*, abreviado em tcheco para *get’áci*. É mais uma gíria de Terezín, é preciso que você entenda. A *Ghettowache* não tinha exatamente uniforme, e sim bonés — arredondados, pretos e com uma tira amarela —, um cinturão e uma correia. Eu desenhei várias figuras [ver *Crianças vão para as*

aulas no encarte].

Você pode me contar um pouco sobre o que aconteceu depois da guerra?

Por um bom tempo não houve interesse por esses acontecimentos. As pessoas pensavam: a guerra acabou e está tudo bem. É claro que não estava, de jeito nenhum, e essa é outra época que precisa ser registrada; só recentemente as pessoas começaram a perguntar o que aconteceu quando a guerra terminou. Minha mãe e eu retornamos de Mauthausen em 29 de maio [de 1945]. Chegamos no meio da noite, nos deixaram dormir em algum lugar e, pela manhã, disseram: "Vocês estão livres,

vão para casa." E não havia para onde ir. E foi assim que começou.

E como encontraram um lugar para viver?

Não tínhamos para onde ir. Assim, em primeiro lugar, procuramos nossos velhos vizinhos, que moravam no apartamento ao lado e que se comportaram muito decentemente conosco mesmo durante a guerra. E esse era o endereço — creio que todas as famílias judias fizeram o mesmo —

onde dissemos uns aos outros que nos encontraríamos depois da guerra. Então fomos até eles. O

sobrenome deles era Pěchoč. É claro que nos convidaram a entrar, nos receberam, nos deixaram dormir em suas camas de plumas e nos deram café com leite e pãezinhos para o desjejum na manhã seguinte. Estávamos tão fracas que não conseguíamos comer muito. Às vezes as pessoas davam uma refeição enorme aos que retornavam e isso lhes custava a vida. Eles anunciaram isso no rádio, por toda parte, para que as pessoas soubessem que não deveriam fazê-lo.

O interessante é que sobrevivemos a tudo e que o corpo aguentou o que precisou aguentar enquanto houve necessidade. No entanto, quando tudo acabou, ele simplesmente cedeu: pegamos uma febre em um dia. Em todos os lugares havia anúncios dizendo que as pessoas que retornavam dos campos estavam com tifo, de modo que nos levaram para o pavilhão de tratamento dessa doença. Por isso fui tratada contra o tifo. Aquela família tinha uma mercearia, então lhes causamos uma porção de inconveniências, porque foram obrigados a desinfetar tudo quando fomos embora, a loja e assim por diante.

Fui liberada do hospital antes da minha mãe. Não quis incomodar a família Pěchoč, mas eu não tinha aonde ir. Nós88 literalmente percorríamos as ruas procurando um lugar para dormir. Havia alguns abrigos onde nos deixavam passar a noite, uma noite apenas, não sei por quê. Então, saíamos todas as manhãs e tentávamos encontrar um lugar para dormir na noite seguinte. Várias organizações de caridade preparavam refeições para as pessoas em certos lugares, então íamos à estação Wilson pela manhã, onde faziam café e nos davam um pouco de pão ou outro alimento. E

carregávamos a comida nas mãos — não tínhamos sacola, dinheiro, nada. Ao meio-dia, havia sopa em algum outro lugar, então íamos até lá e dormíamos num dos abrigos.

Portanto, o começo foi muito difícil. Aí liberaram mamãe e houve outro abrigo, onde moramos por uma semana, mais ou menos. Então começamos a procurar um apartamento, o que foi complicado.

Era o apartamento que deixei para ir a Terezín; eu nasci nele. O apartamento que deixamos quando fomos deportados. Quando os judeus os abandonavam, os apartamentos eram esvaziados; retiravam tudo o que houvesse, punham em vários depósitos e alugavam o lugar para um alemão. E

esse alemão ia até os depósitos e requisitava uma mobília. Foi então um alemão que morou aqui durante a guerra; seu nome era Otto Werner. A única coisa que sobrou no apartamento [quando ele foi embora] foi uma placa de bronze com o nome dele, como aquelas que se prende na porta: ele chegou a retirá-la, mas a placa ficou no apartamento. Naqueles dias revolucionários [em maio de 1945], ele fugiu — ouvi dizer que partiu numa bicicleta — e entregou as chaves para o administrador do prédio; ao menos foi decente o bastante para tal. E os outros moradores estavam muito curiosos: provavelmente pensaram que tudo pertencia aos alemães, então se juntaram no

apartamento e levaram o que puderam e... Bem, foi complicado.

No final, vocês recuperaram o apartamento.

Recuperamos o apartamento em algum momento daquele verão; estávamos em algum lugar, numa instituição de convalescença. Voltei às aulas em setembro. Eu tinha quinze anos e minha última educação escolar fora o quinto ano da escola primária.

E então você passou para o ensino médio acadêmico, o gymnázium ...

Comecei no quarto ano da escola secundária, a *kvarta*. Deveria ter entrado na *kvinta*, o quinto ano, mas voltei um ano e fiz o exame de admissão tardiamente.89

E de lá foi para...

Bem, eu queria pintar. Então me transferi para uma escola de ensino médio diferente, era uma escola de design gráfico, uma escola técnica. As matérias eram de natureza técnica e eu lamentava não ter uma educação mais ampla. Então frequentava essa escola durante o dia e cursava o *gymnázium* como aluna externa. Depois de quatro anos, fiz dois conjuntos de exames de conclusão: na escola de design gráfico e no ensino médio.

E então resolveu seguir carreira na pintura?

Resolvi que essa seria minha profissão, então fiz o exame de admissão para a Academia de Artes, Arquitetura e Design [em Praga]. Nem isso foi tão simples.

Conte-me sobre quando recebeu seu diário.

Sim, eu tive sorte, porque meu tio tinha a única profissão indispensável em Terezín: ele trabalhava no departamento de registros. Assim, tinha acesso a todos os documentos, que escondeu, e, após a guerra, ele e o Dr. Lagus publicaram um livro sobre esse material. Acho que é uma das melhores publicações sobre Terezín, porque ele retirou todos os fatos daqueles papéis. Mesmo hoje, quando preciso verificar algo, encontro nesse livro. Chama-se *Město za mřížemi* [Cidade atrás de barras].90

Ele escondeu tudo e, como eu sabia que coisas piores estavam por vir, felizmente não levei meu diário ou meus desenhos comigo. Antes de partir para Auschwitz, entreguei a ele. E ele os escondeu com seus documentos; guardou-os numa parede de tijolos no alojamento Magdeburgo.

Foi sua ocupação que o protegeu. Ele também conseguiu proteger a esposa. Depois da guerra, ele voltou [a Terezín] e sabia onde os papéis estavam escondidos. Então os retirou e trouxe o diário para mim.

E qual foi o destino do diário? Àquela altura, você recebeu seus papéis e

desenhos. O que aconteceu com eles?

O que aconteceu? Nada de mais. Vez ou outra era publicado um artigo em algum lugar. Creio que disse a eles, no Museu [Judaico de Praga], que eu tinha o diário. Parte dele foi publicada em inglês.91

E também em 1960, ou por aí, houve uma editora, Naše Vojsko [Nossas Forças Armadas], que publicou um livro chamado *Deníky dětí* [Diários infantis]. Um pedacinho de meu diário foi publicado

ali, em tcheco. Porém foi fortemente editado, resumido — talvez eu mesma tenha feito aquilo, porque sabia que se publicaria apenas um pedaço, então o reduzi.

Qual era, em geral, a atitude na Tchecoslováquia do pós-guerra em relação aos judeus e às suas experiências na guerra?

Bem, isso variava, é óbvio. Em primeiro lugar, ninguém imaginava que a gente voltaria. E, quando voltamos, foi uma surpresa. Nós deixamos as pessoas desorientadas. Elas diziam: “Uau, então vocês voltaram? Quem iria imaginar?” E: “Que pena que seu pai não tenha voltado.” Eram as reações delas. E aí diziam: “Não pensem que foi fácil para nós; também passamos fome.” E nos contavam histórias que pareciam completamente ridículas, porque a fome que sofreram não era nada comparado ao que passamos, e suas dificuldades eram risíveis.

Ninguém estava muito interessado. Havíamos escondido algumas coisas com essas pessoas.

Pudemos levar apenas cinquenta quilos de bagagem; tivemos de deixar o restante no apartamento e entregar uma lista do que estávamos deixando. As pessoas tentaram esconder algumas coisas com arianos próximos — a remoção dos judeus foi chamada “arianização”, porque havia “arianos” e

“não arianos”; nós éramos “não arianos”, eles eram “arianos” — e os resultados foram variados.

Alguns arianos se comportaram de forma horrorosa. Nós tivemos sorte por recuperar nossas coisas.

Não tudo, é claro: lembro que uma mulher disse que um anel nosso rolara para longe no sótão.

Minha mãe havia trocado seu relógio de ouro por um cromado, para levá-lo consigo, apesar de ter sido obrigada a entregá-lo de qualquer maneira. E essas pessoas nos disseram: “Você precisa entender: era tempo de guerra e não havia o que comer, então trocamos o relógio por toucinho.”

Ou algo parecido. Também ouvimos um pouco dessas coisas; aconteceu a muitos judeus que as pessoas não devolvessem seus pertences.

E aí veio 1948, o golpe comunista.

Sim, esse foi um ano ruim. A situação dos judeus era bastante feia por aqui.

E posso presumir que o fim da década de 1940 e o começo da seguinte também foram?

Sim, foram. Você provavelmente está pensando nos julgamentos de Slánský. 92 Foi mesmo ruim.

Na época, eu frequentava a Academia de Artes. Meu professor, Sr. Fila, que lecionava pintura monumental, o que eu estudava, infelizmente morreu quando eu estava no segundo ano. Por isso nos dividiram entre os outros estúdios. Dessa maneira, entrei para o estúdio de Antonín Pelc, que ensinava caricatura política. Ninguém me forçou a fazer caricaturas, pois haviam me tirado de outro departamento, mas o que os alunos faziam... Eram coisas horríveis. E era muito antissemita; todo aquele julgamento foi antissemita. Noventa por cento dos acusados eram judeus. Nem eram religiosos — e sim comunistas —, porém cada um precisou começar sua confissão com as palavras:

“Eu, de origem judaica...” E então contavam. Que coisas lhes fizeram para que... Foi uma época terrível.

Então, quando houve um interesse renovado por sua história? Talvez nos anos 1960? Estou presumindo que, enquanto ocorriam julgamentos contra “cosmopolitas”, ninguém quisesse falar muito sobre a guerra ou pelo menos sobre as experiências dos judeus.

É verdade, mas era o regime comunista... Era simplesmente assim.

Um pouco contraditório, quase...

E aí veio 1968.93 Mas um pouco antes a situação melhorou minimamente. Havia boas relações entre a Tchecoslováquia e Israel. Em Israel, ainda se lembram, porque a Tchecoslováquia os ajudou na época; até treinaram soldados israelenses aqui como pilotos. As relações eram tão boas que foi oferecida uma bolsa a um artista tcheco para passar dez semanas em Israel, e eu ganhei. Foi o período mais lindo de minha vida. Até mudei meu estilo de pintar — nós não falamos muito sobre esse assunto, mas você pode ler sobre isso em outro lugar. Quando retornei, expus os esboços que trouxe comigo; foi um grande sucesso. Recebi convites do exterior para negociar exposições. E aí veio agosto de 1968 e o portão se fechou. O fim de tudo por mais vinte anos.

Mesmo assim, você ficou aqui durante esse tempo, quando muitos judeus emigraram.

Sim, um grande número daqueles que voltaram e particularmente os mais jovens, aqueles poucos que sobreviveram, emigraram pouco depois da guerra. Foram para diversos lugares: para os Estados Unidos ou onde quer que tivessem parentes que houvessem emigrado a tempo. Se, por um lado, perderam toda a família aqui — pessoas jovens, com a minha idade, por exemplo, totalmente sozinhas —, suas famílias no exterior os convidaram e os receberam. Aqueles que não tinham aonde ir emigraram para Israel. Apresentaram-se como voluntários para o exército [israelense], a Haganah

— isso aconteceu logo depois da guerra. Eu quis fazer o mesmo. Estive em contato com eles, mas não sei... Talvez fosse apenas uma desculpa de minha parte. Eu queria ir, mas tinha um pouco de medo. Não sou corajosa quando se trata de emigrar, por outro lado — e essa foi uma de minhas principais razões —, minha mãe estava aqui e não ousava ir. Deixar minha mãe sozinha estava fora de questão. Então, fiquei.

Vários períodos políticos e culturais se passaram e estou interessado em saber se suas opiniões sobre as experiências vividas e sobre seu diário também se modificaram com o tempo.

Minha obra artística retrata minha vida. E nela se pode ler tudo a meu respeito.

Primeiro, terminei meu curso. Então fiz vários estudos, esboços e desenhos normais, e, nos anos 1960, comecei a me entender com o passado. Pintei o

Holocausto; acho que queria fazer algo como Goya na série *Os desastres da guerra*. Em 1964, eu quis parar e disse a mim mesma: “Já pintei aquilo, acabou.”

Aí ganhei a bolsa para Israel e tudo mudou. De repente, havia sol e otimismo, as cores mudaram e assim por diante. Então veio 1968 e eu parei de pintar por alguns anos, porque não queria pintar a guerra e não podia pintar o que queria. Porque, de repente, tudo era anti-israelense. Mesmo na exposição que fiz, tive cuidado suficiente para não mencionar Israel. Foi chamada “Viagens na Terra Santa”. Porque, a essa altura, mesmo a palavra “Israel” havia se tornado perigosa, e mais tarde se tornou um completo tabu. Eu não queria mais pintar a guerra e não podia pintar Israel, portanto por alguns anos simplesmente não pintei.

Por fim, fiz algo que nunca quis, mesmo tendo qualificações: comecei a lecionar. Lecionei numa

escola de arte popular. Originalmente era para substituir uma colega, que disse que seria por apenas dois meses. Aí ela foi para a Suíça e escreveu que não voltaria; ela emigrou. Fiquei naquela escola durante catorze anos. Por algum tempo, não pintei; então aos poucos retornei à pintura, mas não sobre Israel. Ou melhor, havia algumas reminiscências sobre Israel, mas o tema era mais o Holocausto, embora não exatamente. Era como a guerra em geral e tudo o que eu havia passado.

Surgiu outro ciclo de pinturas, chamado “Devastações” . Nele há quadros como *Raízes arrancadas*, *Terra ferida*, *Devastação* e assim por diante. Pode-se ler tudo nessas pinturas, como era a vida então.

O que as pessoas diziam, naquela época, sobre Terezín e o Holocausto?

As pessoas não falavam absolutamente nada sobre Terezín. Há duas fortalezas na cidade: a fortaleza principal e a Pequena Fortaleza. Esta sempre foi uma prisão política. Depois se tornou uma prisão da Gestapo. E transformaram a fortaleza principal, onde era a cidade, no gueto. Há um cemitério nacional na pequena fortaleza, onde celebravam vários dias de recordações. Porém ninguém falava sobre Terezín. Mesmo o prédio onde o museu está localizado hoje: havia um plano para transformá-lo num museu do gueto naquela época, mas não aprovaram. Ele foi transformado num museu das Forças Nacionais de Segurança. E quando, por exemplo, pessoas de lugares tão distantes quanto os

Estados Unidos vinham aqui e queriam ver onde seus pais haviam morrido, passavam por Terezín e diziam: “Sim, estivemos lá e não havia nada.” Então Terezín foi silenciada.

Após a guerra, escreveram os nomes de todas as pessoas que pereceram [nas paredes da] sinagoga Pinkas. Noventa mil nomes. Então, sob os socialistas, disseram que o edifício precisava de reparos, circundaram-no de andaimes e o “trabalho de reconstrução” durou quarenta anos. O prédio ficou inacessível. E só depois da revolução, em 1990, removeram os andaimes e reescreveram todos os nomes. A situação era essa. Terezín não estava lá; os nomes não estavam lá. Acho que é importante que se saiba, porque isso diz um bocado sobre aqueles tempos.

Então a sinagoga ficou assim entre 1948 e 1989?

Sim, cercada por andaimes e “em reconstrução”.

Acho que me lembro, porque estive aqui brevemente antes da revolução de 1989.

Então você se lembra da aparência do prédio; construções por todos os lados. Mas não era o caso.

Eles simplesmente removeram os nomes e puseram andaimes.

Poderia me dizer algo sobre sua família agora?

Eu me casei enquanto estudava na academia de arte. E, entre o segundo e o último ano, dei à luz prematuramente gêmeos, mas um deles morreu no dia seguinte. Precisei interromper meus estudos por um ano e terminá-los mais tarde. Quatro anos depois, nasceu minha filha.

Então tenho um filho e uma filha. Ele é um músico conhecido, um violoncelista; está na equipe sênior da Academia de Música de Praga. Sua filha, minha neta Dominika, é uma excelente violoncelista solo. Ela estudou por dois anos em Israel, e um de seus focos é a música judaica. Ela até conseguiu me trazer de volta ao judaísmo, de modo que o tema reaparece em meu trabalho mais

recente. Eu continuo retornando à guerra, é claro, mas isso também envolve temas judaicos.

Meu marido também era músico, um contrabaixista e membro da Orquestra Sinfônica da Rádio Tcheca. E uma outra neta, a irmã de Dominika, escolheu outra direção e está estudando artes plásticas. Isso está na família.

Então são três gerações de artistas...

Foi um pouco mais complicado do que isso, porque tivemos um casamento miscigenado. Meu marido pertencia a uma família católica bastante devota, mas tínhamos uma grande dose de respeito mútuo. Como a religião foi reprimida aqui durante o comunismo, sua família foi perseguida por praticar o catolicismo. Seu irmão esteve preso por treze anos; minha cunhada, por doze anos, e outro cunhado por três anos e meio. Então estive envolvida com prisões durante toda a minha vida.

Acho que isso também é importante de saber.

Foi publicado, nos últimos sessenta anos, um grande número de memórias sobre o Holocausto, foram feitos filmes sobre as experiências das pessoas.

Muitas coisas apareceram. Nem todas são boas; algumas são muito ruins. E outras distorcem o que aconteceu. Há informações erradas, coisas que não aconteceram e que sequer poderiam ter se passado...

A memória humana é uma coisa estranha.

Não se trata de memória. Em alguns lugares, pode ser intencional. Uma intenção de calar certos assuntos ou passar por cima deles, não falar sobre alguns temas e exagerar em outros...

É difícil filmar coisas assim. Qualquer livro ou filme tem em si a experiência pessoal do autor.

Mas é preciso ser verdadeiro. E, na realidade, há poucas demonstrações verdadeiras. Uma das melhores [pessoas] a contar a verdade é, por exemplo, Elie Wiesel, cujas palavras frequentemente cito quando sou entrevistada — embora sempre esclareça que são palavras dele; não as faço minhas.

No que se refere a Terezín, o livro de Ruth Bondy é um relato verdadeiro. Ela nasceu em Praga, mas vive em Israel há anos, e escreveu um livro chamado *Elder of the Jews: Jakob Edelstein of Theresienstadt* [O

ancião dos judeus: Jakob Edelstein de Theresienstadt], e esse é um bom livro. Li um livro excelente de Imre Kertész, chamado *Sem destino*. Há poucas obras como essa e há algumas absolutamente pobres, fictícias, distorcidas.

Como você descreveria a contribuição de seu diário? Por que deveríamos ler mais um relato sobre o Holocausto?

Principalmente por ser verdadeiro. Coloquei nele meus sentimentos, esses sentimentos são intensos, comoventes e principalmente verdadeiros. E, talvez por ser narrado naquela forma um pouco infantil, é acessível, expressivo, e creio que ajudará as pessoas a entender aqueles tempos.

Notas

1.

Em 23 de setembro de 1938, o governo da Tchecoslováquia declarou uma mobilização geral para um iminente estado de guerra.

2.

Referência ao *Anschluss*, a anexação da Áustria em 1938.

3.

Conforme mencionado na “Nota do organizador”, essas primeiras entradas foram reescritas extensivamente por Helga após a guerra. É provável que tenham sido redigidas em Terezín ou pouco antes, mas, como seria de se esperar, não há menção a idade no manuscrito original.

4.

Hoje um bairro de Praga, na periferia leste da cidade.

5.

A Primeira República Tchecoslovaca existiu desde a declaração da Independência, em 1918, até a renúncia de Beneš, na esteira do acordo de Munique, em 1938, e da ocupação dos Sudetos da Tchecoslováquia após a invasão nazista em 1939.

6.

Termo nazista para membros das “raças” superiores, retratados tipicamente como europeus do norte, de pele e cabelos claros, favorecidos pela legislação e pelas ordens alemãs durante a era nazista. Os judeus eram, por definição, não arianos.

7.

Abreviatura de *Geheime Staatspolizei* ou “Polícia Secreta do Estado”. Na época em que a Tchecoslováquia foi anexada, a Gestapo incluía também os serviços de segurança, de polícia criminal e era encarregada do encarceramento, da deportação e da internação de judeus.

8.

A data foi inserida para dar ao leitor uma ideia mais precisa do momento.

9.

Segundo Helga, a comunidade judaica em Praga organizava exames para alunos que estavam sendo educados em casa, por terem sido excluídos do ensino regular.

10. Essa data foi inserida para dar ao leitor uma ideia mais precisa do momento.

11. O decreto do Ministério do Interior da Alemanha ordenando que todos os judeus com idade superior a seis anos usassem estrelas de davi amarelas costuradas nas roupas data de 5 de setembro de 1941. Essa entrada no diário parece cobrir acontecimentos desde o início de setembro até o início de outubro. Ao começar com as palavras “um mês se passou”, Helga parece nos levar de volta até o início de setembro. Logo, quando escreve posteriormente “mais um mês se passou”, ela está, na verdade, apenas nos transportando de volta ao começo de outubro. (A anotação seguinte acontece apenas uma semana depois, em 12 de outubro.)

12. O mês ao qual o texto se refere corre aparentemente entre o decreto (início de setembro) e esses acontecimentos (início de outubro).

13. Esse termo em alemão foi utilizado tanto em tcheco como em português para descrever a deportação forçada de judeus e

“indesejáveis” para campos e outros destinos. Helga emprega frequentemente o termo para se referir aos trens utilizados para tal propósito.

14. Tipo de combustível usado para iluminação ou para cozinhar alimentos, comercializado em blocos ou tabletes.

15. Há uma ligeira discrepância nas datas, pois 12 de outubro foi um domingo, mas algumas referências (“ontem à noite”,

“amanhã”) parecem ter sido escritas como se fosse sábado.

16. Alternadamente mencionada como Veletrh [Feira do Comércio] e Vletržní palác [Palácio do Comércio]. Esse grande pavilhão de exposições para abrigar feiras foi construído em Holešovice, em Praga. Judeus se apresentavam no

Rádiotrh [Mercado de Rádio] mais próximo, para serem registrados e abrigados durante os procedimentos de deportação. (Esses alojamentos de madeira decrépitos foram demolidos desde então.) Segundo Helga, as pessoas se referiam a toda a área como Veletrh, o que reflete em sua maneira de dizer.

17. Helga escreve sobre as pessoas “está nesse” ou “não está nesse”, referindo-se a receberem ou não ordem para deportação.

18. Distrito de Praga onde ficava localizado o quartel-general do Centro de Deportações Judaicas (posteriormente rebatizado como Escritório Central para a Resolução da Questão Judaica na Boêmia e Morávia). Todos os judeus precisavam passar por um processo neste local antes do transporte.

19. A primeira brigada de construção (“comandos de construção”), enviada para preparar Terezín para o influxo de novos habitantes. O AK fazia parte da “casta” mais alta da sociedade de Terezín (ver página 202 para mais detalhes).

20. Essa anotação começa vários dias antes. A data especificada é a quinta-feira em que precisaram se apresentar.

21. Lembrar que — como Helga disse antes — os judeus precisavam viajar num vagão traseiro especialmente designado. Se houvesse apenas um vagão, esperava-se pelo bonde seguinte.

22. Aqui é evidente que Helga se refere ao Mercado de Rádio (Rádiotrh); o manuscrito original não menciona em que prédio estavam. A menção específica foi acrescentada mais tarde, o que gerou um erro.

23. *Ordners* eram judeus, sendo simultaneamente guardas e prisioneiros. Sua contagem (Helga chama de *Standt*) era o número de judeus sob sua guarda.

24. Um monte de formato estranho que se sobressai na planície central da Boêmia. Conta a lenda que o ancestral da nação tcheca escalou esse monte, gostou do que viu e decidiu estabelecer sua tribo ali. O formato especial do Říp é reconhecível por qualquer criança tcheca em idade escolar.

25. Abreviatura de *Aufbaukommando*. (Ver nota 19).

26. O movimento ao redor de Terezín era estrito e controlado, e os judeus normalmente só tinham permissão para sair em grupos organizados, tipicamente

com propósitos de trabalho. Chamei esses grupos de “brigadas”; Helga usa a palavra tcheca *kolona*, emprestada do alemão *Kolonne.*

27. Helga quer dizer que seu pai será mandado com um grupo de judeus para carregar malas.

28. Muitos dos alojamentos em Terezín tinham nomes de cidades e outros locais do Terceiro Reich (Dresden, Magdeburgo, Hamburgo, Sudetos etc.).

29. Ver página 210, onde Helga fala das pequenas gentilezas demonstradas a eles por alguns dos guardas tchecos.

30. *Schleuse*: literalmente, “canal”. Era o processo de entrada e de saída do campo, em que os alemães despojavam os judeus de seus pertences e valores. Neste sentido, relaciona-se especificamente a Terezín e é até mesmo emprestado para o tcheco na forma *šlojska* (como Helga explica na página 208).

31. O pai de Helga trabalhou no departamento de economia (*Wirtschaftsabteilung*) em Terezín.

32. Os judeus também usavam a palavra *Schleuse* como verbo em Terezín, significando “surrupiar” (em tcheco, *šlojzovat*). Na visão deles, era diferente de *roubar*, sendo mais como *apropriar-se* de algo, pois não havia desaprovação em tirar algo dos captores (conforme Helga explica na página 208).

33. *Toranut*, às vezes escrito *Toranuth*, é um termo hebraico.

34. Eram parentes próximos a irmã da mãe de Helga e sua família.

35. *A noiva vendida*: ópera do compositor tcheco Bedřich Smetana. A estreia foi em 28 de novembro de 1942, muitos meses após a época da menção no diário. Helga acrescentou posteriormente essa linha ao manuscrito só para manter a temática.

36. Esses dois parágrafos parecem escritos posteriormente, pois não fazem parte do manuscrito original de Helga. A menção a *O beijo* é ainda posterior, pois está escrita à mão numa transcrição após a guerra. Embora Helga tenha assistido à produção, não podia ter feito isso antes da estreia, em julho de 1943; logo, a menção aqui é temática e não cronológica.

37. Três obras do autor tcheco Karel Čapek.

38. *O beijo*: outra ópera de Bedřich Smetana.

39. Em termos cronológicos, essa passagem pertence a esse ponto do manuscrito, embora Helga não tenha escrito dessa forma originalmente. Encontra-se numa página separada, numa caligrafia diferente e posterior. A maturidade do estilo aqui sugere que possa ter sido escrita após a guerra, quando ela estava recordando o restante de suas experiências.

40. Essa passagem foi escrita numa folha de papel separada e com caligrafia que aponta para um momento muito posterior, então seu lugar no manuscrito não fica claro. Houve um fato semelhante de Terezín que ocorreu em abril de 1943, mas a menção a

“inverno” parece contradizer isso. Assim, o trecho foi deixado onde Helga o posicionou originalmente.

41. Retiramos uma sentença que se segue imediatamente a essa, que foi adicionada durante uma edição posterior e é claramente errada. A sentença que ela substituía está ilegível nas páginas originais e não pôde ser reconstituída.

42. Na Alemanha nazista, judeus e arianos eram considerados pertencentes a raças diferentes. Aqui, portanto, Helga quer dizer que um dos pais era cristão e o outro, judeu.

43. A Festa Judaica das Luzes tem uma data fixa no calendário judaico. No calendário cristão ela acontece em dias variáveis em dezembro, com frequência bem perto do Natal. Hanucá envolve uma refeição festiva e acender a *hanukiá* — uma *menorá* ou um candelabro de nove braços.

44. Do iídiche tcheco *daleskrém*. Helga diz que era preparado batendo-se água com açúcar.

45. Essa data aparece nas páginas soltas, mas sem menção ao ano. Helga a reconstituiu como sendo 1943, o que combina tanto

com a informação sobre o transporte (que ocorreu em 20 de janeiro de 1943) quanto com a epidemia de tifo, cujo pico foi em fevereiro de 1943, segundo Adler.

46. Essas três linhas foram escritas juntas com caligrafia apontando momento posterior, numa folha solta de papel. Foram inseridas aqui pois a menção ao *Ghettogeld* está claramente ligada a maio de 1943, quando essas notas de papel foram introduzidas em Terezín.

47. Notas de papel impressas para os residentes de Terezín a serem usadas nas lojas do campo.

48. Kréta era uma área limítrofe do gueto, usada como horta para o campo de internamento.

49. Esses dois parágrafos não estão no manuscrito original; Helga deve tê-los adicionado depois do fim da guerra.

50. A tradução para o português é de Sebastião Uchoa Leite. VILLON, François. “Balada do concurso de Blois” in *Poesia*. São Paulo: EDUSP, 2000, p. 331.

51. Uma antiga versão tcheca dos escoteiros, focalizando patriotismo e exercício.

52. Helga frequentemente usa essa palavra, que em alemão se refere ao controle de uma epidemia. O equivalente em tcheco também aparece em seus diários, *desinfecke*, ou “desinfecção”, com um significado mais amplo.

53. As crianças polonesas chegaram a Terezín durante o verão de 1943 e foram deportadas para Auschwitz em outubro. Esta entrada é, portanto, temática, sobrepondo-se à anterior, e parece escrita mais tarde, talvez depois de Helga ter percebido o significado de sua chegada e subsequente deportação.

54. Em outras palavras, encontraram lugares onde dormir no sótão ou entre outros beliches.

55. Essa descrição está intimamente relacionada, na mente de Helga, com a pintura *Hanucá no sótão*, que data de 16 de janeiro de 1944. Em 1943, a Hanucá caiu um pouco antes do Natal, e logo após o transporte de 18 de dezembro, que levou embora muitos dos amigos e parentes de Helga. Há menção a isso no parágrafo precedente.

56. Funcionário que fazia parte da *samospráva*, ou aparato autogovernante da comunidade judaica dentro de Terezín.

57. Palavras iniciais de um tradicional hino da Hanucá, cantado em hebraico após o acender das velas.

58. Helga evidentemente escreveu o nome como o ouviu. Ele próprio escrevia Burger.

59. A epidemia atingiu o pico em dezembro de 1943, e a mudança dos alojamentos de Hamburgo aconteceu em janeiro de 1944.

60. Josef Hora foi um poeta tcheco do começo do século XX. Imagens do caderno de Helga podem ser encontradas no encarte.

Aparentemente, Helga inclui essa passagem em momento posterior, uma vez que não aparece no manuscrito.

61. Hradčany é o famoso castelo de Praga. O rio Vltava corre aos seus pés.

62. Helga acha que não se tratava do comitê da Cruz Vermelha, que visitou mais tarde em 1944; provavelmente dizia respeito a uma visita preparatória dos alemães. A visita da Cruz Vermelha é descrita mais adiante no texto.

63. O conto de fadas dos Irmãos Grimm “A mesa dos desejos, o asno de ouro e a clava no saco” é um dos favoritos em terras tchecas, embora menos conhecido em países anglo-saxões e no Brasil. A mesa dos desejos pode fazer aparecer magicamente um magnífico banquete.

64. *Zum Park, Zum Bad*: “Para o parque, para os banhos.”

65. Processamento do mineral mica (usado na indústria aeronáutica alemã).

66. Aproximadamente quinhentos judeus dinamarqueses foram deportados para Terezín. Sua presença ali foi um dos principais motivos para a visita da Cruz Vermelha que causou toda essa súbita renovação.

67. O Dia das Mães era tradicionalmente comemorado no segundo domingo de maio — neste caso, 14 de maio de 1944.

68. Ao longo de seu manuscrito, Helga utiliza decagramas (unidades de dez gramas), uma medida tcheca comum para gêneros alimentícios. As medidas foram convertidas para gramas a fim de facilitar a leitura.

69. Um número popular de variedades tcheco apresentado no Teatro Livre de Praga (Osvobozené divadlo) a partir de 1927.

Logo entrou em conflito com o regime nazista e emigrou para os Estados Unidos em 1939, retornando após o fim da guerra.

70. Karl Rahm ("Tio Rahm") foi o *Gruppenführer* (comandante) de Terezín. Outras testemunhas oculares se recordam de que ele obrigou as crianças a se dirigir a ele como "*Onkel* Rahm" diante do comitê da Cruz Vermelha.

71. Pequena aldeia perto de Havlíčkův, na parte oriental da Boêmia.

72. A palavra hebraica *Toranut* é usada aqui referindo-se a tarefas feitas para outros ou para o bem comum.

73. Expressão tcheca: *dotěrná jako štěnice*.

74. O ano-novo tem uma data fixa no calendário judaico — ocorre geralmente em setembro do calendário cristão. No judaísmo, o "dia" começa ao anoitecer, então o feriado começa na noite do dia anterior.

75. O Dia do Perdão judaico acontece dez dias depois do ano-novo e é caracterizado por um jejum de 24 horas.

76. O poeta tcheco Vítězslav Nezval escreveu uma peça em versos em 1940, baseada na novela de Abbé Prévost.

77. Isso não corresponde a nenhum caderno ou página solta sobrevivente. Em todo caso, qualquer coisa que Helga tenha levado consigo de Terezín foi confiscada na chegada a Auschwitz/Birkenau e perdida. Essa e todas as entradas subsequentes foram escritas depois do seu regresso a Praga, em 1945.

78. Birkenau era de fato um campo de trabalho forçado, mas Helga disse que só descobriram isso mais tarde (ver entrevista na página 204).

79. Segundo Helga, os detentos eram solicitados a deitar-se em suas camas e manter silêncio durante o toque de recolher no campo. Qualquer atividade ou movimento era proibido.

80. Helga se refere ao feriado nacional que comemora a independência da

Tchecoslováquia, ocorrida em 1918.

81. Šára, Uša: a primeira parte de cada um desses apelidos soa em tcheco como parte da *Unterscharführer* alemã. Não só eram convenientemente mais curtos, mas ofereciam uma vantagem adicional de que qualquer alemã que escutasse não saberia do que falavam.

82. Campo de concentração principal ao qual Freiberg, um campo-satélite, era afiliado.

83. Most e Chomutov: Essas pequenas cidades no Norte da extinta Tchecoslováquia e o restante da área fronteiriça, chamada Sudetos, foram anexadas ao Reich no começo da guerra. Suas populações eram alemãs e tchecas.

84. Campo de trabalho forçado nos arredores de Most.

85. Os soviéticos soltavam bombas flamejantes de magnésio para iluminar o terreno à noite, aprimorando a precisão dos bombardeios. Eram comumente chamadas “velas de Stálin”.

86. Pedreira pertencente ao campo de concentração de Mauthausen.

87. Jakob Edelstein serviu como líder da comunidade judaica em Terezín (*Judenälteste* [ancião dos judeus]), de 1941 a 1942, e como vice-líder até dezembro de 1943, quando foi deportado a Auschwitz. Ele e sua família foram executados em junho de 1944.

88. “Nós” refere-se aqui a Helga e sua tia, que fora liberada da quarentena na mesma época.

89. Na época em que Helga foi ao colégio, as crianças tchecas frequentavam a escola primária por cinco anos, após isso prestavam exames de admissão para prosseguir seus estudos. Duas possibilidades eram o colégio de ensino médio técnico, que preparava para um ofício ou para a entrada numa escola técnica superior, ou um *gymnázium*, uma escola secundária que preparava para uma universidade. O *gymnázium* durava oito anos, cujos nomes derivavam do latim; então *kvarta* é o quarto ano e *kvinta*, o quinto.

90. Karel Lagus foi curador do Museu Judaico de Praga e um dos diretores do

Memorial Terezín. Passou os anos de guerra em Terezín com o tio de Helga, Josef Polák. O livro de ambos, *Město za mřížemi*, foi publicado em 1962. Não há traduções.

91. Excertos do diário de Helga foram publicados em *Terezín*, editados por František Ehrmann, Otta Heitlinger e Rudolf Iltis (Conselho das Comunidades Judaicas da Tchecoslováquia, Praga, 1965), pp. 106-109.

92. Houve uma série de julgamentos de expurgos dentro do Partido Comunista da Tchecoslováquia ocorridos no início da década de 1950, começando pelo eminente membro do partido Rudolf Slánský. Como diz Helga, a maioria dos acusados era formada por judeus e dizia-se que eram "cosmopolitas", um código para judeus burgueses ou sionistas. Foram obrigados a repudiar suas supostas infrações e onze dos dezoito julgados foram condenados à morte.

93. Após alguns anos de liberação crescente na Tchecoslováquia, o secretário do Partido Comunista, Alexander Dub ček, anunciou, no início de 1968, que haveria maior relaxamento dos controles sobre a liberdade de expressão e sobre a atividade econômica e crescente democratização. Esse breve experimento de um "socialismo com face humana", conhecido como Primavera de Praga, terminou em agosto do mesmo ano, quando as tropas unidas pelo pacto de Varsóvia, agindo sob ordens de Moscou, invadiram a Tchecoslováquia e restabeleceram controles mais rigorosos.

Glossário

Embora Helga pertencesse a uma família judaica que falava tcheco e tenha começado sua vida no estado independente tchecoslovaco, onde o tcheco era a língua oficial, a imposição da lei nazista e, posteriormente, a vida nos campos significaram uma presença alemã cada vez maior em seu mundo. Ela se refere a muitos lugares e fatos por termos alemães, frequentemente adaptados ao tcheco e conjugados ou declinados como uma palavra tcheca. Essas palavras foram "traduzidas" de forma similar, para assegurar que o leitor tenha o mesmo sabor do texto que um leitor tcheco. Helga ocasionalmente usa também palavras em iídiche ou hebraico, mas estas estão explicadas no texto ou nas notas e não aparecem neste glossário.

Achtung

advertência

alle heraus

saiam todos

alles da lassen

deixem tudo onde está

Altertransport

deportação de idosos

Arbeitslager

campo de trabalho

Aufbaukommando

brigada de construção

Aufseher

supervisor

Bahnbau

construção de ferrovia

Betreuer, Betreurin

zelador

Bettrolle

roupa de cama

Damen und Herrenlatrinen

banheiros femininos e masculinos

Entwesung

desinfestação

Ferien

férias

Häftlingsnummer

numeração de prisioneiro

Handgepäck

bagagem de mão

Heim

lar; casa

Heimleiter

administrador (em Terezín)

heraus

fora (sentido de sair)

Hilfsdienst

unidade voluntária

Hochalarm

alerta vermelho

Infektionsgefahr

risco de infecção

Jude

judeu

Jugendfürsorge

assistência para jovens

Jugendheim

lar juvenil

Kaffeehaus

cafeteria

Kasernensperre

toque de recolher; confinamento

Kinderheim

lar infantil

Knaben und Mädchenschule

escola de rapazes e de moças

Kommandatur

quartel-general do campo

Krankenlager

leito

Krankenträger

carregador de maca

Kriechlingsheim

lar de crianças de colo

Lagerkommandant

comandante do campo

Lagerruhe

silêncio no campo; toque de recolher

Landwirtschaft

departamento de agricultura

Lehrlingsheim

lar de aprendizes

Leichenwagen

carro fúnebre

Lichtsperre

blecaute

Mädchenheim

lar de moças

Männerlager

campo de homens

Nachschub

porção extra

Nachtrage

retardatários

boleto de emergência, isto é, dormir

Notbelag

em sótãos ou entre camas

Ordner

encarregado

Posten

sentinela

Putzkolonne

brigada de limpeza

Raumwirtschaft

departamento de gerência de espaços

rechts

“para a direita”

Ruhe

silêncio; calma

Salmeister

gerente de escritório

Säuglingsheim

lar de bebês

“canal”, um nome para o processo de

entrada e partida do campo,

Schleuse

em que os judeus eram

sistematicamente privados de quaisquer

pertences valiosos

Schneller

“mais depressa”

Schupo

polícia estatal

Speisehalle

refeitório

Standt

frequência; comparecimento

stehen bleiben

“colocar-se em posição de sentido”

Tagesbefehl

ordens diárias

Transport

deportação e os trens usados no processo

Transportleiter

gerente de deportação

Transportleitung

gerência de deportação

Übersiedlungschein

bilhete de remanejamento

Unterscharführer

sargento

Verschönerung der Stadt

embelezamento da cidade

Voralarm

pré-alarme

Waisenkind

órfão

Waschraum

lavatório

Zimmerälteste

ancião do quarto

Zimmertour

quarto sujo

Zulag

tolerância

Zum Bad

para os banhos

Zum Park

para o parque

Zusatz

suplemento

Encarte de

fotos



Helga quando bebê com o pai, Otto, em fevereiro de 1930.



Helga com um ano de idade, em fevereiro de 1931.



Primeiro dia de Helga na escola, em 1936.



Helga com a avó paterna, Sofie, diante da casa onde Otto nasceu.



Helga com os pais e a avó.



Praça Wenceslas, no centro de Praga, antes de 1939.



O exército alemão entra em Praga, em março de 1939.



Um transporte passa pela cidade de Bohušovice, ao sul de Terezín.



Um grande grupo recém-chegado de judeus holandeses a Terezín é conduzido para o campo, em 20 de janeiro de 1944

(fotografado sob supervisão da SS para uso em propaganda).



Judeus holandeses comem sua primeira refeição no pátio de Terezín
(fotografados sob supervisão da SS para uso em propaganda).



Foto do pátio principal dentro do forte de Terezín, tirada por um dos chefes da delegação da Cruz Vermelha durante a visita do comitê, em 23 de junho de 1944.



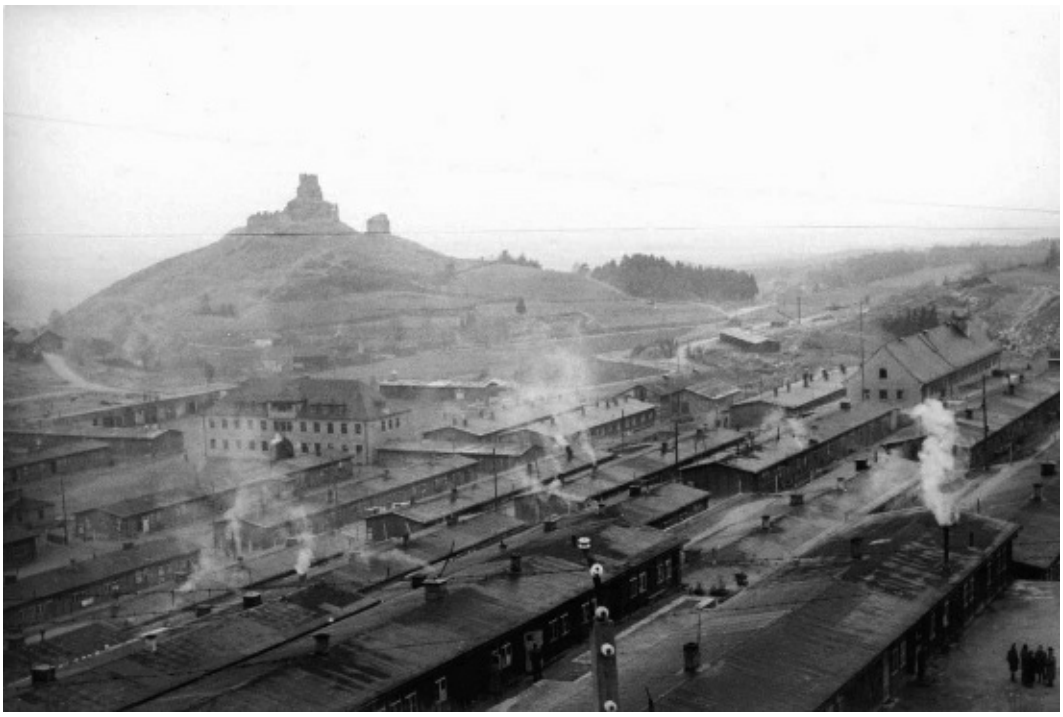
Cena típica nas ruas de Terezín, em 20 de janeiro de 1944 (fotografado sob supervisão da SS para uso em propaganda).



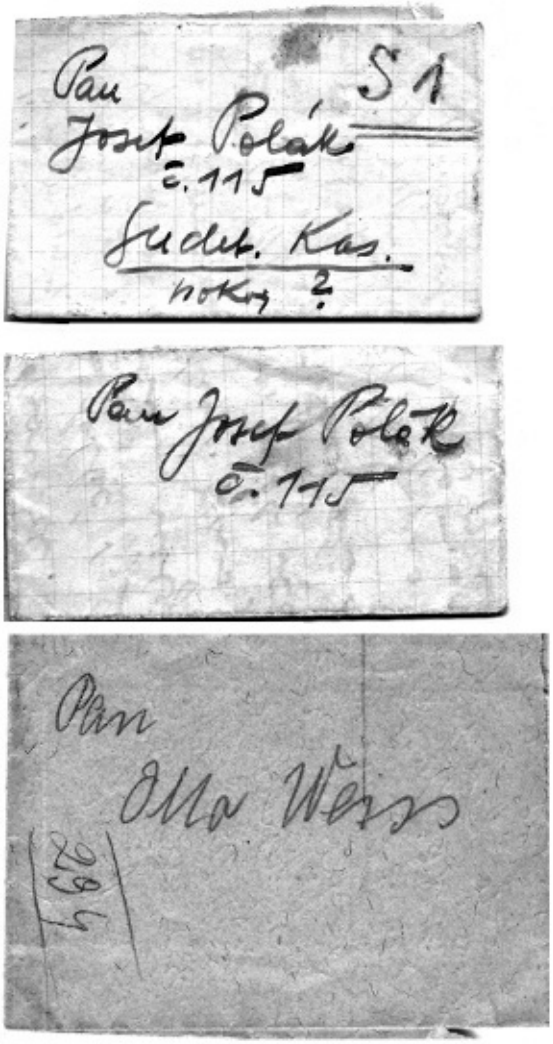
Prisioneiros numa oficina no gueto de Kovno (atualmente Kaunas), na Lituânia, em 1942-1944.



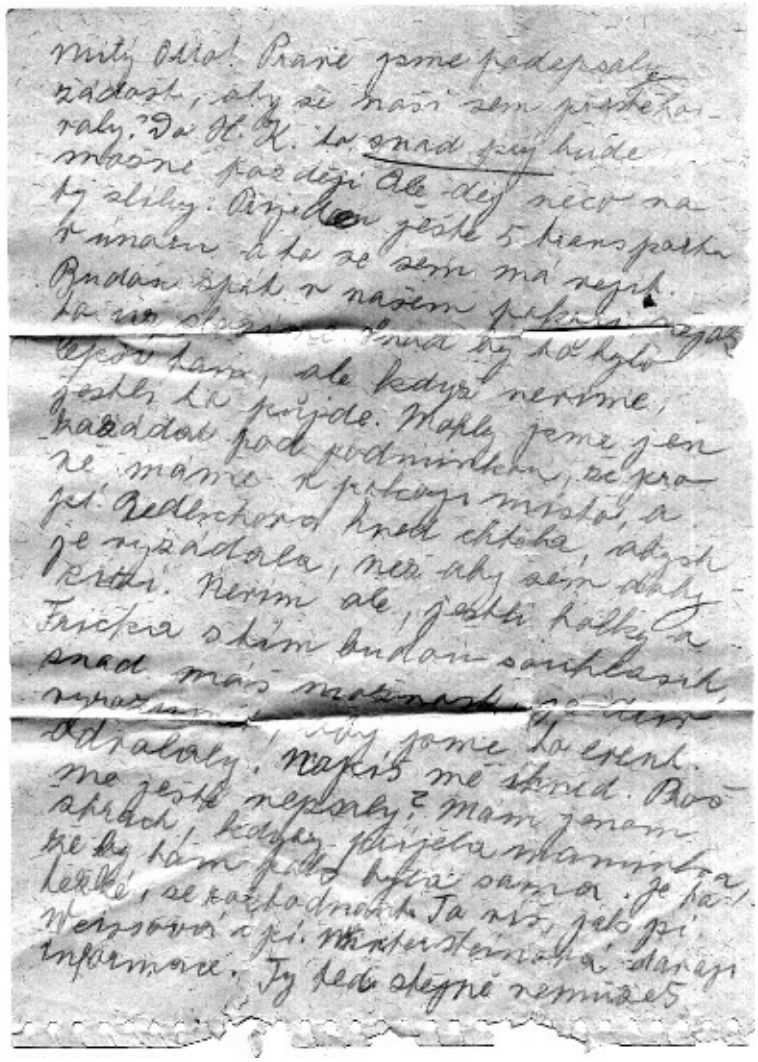
Trabalho escravo no campo de Plaszow, na Polônia, em 1943.



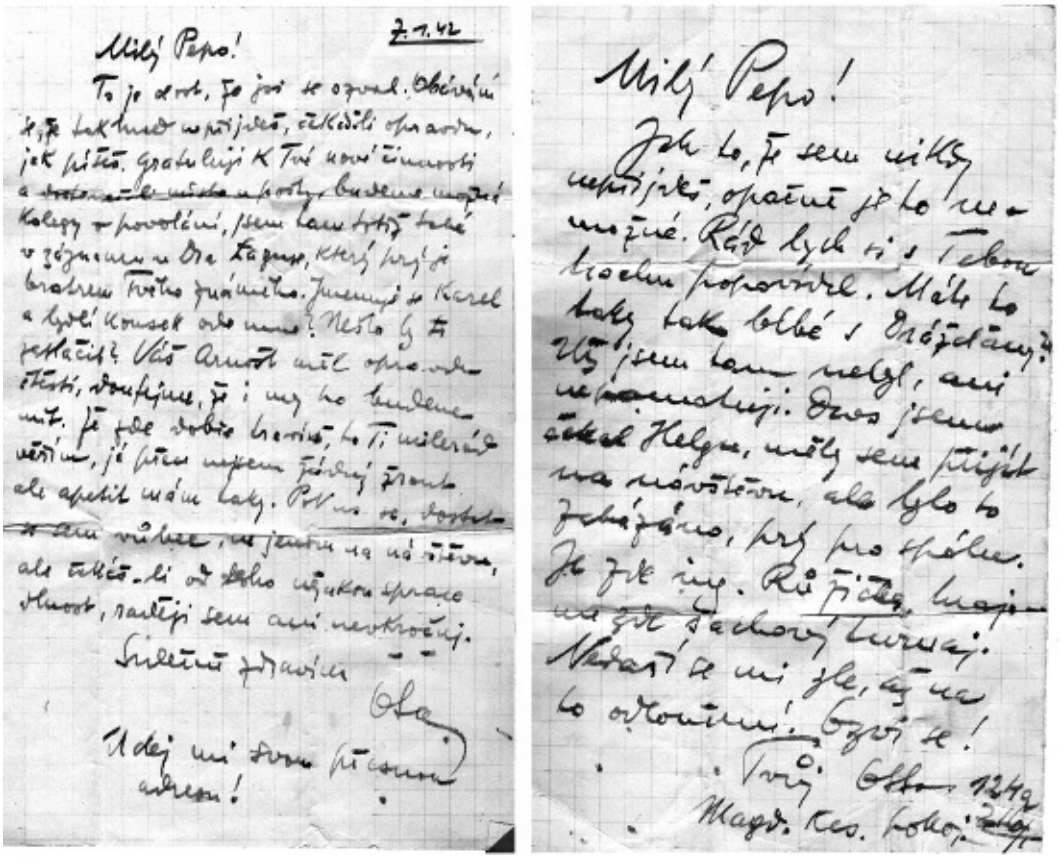
O campo de concentração de Flossenbürg, na Alemanha, logo após a libertação pelas tropas dos Estados Unidos, em 23 de abril de 1945.



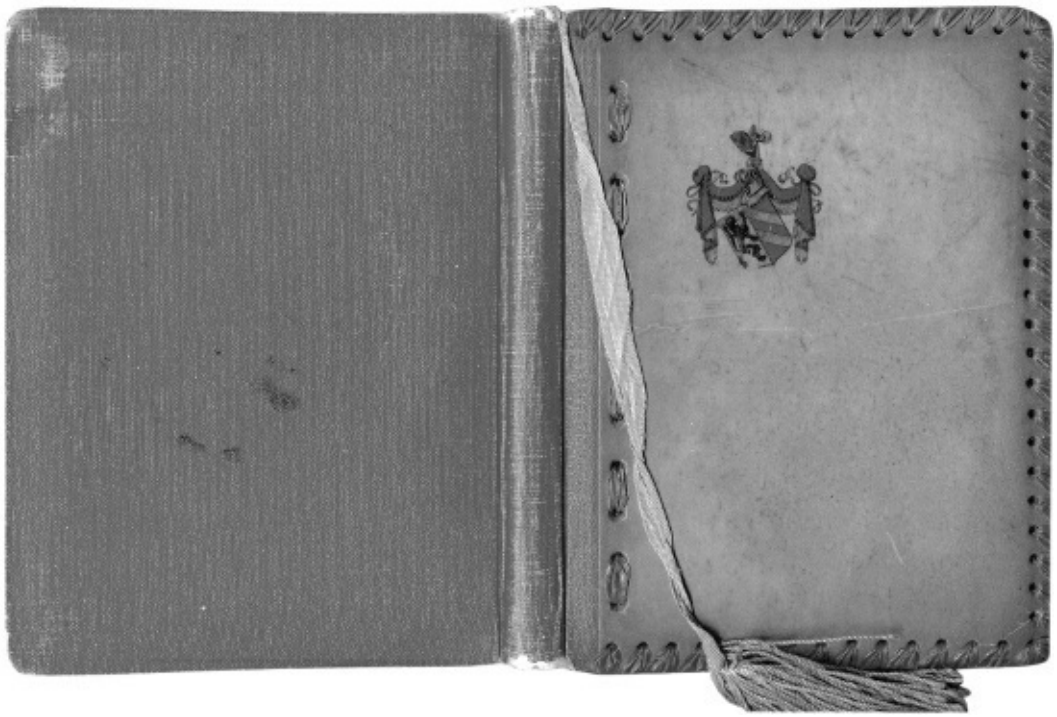
Cartas clandestinas enviadas a Terezín para o tio de Helga, Josef Polák (que preservou seu diário), e para o pai, Otto.



Uma carta clandestina enviada pela mãe de Helga para o marido em Terezín. Descreve as tentativas para conseguir que sua irmã e as parentas fiquem no mesmo alojamento que ela.



Duas cartas que Otto escreveu em Terezín para Josef, relatando a dor que sentia por estar separado da família, a frustração por ser incapaz de deixar o alojamento e o lamento por Helga e outras crianças não terem permissão para visitá-lo tal como ele prometera (acesse aqui).

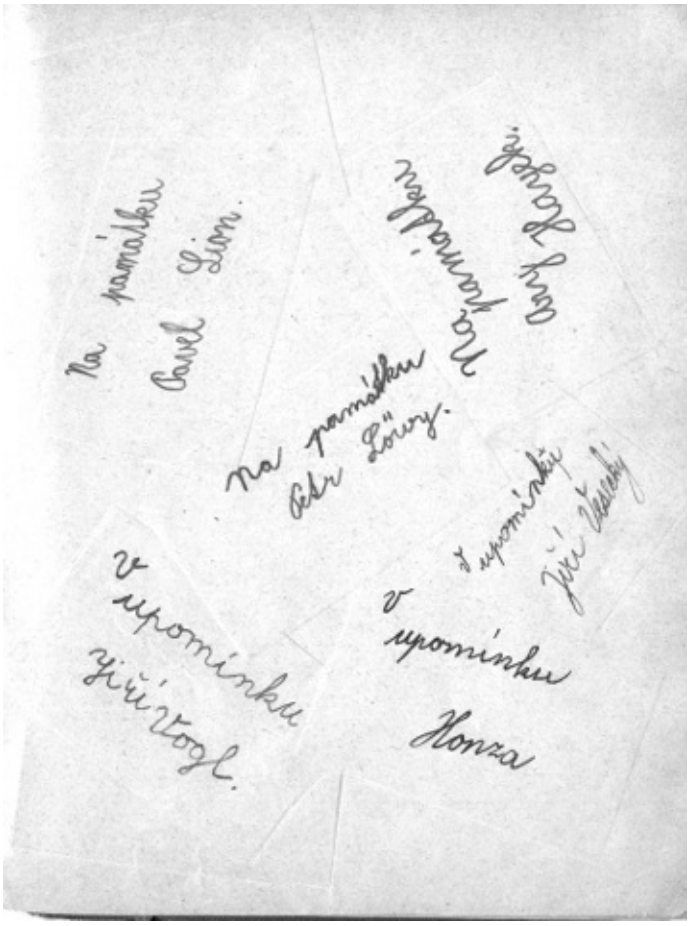


A capa do caderno de Helga, no qual ela transcreveu poemas e fez anotações e desenhos.



Um página do caderno de Helga. A anotação à esquerda diz: “Esqueça as horas

de sofrimento,/ Mas nunca as lições que ensinaram./ Em memória de Francka”. À direita lê-se: “Quando o prato principal for batatas e nabos,/Terezín está contigo!”



Uma página do caderno de Helga com assinaturas de seus colegas judeus expulsos da escola pública.

Encarte de

desenhos



Boneco de neve (dezembro de 1941)

O primeiro desenho que fiz em Terezín. Mandei-o em segredo ao meu pai no alojamento masculino. Ele escreveu de volta:

“Desenhe tudo o que vê!”



Na fila em frente à cozinha (1942)

Em todas as refeições — três vezes ao dia —, havia uma fila interminável.



Os banhos (1942)

Só havia água gelada, e tínhamos que economizar.



Crianças vão para as aulas (1942)

Depois de estabelecido o Kinderheim (alojamento para crianças), as crianças levavam seus próprios assentos e se reuniam num canto para aprender.



Concerto no dormitório(1942)

Apesar da triste situação, arrumávamos tempo para cultura e diversão.



O corredor no alojamento Dresden (1942)

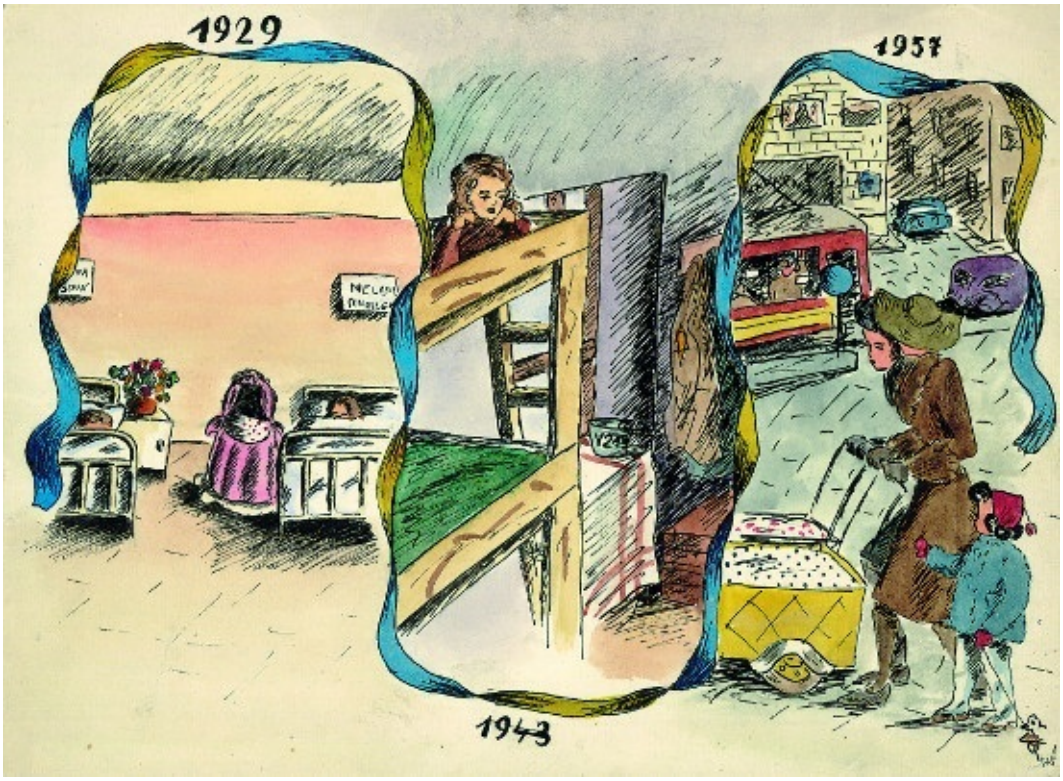
A menina na cama improvisada sofria de tuberculose. Sua cama foi montada no corredor aberto para tentar lhe dar ar puro, o que era muito difícil. A cidade era abarrotada de gente e infestada de doenças.



A chegada de um pacote (11 de julho de 1943)

Era um grande acontecimento quando alguém no alojamento das crianças recebia um pacote. O conteúdo podia ser modesto —

pão, biscoito, açúcar, um pedaço de salame —, mas era um tesouro para crianças famintas. Algumas ficavam com tudo e outras dividiam com o melhor amigo, enquanto outras davam a todos um pouco de pão ou biscoito.



Para o seu aniversário de catorze anos (novembro de 1943)

Um desenho para minha amiga Francka. Nascemos na mesma maternidade, dividíamos a mesma cama e viramos melhores amigas em Terezín. Imaginávamos como seria mais tarde, quando as duas fossem mães e saíssem depois de catorze anos para passear por Praga. Francka morreu em Auschwitz antes de completar quinze anos.



Pedido de aniversário I (1943)

Tudo em Terezín era transportado em velhos carros fúnebres, inclusive esse enorme bolo de aniversário imaginário que veio de Praga!



Pedido de aniversário II (1943)

O que mais desejo: voltar para Praga.



A sala de espera da clínica de emergência (26 de julho de 1943)

Por causa da péssima condição de vida, a sala de espera estava sempre lotada.



Visita ao hospital (7 de janeiro de 1944)

Na época da epidemia de encefalite foi montado um hospital no pavilhão Sokol. Os visitantes só podiam ficar do lado de fora.



Pão em carros fúnebres (27 de dezembro de 1942)

A palavra inscrita na lateral do carro é Jungendfürsorge (assistência para jovens).



Pessoas em macas incluídas no transporte (1942)

Os que estavam doentes e muito fracos para andar eram carregados em macas.



O “desvio” no pátio (9 de setembro de 1943)

No embarque e desembarque dos transportes, todos eram reunidos na chamada Schleuse, onde eram registrados e vistoriados. Eles tinham que esperar por quatro horas e às vezes por dias no calor ou no frio até que fi nalmente fossem chamados.



O transporte das crianças polonesas (29 de agosto de 1943)

Essas crianças chegaram numa condição deplorável e ficaram em quarentena durante toda a estada em Terezín. Por alguma razão, deveriam ser enviadas para a Suíça, mas terminaram em Auschwitz. Quando foram encaminhadas para o banho, tentaram resistir e gritaram: “Gás!” Elas sabiam mais do que os residentes de Terezín naquela época.

Créditos das ilustrações

Todos os desenhos e pinturas são de Helga Weiss. © Wallstein Verlag, Alemanha, 1998. Todos os direitos reservados.

Fotografias: 1 © bpk; 2, Museu Judaico de Praga/Arquivo de Yad Vashem; 3, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos/Arquivo de Yad Vashem. Cortesia de Olga Fierzova. © Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos.

As fotografias do encarte foram cedidas pela autora, exceto as designadas a seguir: 1, akg-images/ullstein bild; 2, cortesia do Arquivo de Yad Vashem; 3, Museu Judaico de Praga/Arquivo de Yad Vashem; 4, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos/Agência da Notícias da República

Tcheca/Pamatnik Terezin nardoni kulturni pamatka, cortesia de Ivan Vojtech Fric ©

Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos; 5, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos/Agência da Notícias da República Tcheca/Pamatnik Terezin nardoni kulturni pamatka, cortesia de Ivan Vojtech Fric © Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos; 6,

© Phototeque CICR (DR)/Maurice Rossel; 7, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos/Agência da Notícias da República Tcheca/Pamatnik Terezin nardoni kulturni pamatka, cortesia de Ivan Vojtech Fric © Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos; 8, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos, cortesia de Pola Musel © Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos; 9, Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos/Instytut Pamieci Narodowej, cortesia de Leopoldo Page Photographic Collection © Museu Memorial do Holocausto dos Estados Unidos; 10, cortesia do Arquivo de Yad Vashem.

Sobre a autora

HELGA WEISS nasceu em Praga, na atual República Tcheca, em 1929.

Depois de sobreviver ao Holocausto, ela voltou à sua cidade natal e cursou a Academia de Belas Artes, ganhando renome como artista plástica. Tem dois filhos, três netos e mora até hoje no apartamento onde viveu com seus pais até a deportação para Terezín.